

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**

**Renato Rodrigues**

**Ancestrais que vieram da África:**

**O Culto a Egúngún no Candomblé Omo Ilê Agboulá**

**MESTRADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**

**São Paulo**

**2021**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

**Renato Rodrigues**

**Ancestrais que vieram da África:**

**O Culto a Egúngún no Candomblé Omo Ilê Agboulá**

Dissertação apresentada a Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciência da Religião, sob orientação do Prof. Dr. Ênio José da Costa Brito.

**São Paulo**

**2021**

**Renato Rodrigues**

**Ancestrais que vieram da África:  
O Culto a Egúngún no Candomblé Omo Ilê Agboulá**

Dissertação apresentada a Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciência da Religião.

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Everton de Oliveira Marinaldi

---

Prof. Dr. Claudio Santana Pimentel

---

Prof. Dr. Wagner Lopes Sanches

---

Prof. Dr. Marco Antonio Fontes de Sá

Para

Isabel Rodrigues “Mãe Bel de Oxum” in memoria, minha irmã que me levou a seguir e percorrer desde criança e a respeitar os caminhos da Religião de Matriz Africana, há quem tenho uma jura com o seu Orixá Oxum até o momento em que eu estiver no Àiyé.

Anibal Rodrigues “Pai Anibal de Iansã” in memoria, Pai altivo que me iniciou dentro da Religião de Matriz Africana como Axogum para exercer minhas funções na Casa de Oxum.

José dos Reis “José de Oxossi” in memoria, há quem tomei minhas obrigações após a perda meu Pai iniciador.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 88887.369243/2019-00.

## AGRADECIMENTOS

Ao Deus supremo Olódùmarè que é o centro de todas as minhas atenções no princípio, meio e fim de tudo que decorre em meu viver. Esse Deus me presenteou com o Orixá Ogum para reger meu “ori”, meus caminhos e minha vida, onde humildemente agradeço.

“Mãe Margarida de Oxum” A minha eterna companheira, mulher amiga que é o tudo em minha vida, sem a sua presença não teria como realizar a conclusão desse trabalho. Quando olho para o lado e vejo alguém que esta sempre presente, uma pessoa que nunca me deixa desanimar, serei sempre grato pelas suas palavras de coragem, uma pessoa que sempre luta para me ver feliz, agradeço tudo que já fez por mim, por me ouvir, por me fazer sorrir, e outras coisas que aprendi com você. E mais uma vez: obrigado por existir! Agradeço a Olódùmaré por colocar você em minha vida que haja sempre luz em seus caminhos. Muito Axé.

Ao meu filho Kauê que acompanhou-me por várias noites nesse trabalho.

Ao meu neto querido Heitor, que foi tão lembrado antes de sua chegada no Àiyé, em várias noites, nos momentos da elaboração desse trabalho.

Ao Pai Balbino Daniel de Paula, um ser iluminado por Olódùmaré, onde recebeu-me no Terreiro de Matriz Africana “Omo Ilê Agboulá” em um dos momentos mais difíceis de minha vida, dando-me muitos conselhos e orientando-me espiritualmente em meus caminhos a seguir, que todos os Orixás sempre o ilumine e dê muitas forças para cuidar de nossos Ancestrais.

Aos Filhos do Terreiro de Matriz Africana Axé Ilê Ibatójemim Ogã Pai Gustavo de Ogum, Ogã Pai Carlinhos de Oxalá, Dofono Angelo de Inhasã, Ekedí Mãe Jane de Xangô, Ekedí Mãe Gisele de Yemanjá, Ekedí Mãe Ana de Yemanjá, Ekedí Mãe Adriana de Oxumarê Ekedí Mae Silvana de Yemanjá, Yaôs Donofa Marcia de Iansã, Dofonitinha Claudinéia de Oxum, Abiã Wilson de Oxossi.

Ao amigo Professor Verissimo Furtado que neste trabalho deu-me força e cumplicidade ao longo dessa etapa em minha vida, agradeço por todo incentivo e apoio incondicional.

Ao amigo Orlando Gemignani, que mesmo com toda distância física tornou-se verdadeiramente presente em vários momentos dessa minha caminhada.

Ao meu Orientador Professor Doutor Ênio José da Costa Brito que me ajudou a concretizar esse nosso trabalho de suma importância e necessidade nas academias. Hoje sou uma pessoa mais capaz e realizada, porém nunca esquecerei que a todo o momento desta conclusão estive ao meu lado, orientando-me, apoiando-me e engrandecendo-me sobre essa pesquisa, suprimindo as diretrizes fundamentais para esta missão acadêmica.

Aos Professores Doutor Cláudio Santana Pimentel e Doutor Everton de Oliveira Maraldi há quem participarão da minha banca de qualificação e por suas generosidades em revisarem, orientar-me e partilharem seus vastos conhecimentos e pela dedicação à minha formação, foi um privilégio ouvi-los na minha qualificação.

Aos estimados Professores Doutores do Departamento de Ciência da Religião onde sempre me acolheram com carinho em todo o curso de mestrado contribuindo, dedicando e compartilhando de todos os seus conhecimentos com esse nosso trabalho, Prof. Dr. Edin Sued Abumanssur, Prof. Wagner Lopes Sanchez, Eduardo Rodrigues Cruz, Fernando Torres-Londoño, Frank Usarski. Parabéns pelo trabalho de cada um de vocês, e recebam a minha admiração e gratidão eternas.

A CAPES E FUNDASP, pelo financiamento dado a pesquisa e conclusão desta dissertação.

A Assistente de Coordenação Andréia Bisuli de Souza, pessoa maravilhosa que nunca deixou de nos dar atenção, orientando dentro do programa sobre partes burocráticas e necessárias para o bom funcionamento da instituição, agradeço pela sua competência e todos os esclarecimentos e paciência conosco em todas as dúvidas e momentos difíceis dessa jornada.

## RESUMO

O presente estudo pretende oferecer uma contribuição original à pesquisa sobre o culto a Egúngún e a ritualística fúnebre no Candomblé, em virtude das escassas publicações sobre o tema. Partindo de um amplo levantamento bibliográfico, apresenta-se uma contextualização da diáspora africana, e, a partir daí, a descrição do Terreiro Omo Ilê Agboulá, na Ilha de Itaparica. A partir do culto a Egúngún, revela-se a importância da ancestralidade para as religiões de matriz africana e como esta é mediada pela morte. A descrição das funções sacerdotais, dos espaços religiosos e dos rituais neles realizados permite uma melhor compreensão de sua dinâmica social e simbólica. Dessa maneira, compreendemos que cultivar Egúngún é continuar a lutar, preservar, pesquisar e incentivar os valores civilizatórios da Religião de Matriz Africana. Assim sendo, a Religião de Matriz Africana tem como objetivo a preservação do Planeta Terra, respeitando e cultivando a vida animal e vegetal.

Palavras-chave: diáspora africana; Egúngún; religiões afro-brasileiras; Terreiro Omo Ilê Agboulá.

## ABSTRACT

The present study offers an original contribution to research on the cult of Egúngún and funeral rituals in Candomblé, due to the scarce publications on the subject. Starting from a wide bibliographic survey, a contextualization of the African Diaspora is presented, and, from there, the description of the Terreiro Omo Ilê Agboulá, on the Island of Itaparica. From the cult of Egúngún, the importance of ancestry for Afro-Brazilian religions is revealed and how it is mediated by death. The description of priestly functions, religious spaces and the rituals performed in them allows a better understanding of their social and symbolic dynamics. In this way, we understand that worshipping Egúngún is continuing to fight, preserve, research, and encourage the civilizing values of the African Matrix Religion. Therefore, the African Matrix Religion aims to preserve Planet Earth, respecting and cultivating animal and plant life.

Keywords: African Diaspora; Egúngún; Afro-Brazilian Religious; Terreiro Omo Ilê Agboulá.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Casa dos escravos Ilha de Gorée .....	28
Figura 2 – Escravos no Navio Negroiro. ....	29
Figura 3 – Mercado de Escravos (1935). ....	30
Figura 4 – Escravos sendo jogados ao mar. ....	31
Figura 5 – Rebelião de Escravos. ....	32
Figura 6 – Xirê de Candomblé. ....	37
Figura 7 – Árvore da Ancestralidade. ....	39
Figura 8 – Babá Egum. ....	41
Figura 9 – Terreiro Omo Ilê Agboulá. ....	46
Figura 10 – Maria Bibiana do Espírito Santo. ....	52
Figura 11 – Mapa de Localização do Terreiro Omo Ilê Agboulá. ....	53
Figura 12 – Festa de homenagem a Babá Egum Terreiro Omo Ilê Agboulá. ....	55
Figura 13 – Orun Aiyê – ligação entre o Céu e a Terra .....	56
Figura 14 – Arvore Amoreira com frutos. ....	58
Figura 15 – Orixá Ikú a morte. ....	61
Figura 16 – Emi – sopro da vida. ....	63
Figura 17 – Cortejo Fúnebre de um iniciado no Candomblé com cargo. ....	66
Figura 18 – Início do Ritual do Axexê. ....	68
Figura 19 – Oferenda Ritual de Axexê. ....	69
Figura 20 – Padê de Exu. ....	72
Figura 21 – Ritual na casa do falecido .....	76
Figura 22 – Orixá Xangô. ....	86
Figura 23 – Casa do Orixá em seu ponto mais alto .....	88
Figura 24 – Orixá Oyá – Inhasã. ....	89
Figura 25 – Orixá Exu. ....	90
Figura 26 – Assentos dos Exus. ....	91
Figura 27 – Orixá Ogum. Retirado .....	91
Figura 28 – Assento do Orixá Ogum. ....	92
Figura 29 – Orixá Ossanhe. ....	93
Figura 30 – Orixá Onilé. ....	94
Figura 31 – Orixá Irôko. ....	96
Figura 32 – Assentamento de Orixá Irôko. ....	96
Figura 33 – Folha de Akôko. ....	97
Figura 34 – Babá Egun. ....	98

Figura 35 - Planta do Terreiro Omo Ilê Agboulá. ....	101
Figura 36 - Trio de atabaques. ....	104
Figura 37 – Cadeiras e tronos de Egúngún. ....	104
Figura 38 - Planta com explanação do Espaço Sagrado Privado, Espaço Sagrado Público e espaço Profano. ....	108
Figura 39 - Barracão do Omo Ilê Agboulá. ....	111
Figura 40 - Orixá Olokun.....	116
Figura 41 - Orixá Yemanjá. ....	117
Figura 42 - Orixá Oxum. ....	118
Figura 43 - Seguimento do cortejo para estender a Bandeira. ....	119
Figura 44 – Início da Saudação enfrente a Capela Nossa Senhora das Candeias. ....	120
Figura 45 - Basílica Santuário do Senhor do Bonfim. ....	122

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	13
CAPÍTULO I – HISTÓRICO DO OMO ILÊ AGBOULÁ .....	27
1.1- Homens, mulheres, crianças e deuses em diáspora.....	27
1.2- Candomblé .....	37
1.3- Ancestralidade .....	39
1.4- Histórico dos terreiros de Egúngún .....	41
1.5-Histórico do Terreiro Omo Ilê Agboulá .....	46
CAPÍTULO II - OS AXEXÊS LÉSSE ORIXÁS E LÉSSE EGÚNGÚN E SEUS PROTAGONISTAS .....	55
2.1- Os Ojés .....	55
2.2-Ikú .....	60
2.3-O Ritual fúnebre no Terreiro de Orixá de Matriz Africana .....	65
2.3.1 Axexê Lessé Orixá .....	65
2.3.2 Axexê Lessé Egúngún - O Ritual do velório na casa do Falecido e no Terreiro de Culto a Egúngún.....	76
CAPÍTULO III – OS LUGARES SAGRADOS REPRESENTATIVOS DO TERREIRO OMO ILÊ AGBOULÁ E SUAS DIVISÕES E SUA SEGMENTAÇÃO.....	86
3.1- Os Orixás do Terreiro Omo Ilê Agboulá .....	86
3.1.1 Orixá Xangô .....	86
3.1.2 Oyá – Iansã.....	88
3.1.3 O Ilê de Exu.....	90
3.1.4 Orixá Ogum.....	91
3.1.5 Orixá Ossanhê .....	92
3.1.6 Orixá Onilê .....	94
3.1.7 Orixá Irôko.....	95
3.2 - Akôko .....	97
3.3- O culto a Egúngún.....	98
3.4- O ambiente Sagrado do Terreiro “Omo Ilê Agboulá” .....	107
3.4.1 Ilê Iyá Egbé (Casa da Mãe da Sociedade).....	109
3.4.2 Ilê Orixá.....	109
3.4.3 Barracão.....	111
3.4.4 O Barracão do Terreiro Omo Ilê Agboulá.....	111
3.4.5 O ambiente livre e sagrado .....	113

3.4.6 Assentamento de Ibá Orixá (assentamentos sagrados dos Orixás).....	114
3.4.7 Assentamento no Ilê Ibò akú (casa de adoração aos ancestrais) .....	114
3.5- A festa das Águas .....	116
3.5.1 Os Orixás homenageados.....	116
3.5.2 O Orixá Olokun – O Senhor Do Mar.....	116
3.5.3 Orixá Yemanjá.....	117
3.5.4 O Orixá Oxum .....	118
3.5.5 A Festa .....	119
3.6 Sincretismo Religioso .....	123
CONCLUSÃO.....	127
REFERÊNCIAS .....	131
REFERÊNCIAS DE FIGURAS .....	133

## INTRODUÇÃO

Depois de uma longa vivência religiosa na Roça de Candomblé denominada “Achê Ilê Ibatojemim”, como afrodescendente sou desafiado a compreender minhas raízes culturais religiosas. Sou raspado (iniciado) com o cargo de Axogum (Ogã de faca, corte e abatimento de animais) desde 19 de julho de 1986, cargo que é um dos mais importantes e de maior responsabilidade dentro de uma Casa ou Roça de Candomblé. Fui iniciado pelo Zelador de Santo Aníbal Rodrigues, mais conhecido como (Aníbal de Inhasã), dentro desse meu Axé somente poderia ter cargo de Ogã e Ekedí<sup>1</sup> o filho que passasse pelo fundamento de raspagem de cabeça (cabelo) e fosse apresentado na sala (barracão) no dia de sua saída, como Pai ou Mãe.

Antes do recolhimento o mesmo é suspenso em uma cadeira sendo carregado por homens no caso Ogã, carregado por mulheres no caso Ekedí. O filho (a) que foi raspado será sempre apresentado no barracão e aos fiéis presentes com a sua qualidade de Ogã, e qual Orixá ou casa de Santo irá servir. Cito esse fundamento, pois diferencia de casa para casa, ou Axé para Axé, algumas casas de Santo Candomblé não utilizam da realização deste fundamento de raspagem de Ogã ou Ekedí. Os orixás, conhecidos como ancestrais originados da África, são divindades sagradas que adquiriram controle sobre a natureza durante sua vivência em nosso planeta.

Tomando meus 21 anos de Obrigação de Santo na Roça de Candomblé denominada “Achê Ilê Ibatojemim” recebi o cargo de Ogã Axogum Alagbá Babá, (Alagbá Babá primeiro cargo masculino dentro de um terreiro, chefe do terreiro, um dos cargos mais elevado dentro de uma hierarquia Afro brasileira), sendo essa obrigação chamada de ODU OKANLELOGUN. No momento da saída de minha obrigação recebi a seguinte honra: Osiwanjú Ogòtún Funkí Oluko Tiwa - Alagbá Babá - Cargo masculino, mais elevado dentro de uma casa de Santo “Candomblé”, a Ala direita da faculdade para os Iorubas.

A partir dessa obrigação tem-se o respeito de toda a sociedade Candomblecista, porque o adepto já passou por todos os atos e obrigações. Todos os orixás e pessoas mais

---

<sup>1</sup> Ekedí é um dos cargos femininos na hierarquia do candomblé no Brasil, de grande valor, seria o feminino de Ogã porem cada um com seu cargo e função, esses não entram em transe, pois necessitam estar acordadas para atender as necessidades dos Orixás.

novas de santo, mesmo que Babálorixás e Yalorixás deverão respeitar essa pessoa. Após essas obrigações feitas, essa pessoa só deverá oferecer ebós e comidas ao orixá quando ele pedir.

Mencionei acima o respeito devido ao cargo que recebi por parte dos membros do Terreiro até das Yalorixás e Babálorixás. São elas: Zeladora do Terreiro e Yalorixá Mãe Isabel de Oxum, pessoas que participaram de minha iniciação e feitura dentro do Candomblé de Matriz Africana, Dona Tereza do Axé da Gomeia, conhecida como Yalorixá Monakissimby, Yalorixá Mãe Margarida de Oxum, Babalorixá Pai José Ramos de Ogum, Ekedí Mariza de Yemanjá, Ogum Claudio de Obaluaiyê. São os responsáveis por tudo que acontece no terreiro, ninguém faz nada no terreiro sem sua prévia autorização. Sua função é sacerdotal: a Yalorixá faz consultas aos Orixás através do jogo de búzios. Em algumas tradições do Candomblé não aceitam homens para exercer esse cargo dentro da roça, sendo a mesma comandada somente pela hierarquia feminina. Quando necessário indicam a realização de determinados ritos, como o Ebó.

Ebó é uma sequência de rituais que vêm corrigir várias deficiências do ser humano (saúde, amor, prosperidade, trabalho, equilíbrio, harmonia), eles são feitos para tirar Eguns (Egún é um espírito desencarnado que ainda não adquiriu um grau de consciência e às vezes nem mesmo sabem que estão desencarnados). O Ebó é como uma súplica para alcançar uma graça. Mesmo os Ebós mais simples de serem feitos envolvem um enorme conhecimento dos fundamentos do alto Candomblé, pois nada pode sair errado ou será desconsiderado.

Com o falecimento da minha irmã biológica e Zeladora Izabel de Oxum conhecida como “Mãe Bel de Oxum”, após ter realizado todo o cerimonial de Axexê<sup>2</sup>, fui nomeado como o guardião dos ibás (Assentamento dos Santos) e encarregado de realizar o assentamento de Babá Egun em Ilha de Itaparica conforme confirmação de 3 zeladores de santo em seu jogo de búzios. A partir desse momento iniciei uma nova fase de minha vida e seguimento espiritual. Fui para ilha de Itaparica seguindo os conselhos de meus mais velhos (zeladores de santo) onde busquei informações como seria o procedimento no momento para o assentamento de Babá Egun da zeladora do Aché, onde sou Axogum.

Por todos esses motivos citados acima e sendo afro descendente e de raiz cultural Religiosa, sendo Axogum do Orixá “Oxum”, sendo guardião dos assentamentos “ibás” (louças), dei início a essa empreitada para dar a conhecer um pouco da riqueza dessa

---

<sup>2</sup> Axexê cerimônia realizada após o ritual fúnebre (enterro) de uma pessoa iniciada no candomblé

experiência religiosa partilhando informações sobre o culto a Egúngún no Candomblé do Omo Ilê Agboulá.

Esse breve relato de meu percurso religioso, quer deixar claro a minha pertença religiosa e os desafios que assumi ao propor realizar o mestrado em Ciência de Religião. A pesquisa foi realizada com vistas a apresentar uma arqueologia do Culto a Egúngún no Candomblé do Omo Ilê Agboulá.

Apresento de modo sucinto o conteúdo de alguns textos que sustentaram minha pesquisa.

José Sant'anna Sobrinho, em *Terreiros Egúngún: um culto ancestral afro-brasileiro*, em apresenta e analisa vários temas relacionados com minha pesquisa, cita conflitos, resistência e aponta situações e informação culturais da diáspora africana e da tradição Yorubá. Aborda a Ancestralidade na religião de matriz africana e o culto que foi trazido da África.

Sobrinho nasceu e viveu dentro da religiosidade de origem africana, seu texto traz informações preciosas sobre os Terreiros de Candomblé, em Ponta de Areia, Ilha de Itaparica, Salvador, BA, onde acontece o Culto a Egúngún e indica outros terreiros que praticam o mesmo culto. Entre os muitos temas por ele apresentados indicamos: o dos Ancestrais do povo Yorubano, suas origens e manifestações; a Ancestralidade masculina e feminina, os grupos familiares e a morte.

Um segundo texto de Sobrinho intitulado *Projeto de Programa de Ensino Afro* - que não vingou em Salvador por falta de verba -, menciona as falhas da história cultural brasileira, e sobre o que era ensinado erroneamente nas escolas públicas em sua infância. Nesse texto prioriza Culto a Ancestralidade "Egúngún". Para Sobrinho preservar essas tradições e seu legado é obrigação de todos, pois os terreiros e sacerdotes, os governos, outras religiões e formas de credo devem respeitar e entender que o outro é diferente e, ainda, combater a ocultação, a negação e a discriminação da cultura afro-brasileira.

*Os Orixás* de Pierre Fatumbi Verger traz relatos e entrevistas com autoridades importantes dentro da religião de Matriz Africana, apontando para a importância de alguns orixás nos terreiros de ancestralidade masculina Egúngún. Comenta sobre a sua iniciação, responsabilidades e a sua descendência familiar. Aponta situações e fundamentos (segredos), menciona o fato de crianças frequentarem as festas ritualistas, e que por diversas razões houve alteração no processo de iniciação, lembra que homossexuais não podem ter

cargo, e mulheres não fazem parte do culto, o culto fundamental é exclusivamente dirigido aos homens. Relata, ainda, sobre a fala dos Ojés (cargos que cuidam dos Egúngún), homens sábios que conduzem o culto.

Juana Elbein dos Santos em *Os Nagôs e a morte: Pàdè, Àsèsè* o culto Égun na Bahia examina e dissolve algumas interpretações e concepções sobre a morte, elabora simbolicamente os descentes africanos e rituais da África trazida pelos negros para o Brasil, em particular para região da Bahia, onde são qualificadas como herança nagô ou Yorubá. A autora define que os espaços dos terreiros se constituem como elementos fundamentais de uma narrativa afro-brasileira. Aborda o início do processo de transporte, implantação e reformulação dos elementos que integram o complexo cultural africano no Brasil, ocorrido no século XIX, sendo o resultado deste processo o surgimento de associações bem organizadas conhecidas como Terreiros de Candomblé.

Juana Elbein explica a criação e o surgimento do Candomblé no Brasil, seu histórico, práticas, expansão e o processo religioso. Define, ainda, o termo ioruba “*Agbo-Ilê*” (conjunto de casas, grande comunidade), definindo, também, os limites da comunidade física que integra o Terreiro de Candomblé. Esta comunidade, ao se ampliar para além dos limites físicos do terreiro, se insere na sociedade global, dando origem a novos processos de interação. Algo muito semelhante com o que ocorreu a partir da diáspora africana. Com o tráfico a África e seus conteúdos culturais e filosóficos foram deslocados e transportados para o Novo Mundo através das comunidades.

Existem dois espaços no Candomblé, o urbano e o rural. O espaço urbano com suas construções de casas e templos. Destaque para o Barracão que é um local para as festas públicas, seus espaços delimitados são as cozinhas, quartos de santo (roncô), sabaji (quarto utilizado pelo zelador para troca de roupas). O espaço rural é denominado Roça de Candomblé por estar localizado entre elementos vegetais e naturais, elementos importantes para os rituais. O espaço urbano e doméstico é controlado pelo homem, enquanto o espaço rural que é habitado por matas fértil, cachoeiras, lagos e animais. São habitados por espíritos e divindades. A autora enfoca esses espaços como possuidores de elementos do Áiyé (plano material) e do Òrun (plano espiritual), estabelecendo assim uma relação harmoniosa entre eles.

Fabio Velame Macedo em *Arquitetura da ancestralidade afro-brasileira: O “Omo Ilê Agboulá”*: um templo do culto aos Egum no Brasil, realiza um excelente aprofundamento dentro do Terreiro de Matriz Africana “Omo Ilê Agboulá”, localizado em Ponta de Areia

Município de Itaparica Salvador BA, tratando profundamente dos Orixás, que fazem parte do espaço do Terreiro de Culto a Babá Egun (ancestralidade).

O livro busca entender como a Religião de Matriz Africana específica desse terreiro, sobrevive até os dias atuais. Trata também dos espaços arquitetônicos, espaços dos Orixás e do Templo Sagrado de culto a Egúngún “Omo Ilê Agboulá”. O autor define a estrutura do terreiro como uma edificação no tempo, ou seja, unir pedra com pedra, sintetizando assim a persistência de um grupo de gerações, resistindo assim a perpetuas modificações.

O autor faz referência ao complexo cultural espiritual dos sacerdotes, bem como a recíproca importância entre o Àiyé e o Òrun. Relata todo o histórico dos Terreiros de Egúngún, do Terreiro “Omo Ilê Agboulá”, as perseguições policiais, discriminações e intolerância religiosas sofridas desde a época de sua fundação até os dias atuais.

Apresenta o culto a Egúngún, as proibições e normas dentro do ritual litúrgico. Caracteriza cada espaço na sua dimensão física e simbólica. Destaca a presença dos Ojés Abá, “homens mais velhos”, com seu papel dentro da religião, família, e comunidade geral, são conselheiros da comunidade .

Menciona as festas que constituem o Calendário Litúrgico do “Omo Ilê Agboulá”, as oferendas, o abatimento de animais aos assentos e divindades sagradas, a importância das mulheres “Erelu”, na participação das danças e nos cânticos sagrados, a saudação aos atabaques e as demais pessoas de cargo que estão presentes nas festividades. Descreve as indumentárias e roupa de Egúngún, realizando distinções entre os Aparaká e o Egún Abá.

Entre as festas prioriza a da Bandeira, toda a sua importância, ritual, seu percurso e cortejo, o momento em que essa é fincada na praia, a festa das Águas, o presente e o cortejo para as divindades das águas.

Nei Lopes em *História e cultura africana e afro-brasileira* aponta para a afirmação de uma identidade negra, dentro do resgate do verdadeiro passado da África e da realidade histórica dos africanos e descendentes no Brasil. Revela que a herança cultural negra dos dias de hoje é a criação dos valores de nossa sociedade e a recriação dos valores de nossos ancestrais. O autor faz registro do passado africano em sua ligação com o Brasil, mostrando assim a resistência ao tráfico negreiro e a escravidão no Brasil. Relata a história da África e das civilizações e organizações pré-coloniais e a intervenção européia; relembra o significado de civilização e a importância do povo africano e a contribuição dos Povos Bantos e Yorubás. Aborda, ainda, a Pré-história da África, focando os estágios do desenvolvimento humano,

elencar a relação das rotas comerciais e a sua influência cultural, as primeiras fases do processo de islamização da África e a resistência dos grandes Impérios Negros, as grandes navegações e o início da escravidão africana.

Digno de nota o relato sobre a Ilha de Gorée, voltarei a ele no nosso trabalho. Enumera, os grupos étnicos que foram trazidos para o Brasil, entre eles os Congos, Yorubás, Mandingas, Manjacos, Saracolês e as crianças escravas e a vida dos escravos no Brasil. Descreve os conflitos africanos e o reino de Daomé e os povos Ewe-Fon, esses povos no Brasil são conhecidos como povo Jejes.

Do oeste-africano, os negros trouxeram as suas doutrinas espirituais para o enriquecimento da cultura no País, como o Candomblé da Mina Maranhense, da encantaria amazônica e a primitiva umbanda. Através do Candomblé, chegam às mesas de hoje a culinária baiana, os cortejos de carnaval de Afoxé. Relata sobre os trajes africanos e a sua importância na cultura brasileira e nas casas de religião de Matriz Africana.

O autor faz uma longa abordagem sobre o histórico dos quilombos, lembrando que todo o núcleo que reunisse mais de cinco escravos fugitivos seria considerado quilombo. Lembra as heranças culturais e as manifestações fundamentais para formação do Brasil, como a música e os instrumentos musicais. Os escravizados se comunicavam através do tambor, instrumento utilizado também chamado culto aos Orixás, para acompanhar suas danças e coreografias.

A ancestralidade e religiosidade, temas importantes de meu projeto, também são mencionados, quando se refere às religiões de matriz Africana no Brasil, a alma da África no Brasil e ao entendimento dos sincretismos. Apresenta o registro dos Orixás, divindades iorubanas, ancestrais, enumerando as figuras dos Orixás Oxum, Orixá Xangô, Orixá Iansã, Orixá Ogum, Orixá Ewá e Egúngún, as vertentes do Candomblé relatando algumas casas de Matriz Africana e relatando sobre o Xangô nordestino.

Outro autor ao qual recorreremos foi Reginaldo Prandi, em *Mitologia dos Orixás* retoma muitas das lendas africanas e nos ajudou a compreender um pouco mais a cosmo percepção africana e a ler e interpretar com mais cuidado os mitos.

João José Reis em *A Morte é uma Festa*, aborda os eventos festivos ligados à morte no século XIX. Para isso, ele faz uso de documentos e relatos da época para relatar a revolta ocorrida contra a construção do cemitério do Campo Santo. A leitura não possibilita apenas a compreensão da Revolta da Cemiterada, mas também o contexto religioso, social da época.

No Brasil existiam várias formações religiosas, como as irmandades e as ordens terceiras que tinham suas próprias igrejas, cultuavam os seus santos, e realizavam muitas festividades. As irmandades eram espaços religiosos e de sociabilidade, que congregavam diversos segmentos sociais. Eram mantidas com contribuições dos seus membros, o que dava a eles o direito a enterros, auxílio de ajuda, e a concorrerem a cargos dentro delas. As irmandades atendiam diversas etnias, fator gerador de tensões entre elas, assim, as santas casas de misericórdia não aceitavam os negros mulatos e outros descendentes, somente os brancos de sangue puro. As igrejas discriminavam as irmandades devido às festas, com danças, solta de fogos, paqueras e muita bebida.

Em geral, os enterros ocorriam nas igrejas. O município cria uma lei que proíbe os enterros nas igrejas, passando o mesmo a ser nos cemitérios. As autoridades declaram que por uma questão de saúde pública teria que haver um local próprio para sepultar os mortos. Tanto as irmandades, quanto as Igrejas contestaram essa mudança. Por ocasião da inauguração, a população em gesto de protesto compareceu e derrubou o cemitério, o evento ficou conhecido como Cemiterada.

Logo após a Cemiterada, uma forte epidemia se abateu sobre a cidade matando boa parte da população. Lentamente, os cemitérios seriam aceitos e a morte passou a ser pensada como a separação definitiva entre os vivos, sem estratégias de prender o morto ao mundo dos vivos, a não ser pela memória.

Ainda na obra, *A morte é uma festa* registra, um momento da história política e cultural que permite compreender as tensões geradas pelo processo de centralização e construção do estado imperial, com suas implicações para a vida cotidiana das pessoas.

*Kabengele Munanga em Origens Africanas do Brasil Contemporâneo*, reflete sobre a Lei nº 10.639, sancionada pelo Presidente Lula, em 2003. O conteúdo da referida lei passa a ser obrigatória em todas as instituições Públicas e particulares do Brasil. A referida Lei cria uma demanda grande de materiais para servir de subsídios dentro dos currículos das unidades escolares. Algumas unidades e federações com várias Secretarias de Educação ainda discutem sua efetivação e importância.

Quando diversos autores mencionam história da África nos livros didáticos, imediatamente, revelam a história da escravidão com imagens de negros amarrados em troncos e em trabalhos humilhantes. Munanga constata que as imagens mostram uma África

dividida, atrasada com ênfase nos aspectos negativos como a fome, calamidades naturais, doenças endêmicas AIDS, guerras, miséria e pobreza.

No entanto, os livros didáticos deveriam apresentar a cultura africana, sua geografia e história abordando o continente africano na sua unidade e diversidade biológica e antropológica.

Descreve a África antes da colonização, África colonial e África independente, destacando quatro famílias: a afro-asiática, a khoi-khoi, a nilo-saariana e a níger-cordofaniana.

O autor expõe os elementos pelos quais considera que a África negra, apesar de sua diversidade cultural e étnica forma uma unidade, uma africanidade. Explana sobre casamento, família, organização política, sistemas de crenças e visões de mundo. Munanga para explicar o conceito de africanidade recorre aos cortes étnicos que a população negra traz no rosto. Relata à globalização da vida africana e analisa as obras, as instituições, as idéias, visões de mundo, reivindicação da negritude, ação política do pan-africanismo.

O continente africano é considerado como berço da humanidade e produtor de sociedades complexas na antiguidade, como a egípcia e a cuxita, povo de pele escura e, posteriormente, de impérios, como Gana que foi um antigo império que dominou a África Ocidental durante a Idade Média e Império Mali foi um estado grande e rico que existiu na África ocidental.

Relembra que termos como “África”, “africanos” e “negros” são criados e difundidos por observadores externos para denominar regiões e populações diferentes dos padrões ocidentais. Descreve ainda as antigas civilizações da África: a axumita, Kanem-Bornu, os impérios de Gana, a egípcia, Songai, Mali e Monomotapa, as cidades iorubas Ifé e Benim, os reinos de Abomé, Achanti e Congo. As consequências do tráfico e da escravidão para a África.

Trata também da escravidão na África Tradicional para fundamentar sua opinião sobre a tragédia do tráfico negreiro. Na sua visão, a escravidão tradicional africana tinha elementos que não foram adotados nas Américas nem nos países árabes. Esse tópico é relevante, pois no atual debate sobre ações afirmativas, que beneficiam afrodescendentes, em países como o Brasil, a escravidão que existia na África é utilizada como argumento para deslegitimar essas políticas.

O tráfico negreiro instalou-se na África a partir de uma intervenção externa, árabe e ocidental. Alguns dirigentes africanos dos séculos XVI ao XIX entraram nesses circuitos do tráfico humano como fornecedores de mercadoria humana num mercado internacional sobre o qual não tinham nenhum controle. Alguns até enriqueceram tornando seus reinos potentes e crítica. A escravidão foi uma das maiores tragédias da história da humanidade.

O autor compõe em sua obra um glossário com termos e significados da Origem afro-brasileira e enriquece o livro com ilustrações de mapas, fotos e imagens. A obra de Munanga é uma das referências teóricas que irei utilizar para as reflexões sobre História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no Brasil atual.

Esta breve revisão bibliográfica possibilitou cruzar as informações obtidas do estudo das mesmas como minha experiência e vivência no Terreiro, uma vez que utilizei estes autores como referências teóricas.

A herança biológica é o processo pelo qual uma célula torna-se predisposta à descendência das características da sua célula mãe, pelos indivíduos e causam a evolução através da herança e da hereditariedade, passando assim as características para seus descendentes, antepassados e pais. Em nossas crenças e na nossa saúde esse processo está ligado a nossos pais, deles herdamos também a saúde psicológica. Nossas heranças espirituais acompanham nossas famílias e descendências de antepassados e de onde viemos. Constatação que nos ajuda a compreender a importância de nosso tema de pesquisa.

Dentro da Religião de matrizes Africanas a ancestralidade “Egúngún” (espírito de morto com cargo dentro da religião de matriz africana) é cultuada dentro do Candomblé Omo Ilê Agboulá, situado em Ponta de Areia, Ilha de Itaparica, Salvador BA. A ancestralidade é um princípio tradicional e religioso com dinamismo, energia e vitalidade, sendo compreendido de maneira existencial, concreta, dinâmica e vital nas combinações de forças, de uma maneira existencial, com sentimento, respeito afetividade e aproximação, demonstrando uma grande admiração e afeição pelo outro.

É visto especialmente nos seus aspectos dinâmico e relacionado com a vida, muito real e concedido para cada ser, tendo a ideia cultural de uma força relacionada com o mundo e o universo, dando força e poder a todos. O culto a Egúngún é coberto de saberes e poderes exclusivos, de forma e preservação ancestral africana dentro da Religião de Candomblé, sendo revestida de poderes especiais e invocações, possuindo assim um controle capaz de mover o mundo, através da força da alma, e da vida.

A palavra é à base de tudo na vida, pois traz uma força vital dentro do ritual e do mito, nos anima em tudo. O mundo é interligado com o mundo pós-morte, na religião afro vive-se sempre em contato com o seu antepassado, ancestral e espíritos, dinâmica reveladora da magia da tradição das religiões de Matrizes Africanas.

No “Candomblé”, a terra é denominada (Àiyé) onde somos habitantes, (Òrun) é conhecido como espaço ancestral portando somos Ara Orun (seres do além), Aiyê significa (mundo concreto) e Òrun (espaço astral, céu). Na religião do Candomblé, o ser humano tem a sua origem através da fecundação passando por fases de vida, “o nascimento, nascimento e nascimento”, em outras palavras, ele nasce através da “fecundação”, nasce dentro da religião no Candomblé quando se inicia como “Iaô” (iniciados com a feitura de santo, raspado), e o mesmo nasce para o Òrun (céu, mundo espiritual, mundo físico) quando “falece”, pois religiosamente a morte é um início de um novo ciclo dentro da cultura Yorubana, quando se parte para o Òrun inicia-se um novo ciclo concreto de energia ancestral.

A ancestralidade dentro das religiões de Matrizes Africanas (Candomblé) pode ser assim definida: enquanto houver a existência do homem existirá Babá Egum. Por mais que sejam nossas situações e aflições difíceis, enquanto houver nossos ancestrais no Òrun sempre estaremos tranquilos, pois eles acharão uma solução para nossa situação. Um ser humano que não tem ancestral pode ser considerado sem raiz familiar.

Todos nós seres humanos deveríamos cultuar a ancestralidade pelo seu aspecto benéfico ou apenas para agradecer a passagem pela Àiyé e pelo simples fato de estarmos vivos e em contato com nosso reino e energias. A religião de Matrizes Africanas (Candomblé) sempre conserva, preserva e eterniza as tradições através dos tempos. Nossos ancestrais devem sempre ser amados e louvados e não temidos.

As considerações acima reafirmam a importância de uma pesquisa relacionada com a Ancestralidade “Egúngún” dentro do Candomblé Omo Ilê Agboulá, como desenvolvemos em nosso trabalho de Mestrado em Ciência da Religião. Acrescente-se, ainda, que o Culto a Egúngún no Candomblé do Omo Ilê Agboulá é de pouco conhecimento, mesmo, entre os estudiosos das Religiões Afro - Brasileiras e pouco praticado.

Dar a conhecer o histórico do Omo Ilê Agboulá, os cultos de Axexê Lésse Orixás e Lésse Egúngún com seus protagonistas, os espaços sagrados do Terreiro e suas festas pode contribuir para um diálogo maior entre as múltiplas experiências religiosas e quebrar alguns preconceitos.

Nosso objeto de estudo é o culto a Ancestralidade “Egúngún” dentro do Candomblé Omo Ilê Agboulá, situado em Ponta de Areia, Ilha de Itaparica, Salvador, BA, onde acontece o culto religioso à ancestralidade “Egúngún” (espírito do falecido com cargo dentro da religião de matriz africana). Delimitaremos a pesquisa ao culto a Babá Egun.

O Candomblé é uma religião com descendência africana trazida pelos escravizados para o Brasil, nela os praticantes acreditam em “deuses” que são os Orixás e seus ancestrais. A partir deste contexto levantamos as seguintes questões: Como o Terreiro de Candomblé Omo Ilê Agboulá iniciou e se estruturou. Quais as características singulares do culto a Babá Egun. Qual o papel do sacerdote e dos Egúngún? Qual a importância dos diversos espaços do Terreiro de Candomblé Omo Ilê Agboulá.

Nossa hipótese de pesquisa é que os africanos mantiveram seus cultos através de processos sincréticos e híbridos em intensa negociação com as religiosidades presentes no Brasil Colonial, de modo especial, com a religiosidade católica. Preservação reveladora de resistência e resiliência.

Essa relação tecida entre os santos católicos e as entidades do Candomblé foi uma das formas que os escravizados encontraram para continuar realizando seus rituais sem perseguições. Sabemos que a religião permite a legitimação das propriedades características a um estilo de vida de um grupo ou uma classe. A religião cumpre uma função social.

Na época da escravidão, os negros trazidos da África eram batizados e obrigados a seguir o Catolicismo, com pouco efeito prático, pois, continuavam a buscar proteção em suas entidades, cultuadas em espaços afastados nas florestas, quilombos e nas senzalas. Na África, o culto tinha um caráter familiar e era exclusivo de uma linhagem, clã ou grupo de sacerdotes, na diáspora não se manteve essas estruturas, no entanto sem perder as matrizes africanas as expressões religiosas foram se reinventando, ganhando particularidades e especificidades.

Egúngún tem a figura de Espírito dos Ancestrais falecidos, que possuíram cargos relevantes no âmbito da religião, ajudaram a resgatar e construir a história, as tradições e a cultura do povo afro. O culto a Egúngún é pouco praticado no Brasil dado a sua complexidade, ele preserva e guarda os laços do parentesco familiar e religioso mantendo a lembrança do princípio existente. O Egúngún acompanha sua família religiosa, não permitindo que as adversidades ocorram no seio dela. Na passagem de Egun para Egúngún há um ritual totalmente secreto dentro do culto da Ancestralidade, tornando-o mais poderoso e fortalecido através de purificação e energia.

O culto a Egúngún homenageia a Ancestralidade, nele se reverenciam os falecidos da religião Afro-brasileira com cargos dentro do Candomblé. Nesse culto, os Ojés (sacerdotes de cargos exclusivamente masculinos) são os zeladores dos Egúngún.

Associa-se a palavra saudade as sensações de ausência, carência, melancolia e até felicidade. A história diz que o surgimento da expressão se deu na época da colonização do Brasil, quando os portugueses sofriam com a distância de sua terra, casa e seus familiares. Assim, saudade pode ser definida como uma nostalgia melancólica por uma pessoa, lugar ou coisa que está longe no tempo ou espaço. Também nessa época, os negros escravizados no Brasil passavam por um sentimento de ausência, carência e melancolia por estarem distantes de sua terra natal forçadamente, encontraram nas suas expressões religiosas força para reconstruir suas identidades

Retomamos breve, nossos principais referenciais teóricos, indicando suas principais contribuições para nossa pesquisa. João José Reis em *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX* registra um momento da história política e cultural que permite compreender as tensões geradas pelo processo de centralização e construção do estado Imperial no detalhe da gestão e controle da vida cotidiana. O estudo aponta para a circularidade entre prática social e imaginária. As sensibilidades são agentes e produtos das mudanças históricas, elas moldam e são moldadas pela experiência concreta de cada sociedade e de cada cultura. Essa obra contribuiu e muito para a contextualização do tema pesquisado.

Fabio Velame Macedo em *Arquitetura da ancestralidade afro-brasileira: O “Omo Ilê Agboulá”*: um templo do culto aos Egum no Brasil trata da arquitetura do terreiro de candomblé “Omo Ilê Agboulá”, um templo da Sociedade de Culto aos Egun situado no povoado de Ponta de Areia, na Ilha de Itaparica. Oferece informações preciosas relacionadas com linhagem de veneração dos ancestrais Egúngún, informando que nessa linhagem não se realiza o culto aos Orixás. Relata, ainda, sobre a fundação do terreiro e qual a sua importância. A relação cultura e arquitetura, apontando todos os espaços sagrados estabelecidos no local em sua dimensão religiosa, especificando o culto a Egúngún, a organização do Terreiro, o seu funcionamento e suas transformações através dos tempos, possibilita estabelecer a relação entre o Terreiro e a comunidade local, comandado pela Ancestralidade Afro brasileira.

Kabengele Munanga em sua obra trata o resgate da história e a beleza da África, a importância do estudo afro-brasileiro para uma sociedade, a exploração brutal que os negros

africanos foram submetidos, a importância da cultura de um povo e do povo africano na cultura nacional, a importância da etnia negra e de sua cultura na formação do povo brasileiro. No Brasil não fomos educados como uma nação multicultural e pluriétnica, a pluralidade (diversidade) de várias etnias que se encontra em uma determinada região ou país. Obra que nos ajudou na percepção não só da beleza, riqueza cultural religiosa do culto a Egúngún, como também a perceber a importância do espaço do Terreiro

Juana Elbein, em seu livro "Os Nagô e a Morte" examina minuciosamente e desenvolve algumas interpretações sobre a concepção da morte, suas instituições e seus mecanismos rituais, tais como são expressos e elaborados simbolicamente pelos descendentes de populações da África Ocidental no Brasil. Sua pesquisa centra-se nas comunidades, grupos ou associações que se autodenominam de Nagô e que a etnologia moderna chama de Yorubá. O texto da autora possibilitou uma compreensão bem mais ampla da morte no universo Nagô.

Como objetivos elegemos: compreender como o Terreiro de Candomblé Omo Ilê Agboulá como se iniciou e estruturou; identificar as características singulares do culto a Babá Egun e o papel do sacerdote e dos Egúngún; indicar o espaço e a divisão do Terreiro Omo Ilê Agboulá; comparar atos fúnebres de Axexê dos terreiros Lessé Orixá e Lessé Egúngún ; explorar as funções e cargos dos sacerdotes do Terreiro e descrever os Orixás que fazem parte dos atos, suas funções e seus respectivos assentamentos.

Na pesquisa recorreremos a documentos históricos, imagens, sites, monografias, teses, documentários. A pesquisa bibliográfica foi complementada com uma visita farei ao Omo Ilê Agboulá, muito proveitosa não pelos contatos feitos, como pela troca de informações, sempre muito esclarecedoras. Nossa metodologia de trabalho foi dedutivo-indutivo.

Os dados de nossa pesquisa foram organizados em três capítulos, no primeiro, intitulado *Histórico do Omo Ilê Agboulá* revisitamos o drama da diáspora, explicitando todo o sofrimento imposto a homens, mulheres e crianças arrancados de sua terra para servirem a senhores no ultramar. Relembramos a recriação de suas expressões religiosas na diáspora privilegiando o tema da ancestralidade. A apresentação do Terreiro Omo Ilê Agboulá fecha o capítulo e abre para o segundo intitulado Os Axexê Lésse Orixá e Lésse Egúngún.

O capítulo segundo se articula entorno da morte (Ikú), nele apresentamos os responsáveis pelas cerimônias (Ojés) e os rituais fúnebres que acontecem no âmbito da religião de matriz afro, seja o Axexê Lessé Orixás como o Axexê Lessé Egúngún.

No terceiro, intitulado *Os lugares Sagrados representativos do Terreiro Omo Ilê Agboulá e sua divisão e sua segmentação*, depois da apresentação dos orixás do Terreiro e do culto a Egúngún, mostramos detalhadamente o espaço/ solo sagrado do terreiro e suas funções.

## **CAPÍTULO I – HISTÓRICO DO OMO ILÊ AGBOULÁ**

No primeiro capítulo tratarei, muito brevemente, a diáspora africana, que é o nome dado a um fenômeno caracterizado pela imigração forçada dos africanos durante o tráfico transatlântico de escravizados, com ênfase na Ilha de Gorée, que se localiza ao largo da costa do Senegal, em frente a Dakar. Procurarei explicitar como era o tratamento dos escravos nos navios negreiros e como e em que condições chegavam ao Brasil; o tratamento dado a eles pelos senhores, a falta de qualquer direito, os tipos e as condições de trabalhos e a suas condições precárias de saúde e alimentação. Em seguida chamamos atenção para importância e diversidade de suas culturas e as crenças religiosas, que deram origem às religiões de Matriz Africana na diáspora.

Depois deste breve e sintético resgate histórico, faremos uma breve introdução ao Candomblé uma das religiões afro-brasileiras, oriunda dos cultos tradicionais africanos, toda a sua crença está centralizada em um ser supremo, sendo esse culto dirigido por forças da natureza, sendo representadas pelos Ancestrais divinizados caracterizados como Orixás, voduns ou inquices, em conformidade com a diferenciação das nações.

Ancestralidade que se refere aos antepassados ou antecessores que são cultuados na Religião de Matriz Africana, em especial no Candomblé da Nação Ketu de Origem Yorubá. Para esta visão religiosa a vida não termina com o falecimento. “Atunua” (significa reencarnação) ou Àtúnbí (significa renascer), sendo assim o processo divino de continuação da existência.

Fecharemos o capítulo relatando o histórico dos primeiros terreiros de Egúngún, com ênfase no Terreiro “Omo Ilê Agboulá” e suas trajetórias, suas perseguições e histórico do desenvolvimento da Ilha de Itaparica.

### **1.1- Homens, mulheres, crianças e deuses em diáspora**

O tráfico negreiro foi uma atividade em que os prisioneiros africanos eram comprados nas regiões do litoral da África, para serem enviados para o continente americano e europeu para serem escravizados, incluindo o Brasil. Uma imigração forçada de longa duração para a população africana.

Convido o leitor a pensar em um navio, pensar nesta viagem na qual os seres humanos escravizados e forçados a viajar em um ambiente mais do que hostil, simplesmente, inóspito (e necrótico) alimentam, apesar da revolta, a ideia de um "o que está por vir".

Figura 1 – Casa dos escravos Ilha de Gorée



Autor: Robin Elaine. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Casa\\_dos\\_Escravos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Casa_dos_Escravos). Acesso em 20 jan 2021.

A Ilha de Gorée, localizada perto da costa de Dakar Senegal na África Ocidental, foi durante muitos anos um dos maiores pontos de tráficos de escravos mundial, os primeiros que colocaram os pés na ilha como colonizadores foram os portugueses em 1444. Dessa ilha era impossível escapar nadando por causa dos muitos tubarões. Os escravizados passavam por um túnel totalmente enfileirado e com as pernas e braços acorrentados, espaço muito pequeno, por ele só se passava em fileira indiana, um atrás do outro, sem possibilidade de retorno. Era impossível passar duas pessoas ao mesmo tempo. Assim, caso um se jogasse ao mar automaticamente os demais cairiam juntos morrendo afogados ou devorados por tubarões.

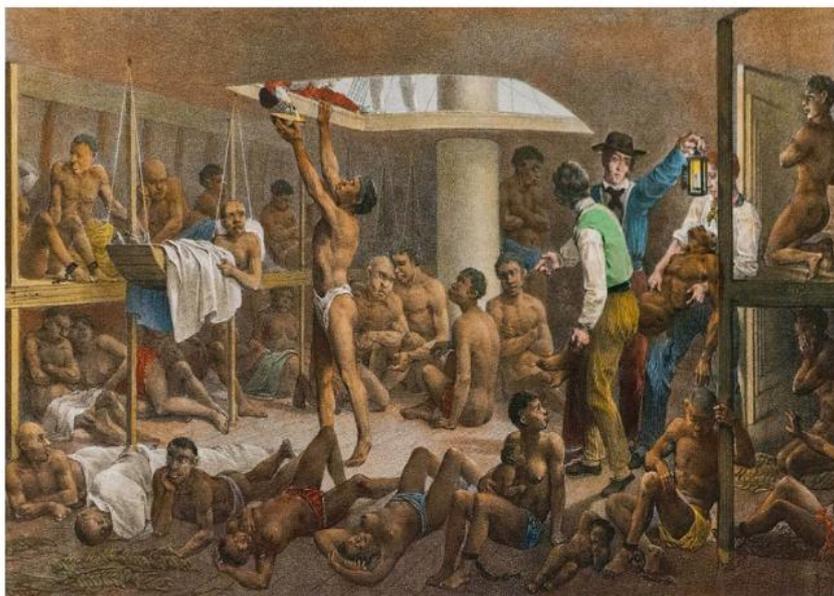
Houve um tempo em que a ilha tinha poucas casas, equipadas com prisões pequenas, possuindo aproximadamente 2,5 metros cada. Nelas eram alojados um grande número de escravos aproximadamente de 15 a 20 escravos homens por cela, as mulheres e as crianças permaneciam em locais separados dos homens, muitas eram abusadas sexualmente pelos seus donos. Todos eram mantidos nesse local em condições precárias durante vários meses aguardando a visita dos compradores. Uma vez arrematados, como mercadoria, seguiam no navio do comprador. A longa permanência na ilha, as condições precárias e falta de higiene deixava os escravizados muito fragilizados. Muitos morriam na longa travessia da “passagem

do meio”. A ilha foi considerada um armazém de escravos que funcionou do século XVI ao século XIX.

A migração forçada de escravos africanos para o Brasil foi principalmente uma migração de homens adultos. Estima-se que dois terços dos escravos que chegaram eram do sexo masculino, padrão típico da maioria das forçadas migrações internacionais de trabalho, contrastando com a típica migração familiar subsidiada de trabalhadores europeus para o país no final do século XIX.

Como os comerciantes portugueses e brasileiros dominavam o comércio de escravos, a maioria dos escravos africanos veio de áreas bem definidas. Nos séculos XVI e XVII, partiram sobretudo do Senegal e da zona do golfo do Benim e posteriormente da região Congo-Angola. [...]. O Brasil foi o maior receptor de escravos africanos da América, tendo somado pelo menos 4,8 milhões de pessoas até 1850. Começando no século XVI com um pequeno fluxo de africanos trazidos por traficantes portugueses, a média anual de escravos africanos elevou-se progressivamente, de cerca de mil no século XVII para 13 mil no XVIII, Alcançando a extraordinária média de 35 mil na primeira metade do XIX. (KLEIN, 2018, p.185)

Figura 2 – Escravos no Navio Negroiro

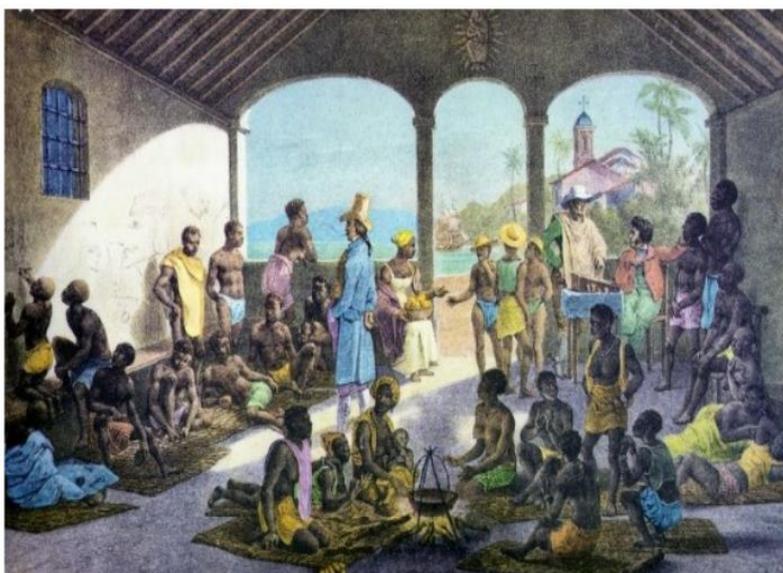


Obra: O navio negroiro (1835), por Johann Moritz Rugendas.

Os escravos africanos foram trazidos ao Brasil nos tumbeiros ou nos Navios Negreiros, nesses navios fizeram a travessia do Atlântico. O navio negroiro ou “tumbeiro” foi o tipo de cargueiro de escravos, usado para trazer milhões de africanos escravizados para as Américas. A viagem era árdua e durava cerca de dois meses, podendo se estender mais por causa de tempestades, da situação dos mares ou condições climáticas no geral.

Quando chegavam ao território brasileiro, eram levados para o mercado de escravos, (PEREIRA, 2007) a sofrência de um povo. Os traficados eram em sua maioria jovens de 8 a 25 anos. Padrão modificado nos últimos anos de tráfico. O que poderia ser carregado era trazido de qualquer maneira, os príncipes, chefes de religião, mulheres grávidas, mulheres com bebês, negros cegos, negros surdos, pessoas com defeito físico pelo corpo e outros.

Figura 3 – Mercado de Escravos (1935)



Obra de Johann Moritz Rugendas.

Alimentados apenas uma vez por dia e quase não recebiam água potável. Amontoados em porões, com dificuldade até para respirar dada a quantidade de pessoas, eram presas fáceis de doenças.

A alimentação a bordo era escassa, não apenas em razão do mau planejamento das viagens. A quantidade de comida era deliberadamente diminuta, a fim de inviabilizar a resistência dos cativos, sobretudo nos primeiros dias no navio. Carne-seca, feijão, farinha de mandioca e arroz compunham a dieta dos prisioneiros. Na ausência de alimentos frescos, a partir de certa altura da viagem grassavam doenças como o escorbuto, avitaminose conhecida nos séculos XVIII e XIX pelo elucidativo nome de "mal de luanda"; Luanda era um importante porto negreiro de Angola.

Vigiados, mal alimentados e reprimidos, os africanos ainda assim se rebelavam. Embora essa não fosse a regra, as revoltas eram comuns e amedrontavam as equipagens negreiras em razão da desproporção numérica entre os lados envolvidos. Para vigiar os escravos presos no porão, era útil compreender o que eles diziam - daí a importância da presença dos "línguas" ou marinheiros intérpretes, muitos deles também escravos. Incontáveis revoltas podem ter sido causadas pelo pânico de enfrentar uma morte trágica, como a de ser devorado uma terra estrangeira por gente branca." (RODRIGUES,2019, p. 344-345)

Uma grave doença que atingia os escravos nos navios negreiros era o escorbuto, doença contraída pela falta de vitamina “C” na alimentação dos tripulantes na época das navegações, pois os marinheiros ficavam muito tempo no mar e não se alimentavam de frutas e verduras, o que causava essa carência em seus organismos. As doenças gastrointestinais, Varíola, Febre Amarela, Sarampo e outras eram comuns também, nos navios negreiros muitos também sofriam de graves infecções oculares e intestinais durante o tráfico e os que não morriam chegavam prestes a morrer ou ficavam cegos.

Apesar de sua presença recorrente nos cenários variados da escravidão, altíssimos índices de mortalidade infantil que assolavam a população como um todo, e os escravizados em especial, sedimentavam entre proprietários a ideia de que a criança escrava era um bem de menor valor. Notadamente até a década de 1850, as taxas de mortalidade da população cativa inviabilizavam seu crescimento, e a continuidade da escravidão devia-se sobretudo à reposição de braços proporcionada pelo tráfico.

Nessas circunstâncias, excesso de trabalho, alimentação ruim e doenças não tratadas durante a gestação faziam com que mulheres escravas trouxessem ao mundo bebês demasiado frágeis. Nas fazendas, arrancados precocemente da companhia de suas mães - que, tão logo davam à luz, tinham os rebentos tomados de seus braços para que não atravancassem o trabalho -, os bebês escravos eram privados da amamentação e entregues aos cuidados de escravas mais velhas ou de crianças cativas um pouco maiores. Estas alimentavam-nos como podiam, amiúde com papas feitas de água e farinha, de digestão difícil - por vezes, com consequências fatais - para organismos ainda tão delicados (ARIZA, 2018, p.171)

Figura 4 – Escravos sendo jogados ao mar



Retirado de: <https://historiaprimeiroanoblasallesp.wordpress.com/2016/11/27/viagens-negreiras/>. Acesso em 20 jan 2021.

Cerca de 40% dos escravos morriam durante a viagem. Com o passar do tempo começaram a consumir batatas o que fez diminuir de maneira significativa a quantidade de

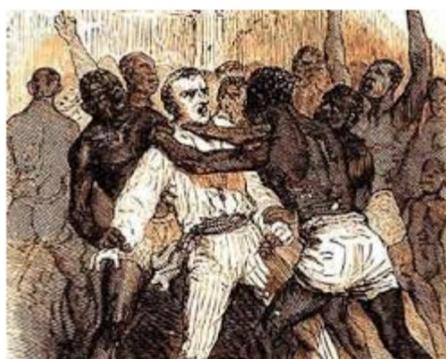
casos de escorbuto. A fama dessa doença acabou fazendo com que fosse popularmente conhecida como “o mal de Luanda”. Luanda era outra região de onde saía uma grande quantidade de escravos para o Novo Mundo. A exposição do corpo àquela conjuntura humilhante terminava transformando os porões do navio negreiro em um foco propagador de epidemias. Muitos escravos por sofrerem de fome e sede nas embarcações se suicidavam para não serem mais vítimas desses atos desumanos.

Traficantes levavam escravos adultos para o convés e os forçavam a fazer exercícios físicos. Sob a ameaça de castigo com chibata, os negros tinham de cantar e dançar resultando um espetáculo triste e melancólico. Nos navios apenas as crianças poderiam circular livremente nos conveses, porém muitas crianças pulavam fora do navio, por pensarem que seriam comidos pelos traficantes.

As rebeliões eram frequentes, algumas revoltas resultavam na conquista da embarcação pelos escravos, nas que as rebeliões fracassavam muitos escravos eram mortos e seus corpos lançados no mar (REDIKER, 2011).

Os traficantes dividiam o porão em três espaços, com altura de menos de meio metro cada um, os escravos eram presos pelos pés, amontoados e acorrentados em vários compartimentos também nesse montante eram mais de 500 escravos totalmente espremidos estando os mesmos sentados ou deitados. Fezes e urina eram feitas no mesmo local onde permaneciam e o alimento era jogado ao chão uma ou duas vezes ao dia e os escravos eram quem dividiam o alimento, a fome, sede, doenças e escuridão prevalecia, e quando houvesse algum problema de peso no navio os escravos eram lançados ao mar.

Figura 5 - Rebelião de Escravos



Retirado de: <http://ametamorfose1984.blogspot.com/2014/04/rebeliao-escrava-no-brasil-historia-do.html?m=1>. Acesso em 20 jan 2021.

Com a incursão do Brasil no século XVI, no dia 22 de Abril de 1500, pelos navegantes Portugueses, o problema da colonização se colocava para a Metrópole, esta

demorou a iniciar um processo de colonização. Quando iniciaram a solução foi aprisionar os nativos, chamados negros da terra, que mais tarde seriam substituindo em parte pelos negros da Guiné. Os baixos salários não estimulavam a vinda de colonos e a escravidão indígena com o passar do tempo ficava cada dia mais complicada, devido a oposição da Igreja Católica, na pessoa dos missionários e da escassez da própria mão de obra indígena. (MONTEIRO, 1994)

Para reverter e ampliar a força do trabalho, os portugueses resolveram investir no tráfico negreiro e explorar o mercado de escravizados, organizando e ampliando a transferência dessa mão de obra para o Brasil. Diferente dos indígenas, os negros africanos já estavam acostumados com trabalho agrícola e com trabalho de pastos. Tal alternativa crescia por dois motivos primordiais, Portugal já possuía o domínio da África e obtinha vantagens e lucros que a venda desses escravos trazia aos cofres da Coroa Portuguesa. Além disso, havia o apoio e sustento da própria Igreja Católica no caso da escravidão africana.

Os escravos que sobreviviam à travessia, ao chegar ao Brasil, eram logo separados do seu grupo linguístico e cultural africano e misturados com outros de etnias diversas para que não pudessem se comunicar e tentarem fugas, porém mesmo assim aconteciam. O papel de escravo de agora em diante seria servir de mão de obra para seus senhores, realizando tudo o que lhes ordenassem, caso não fizessem os castigos seriam violentos.

Nas cidades, homens e mulheres eram vendedores, carregadores, barbeiros. Desses, muitos trabalhavam por conta própria, no “ganho”, entregando parte do lucro aos seus donos e só indo até eles para entregar a remuneração estipulada. Assim, em algumas cidades, muitas mulheres chegaram a dominar o pequeno comércio de rua; algumas até prosperaram.

Quanto aos escravos rurais, em geral trabalhavam mais duro, haja vista seu regime alimentar típico. Despertados antes do sol nascer, recebiam a primeira ração e partiam para a roça. Às oito horas comiam algo como feijão cozido, com gordura e farinha, descansando por volta de meia hora. Às 14 horas, jantavam feijão, angu e couve, às vezes com um naco de carne.

Ao anoitecer, de volta à sede da fazenda, tomavam, por exemplo, um mingau. Outras distinções separam os escravos africanos dos crioulos (os aqui nascidos), e os ladinos (que falavam português) dos boçais (que só falavam a língua natal). Quanto ao gênero, vamos ver que as mulheres, menos numerosas que os homens, foram, como companheiras e mães, o elo possível entre a realidade da escravidão e a terra de origem. Sem esse elo, a herança cultural negro-africana teria se perdido. No trabalho, elas foram criadas para praticamente todo tipo de serviço (LOPES, 2008, p.52-53)

Os negros ingeriam um gole de cachaça e uma xícara de café como alimentação logo cedo, em seguida eram conduzidos pelo feitor para a roça, e por volta das oito horas da manhã o almoço era trazido por outro escravo da fazenda em um balaio grande de vime, contendo

dentro uma panela de feijão e um cozido engordurado adicionado com farinha de mandioca, que formava um angu que era espalhado em folhas largas de bananeiras, moranga, abóbora, couve rasgada e raramente um pedaço de carne de porco fresca ou salgada que era colocada no chão.

Os negros se ajoelhavam para encher as suas cuias e iam comer em silêncio, em seguida os negros cortavam o fumo de rolo e preparavam sem pressa os seus cigarros com palha de milho, realizavam um descanso de meia hora e continuavam a labuta até uma certa hora quando vinha o jantar. Quando o sol se punha eram conduzidos de volta à fazenda, todos eram passados por uma revista pelo feitor e recebiam um prato de canjica adoçada com rapadura como ceia, logo em seguida eram recolhidos a senzala (LOPES, 2008).

Os Portugueses cedo perceberam as múltiplas habilidades dos escravizados, seja na agricultura, como na fabricação de açúcar, no cuidar da criação e do gado, além de manusearem com extrema facilidade o ferro.

Os proprietários de grandes terras quando adquiriam os escravos encaminhavam para trabalho nas grandes produções agrícolas, eram alojados em uma habitação coletiva conhecida como senzala. Eram denominados como Escravo de Campo ou Eito e constituíam a maior porção dos escravizados na Colônia. Esses escravos chegavam a trabalhar num período de 13 a 18 horas, suas condições de vidas eram precárias, devido a alimentação limitada e a falta de assistência. Os escravos rebeldes que não cumpriam as rotinas impostas eram castigados e muitas vezes vendidos para outras regiões. Assim, a vida média de um escravo no campo alcançava um período superior a 21 anos de idade.

Em vários momentos e lugares, a escravidão desenvolveu-se sob um sistema em que os proprietários investiam na reprodução de seu plantel: criavam-se escravos para vender como se cria gado. Assim as crianças não viviam as etapas naturais do desenvolvimento humano, sendo adestradas, brutalmente, na rotina do trabalho e da obediência servil.

Muitas crianças escravas faziam trabalhos domésticos já aos quatro anos de idade. E, dentre os que conseguiam, poucos conviviam com os pais, dos quais podiam ser separados a qualquer momento. Em alguns casos, porém, uma rede de relações sociais ou o batismo católico compensavam a ausência da família. Mas a regra geral era o adestramento à base de castigos e humilhações (LOPES, 2008, p.53)

O ambiente colonial também era composto por escravos domésticos na sua maioria mulheres, que viviam no interior das residências dos grandes casarões e grandes fazendas, possuíam uma condição de vida melhor e com o tempo adquiriam a confiança de seus senhores. Tinham a função de cuidar da casa e das crianças, prepararem as alimentações e outras atividades domésticas, porem alguns escravos e escravas tinham de estar à disposição

sexual do seu senhor. Alguns trabalhavam na cidade, esses recebiam a nome de escravos de ganho, todo o lucro obtido com o trabalho ou com a venda de produtos pertencia ao dono.

Do período colonial têm-se muitos registros resistência e rebeldias de escravos, aconteciam tentativas de assassinato dos feitores e senhores, fugas frequentes e suicídios. Quando não aceitavam o processo de escravização e submissões, muitos escravos organizavam planos de fugas e se refugiavam para os quilombos, esses espaços eram considerados de comunidades negras livres.

Derivado do quicongolômbu - "sociedade", "grupo", "exército" - ou do quimbundo kilombo – “união” -, ou termo “quilombo, já na origem, teve vários significados. Assim eram designados acampamentos militares e também feiras e mercados nos antigos Congo e Angola.

Na acepção de “arraial militar permanente”, o primeiro a ter registro histórico parece ter sido organizado em 1539, em São Tomé, por cativos angolanos sobreviventes do naufrágio do navio que os levava para as Américas. Aquilombados passaram a constituir uma comunidade até hoje existente, conhecida como “angolares”.

O tipo de organização político-militar consagrado com Palmares [...], remontava aos jagas, povo ou grupo de povos guerreiros que, na segunda metade do século 16, sacudiu o eixo Congo-Angola. Esses jagas viviam em acampamentos chamados exatamente “quilombos”, de forma circular e divididos em blocos, cada um com seu líder. Os blocos eram protegidos por paliçadas e cancelas. No centro deles, igualmente protegidas, ficavam as instalações do comandante geral e chefe religioso. (LOPES, p.66-67)

Na escravidão, os escravos poderiam ser emprestados, alugados, doados, cedidos, locados, confiscados, arrendados, hipotecados. Os escravos legalmente não possuíam nenhum direito, não podendo possuir e nem doarem bens, no entanto, poderiam ser castigados e punidos.

Nos castigos os negros eram expostos em Praça Pública para servir de exemplo. Um dos castigos mais comuns era o açoite, castigo que em geral ocorria no pelourinho da cidade. Na época colonial foram trazidos por D. Maria I, os pelourinhos, esse era um símbolo do poder público para castigo aos criminosos, negros escravizados que lutavam por sua liberdade.

Para o Pelourinho o escravizado ia após sentença de um Comitê, composto por célebres teólogos Cristãos, tanto na terra como no mar. No mar recebiam o nome de Comitê de Capelães navais.

Alguns Pelourinhos eram constituídos de colunas de pedras erguidas em Praça Pública onde havia na parte superior algumas pontas recurvadas de ferro para prender os braços dos escravizados. A condenação à pena dos “açoites” um instrumento com tiras de

couro e algumas vezes extremidades pontiagudas, com o objetivo de ferir. O anúncio feito pelo rufar dos tambores reunia uma grande multidão para assistir as chicotadas do carrasco abater-se sobre o corpo do negro condenado. A multidão delirava, excitava-se e aplaudia enquanto o chicote abria estrias de sangue no dorso nu do negro escravo.

Outro castigo dado aos negros era o dos bolos, que consistia em dar pancada com a palmatória nas palmas das mãos estendidas, em geral provocavam violentas equimoses, lesões e ferimentos no epitélio (tecido delicado das mãos, solas dos pés, cotovelos).

Em algumas fazendas e engenhos a crueldade era maior, alguns senhores de engenhos e os feitores utilizavam um método de castigo chamado de anavalhamento do corpo, jogavam salmoura nas feridas, implantavam marcas de ferro em brasa, mutilações, estupros de negras escravas, castração, fraturas dos dentes a marteladas. Alguns senhores de engenhos ordenavam que prendessem os escravizados pelos punhos e os colocassem pendurado em uma trava horizontal de cabeça para baixo, estando esse inteiramente nu, em seu corpo era passado mel ou salmoura para que os insetos picassem todo o seu corpo.

Instrumentos de suplícios acabavam por estimular a imaginação das consciências mais duras para castigar o corpo negro quando houvesse cometido qualquer falha. Cito um exemplo: as gargalheiras que eram coleiras de ferro ou madeira, com que se prendiam, para castigar, os escravos. Esses instrumentos de torturas eram colocados no pescoço dos mesmos e delas partiam uma corrente que prendia os membros do negro ao corpo ou serviam para atrelar os escravos uns aos outros quando transportados dos mercados de escravos para as fazendas.

No Brasil, outros elementos entravam na reconstituição pelos escravos de suas tradições originais. Por exemplo, a escravidão não eliminou na comunidade africana daqui as hierarquias trazidas da África. Objeto de muita reverência em vida, os fidalgos africanos no exílio brasileiro recebiam funerais de dignitários. Foi assim com um o filho de um suposto rei da África. Durante o ocorrido velório, o morto foi cerimoniosamente visitado por delegações das várias nações africanas que compunham a população escrava carioca. Desde manhã cedo reinava um clima de festa, com dança e música tocada com instrumentos africanos acompanhados de palmas. As palmas “constituem-se de duas batidas rápidas e uma lenta ou de três rápidas e duas lentas, geralmente executadas com energia e conjunto”. Vez por outra soltavam-se bombas juninas (REIS, 1991, p.201)

Com o surgimento da imprensa negra, temos uma voz que contesta a ordem vigente na sociedade escravocrata.

Essa fase da imprensa negra se caracterizou por um discurso de contestação da ordem vigente, de atuação dos afro-brasileiros na vida política do país e de denúncia do racismo. A ideologia da democracia racial tornou-se alvo constante de ataques,

sendo tachada de "farsa" e "mito". Operou-se uma releitura da miscigenação, que passou a ser interpretada como um processo violento de exploração sexual da mulher negra pelo branco. Partindo do pressuposto de que a abolição da escravidão significou uma "falsa liberdade", os jornais execravam as comemorações do Treze de Maio. Em seu lugar, elegeram o dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra. A nova data evocava não só a morte de Zumbi - personagem apropriado como símbolo por excelência da resistência negra à opressão - mas também o Quilombo dos Palmares. Na nova fase da imprensa negra, o discurso de celebração de uma identidade com "raízes africanas", uma estética dita afro, que abrangia o vestuário, penteados, adereços etc., avolumou-se. A afirmação dessa identidade negra igualmente passava pela valorização da "cultura africana", a partir da música, dança, religiosidade e inclusive hábitos culinários. Ainda se recomendava a adoção, para as crianças, de nomes africanos, que apareciam nos tabloides sempre acompanhados de sua tradução para o português. (DOMINGUES, 2018, p.258)

A África tem a sua história que supera o período de tráfico dos escravos com destino ao Brasil. Nosso País possui uma cultura que deve muito a presença afro, somos conhecedores desse fato histórico, que deu início a construção do que hoje chamamos de identidade cultural afro-brasileira.

## 1.2- Candomblé

Figura 6 - Xirê de Candomblé



Fonte: o autor

Candomblé é uma religião de origem Africana que chegou ao Brasil através dos escravos, que trouxeram consigo as suas culturas e tradições, os seguidores desta Religião,

adoram e cultuam os orixás divindades africanas que representam elementos da Natureza. As Ações de tornar público, expressar-se, ter ideias, pontos de vistas, revelações e outros são manifestações do pensamento religioso de origem africana. Esses comportamentos chegaram ao Brasil nos tempos coloniais, os negros realizavam suas práticas religiosas em senzalas e quilombos espalhadas em grandes fazendas do território e em montanhas, através de danças, magias, instrumentos percussivos, cantos, curas e adivinhações os escravos desenvolviam seu ritual.

Historiadores da linhagem afro-brasileira indicam que o desenvolvimento dos terreiros de Candomblé começou a partir do século XVIII. Com o crescimento dos centros urbanos houve a possibilidade para que os negros se reunissem, a fim de organizarem experiências religiosas. Conforme Nei Lopes, no livro *História e Cultura Africana e Afro-Brasileira*

As formas religiosas trazidas da África para o Brasil chegaram aqui principalmente no ambiente urbano. A primeira forma de atuação era a individual de ritualistas dedicados à cura física e psíquica de pessoas necessitadas, através de práticas simples de sua tradição, como adivinhação, limpeza espiritual, rezas, prescrição de medicamentos e outros procedimentos.

Provavelmente incorporando espíritos de ancestrais ou sob inspiração deles, esses primeiros ritualistas seriam, pelo menos em sua maioria, originários da África, dos povos bantos. Mais tarde, os praticantes desses rituais de cura e equilíbrio já provêm também da África ocidental, principalmente do Golfo de Benin, de onde nos chegaram cultos e entidades espirituais com âmbito de ação mais extenso, protetoras de aldeias, de cidades e estados específicos. Essas entidades podiam ser fluviais, marinhas, de montanhas ou florestas; outras ainda madrinhas de determinadas atividades, como a caça e a pesca; ou associadas a fenômenos naturais, como os ventos e os trovões. Aqui, elas acabariam sendo cultuadas em conjunto.

Foi assim, talvez, que simples “casas de dar fortuna” (como eram chamadas no Brasil), onde o necessitado ia em busca de saúde, sorte e bem-estar, começaram a dar lugar aos chamados “calundus”, onde foram se formando congregações religiosas de organização cada vez mais complexa tanto no panteão das divindades cultuadas quanto na hierarquia sacerdotal e na ritualística. Foi assim que, provavelmente, práticas de magia, pura e simples, deram lugar ao culto de uma divindade ou de um elemento da natureza, o que gerou subordinação e obediência de seguidores a um mestre. Nesse contexto, por fim, nasceram normas de comportamento geral e regras particulares, baseadas em uma filosofia, caracterizando o nascimento, enfim de uma religião (2008, p.98-99).

Em meados do século XIX já eram nomeados locais (sobrados antigos e casarões coletivos) onde negros se encontravam para prestar culto. No entanto algumas Casas de Santo sofriam repressões impostas pelas autoridades.

A abolição da escravatura em 1888 fez com que as religiões de Afro brasileiras crescessem muito. Nesse momento, novos terreiros de Candomblé começaram a serem criados dando forma aos rituais e crenças próprios movimentos. Além de oferecerem um

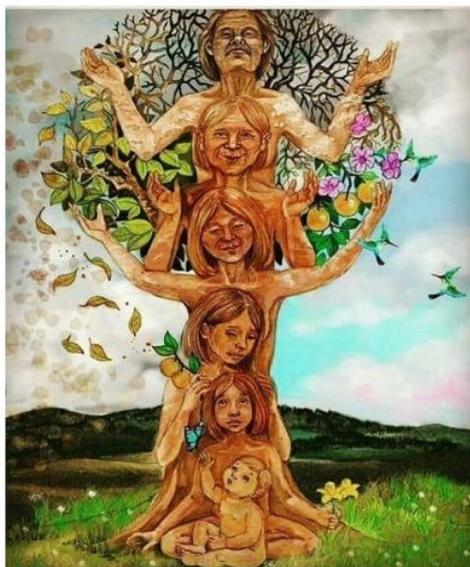
espaço para experiências espirituais, os terreiros funcionaram também como um meio de socialização e solidariedade e lazer.

No Candomblé, os orixás recebem homenagens de forma regular, com direito a oferendas, cânticos, animais, ervas e vegetais, roupas especiais e outros objetos. Na maioria dos terreiros das grandes cidades, cultuam-se doze orixás, sendo que dependendo das nações que se cultua existem vários outros Orixás. Os adeptos desta corrente acreditam que há vida depois da morte e que as Yalorixás ou Babálorixás (mães ou pais-de-santo) ou outra pessoa de cargo dentro da religião podem se materializar.

As casas de candomblé, roças, terreiro, templo são de linhagem matriarcal, patriarcal e até mista, essas são geridas por uma Yalorixá ou um Babálorixá. Esses locais sagrados são protegidos por lei contra qualquer alteração em sua forma material ou imaterial. Na linhagem matriarcal somente as mulheres assumem a liderança da Casa de Santo como Yalorixá. Nas casas de linhagem patriarcal somente os homens assumem a liderança da Casa como Babálorixá. Nas casas de Culto aos Egúngún são os Babáojé (Babáojé são os sacerdotes do Culto dos Egúngún) os responsáveis pelas cerimônias. Casa de linhagem mista a liderança poderá ser tanto de homens como de mulheres.

### 1.3- Ancestralidade

Figura 7 - Árvore da Ancestralidade



Retirado de: <http://www.minhaumbanda.com.br/oracao-aos-antepassados/>. Acesso em 20 jan 2021.

Ancestralidade presente nesse tema refere-se a uma origem representativa que mostra que a vida não se define com a morte, não há um término, um ponto final, um fim, mas sim, podemos afirmar que é usada como uma classe profunda e analítica gerando ideias e fundamentos para entender uma teoria de conhecimento, que pode compreender a própria normalização de significados a partir da área que produz seus símbolos de cultura.

Refiro-me ao continente africano e ao território brasileiro que foi africanizado por levas e levas de africanos que aqui chegaram. Temos, pois, uma cultura de matrizes africanas. Cultura banhada pela ancestralidade (direito, importância estrutura e planejamento dos espaços comum).

A ancestralidade é o berço que organiza o candomblé e reúne todas as causas e valores preciosos ao povo do Santo, é um início que regula os costumes, modela e representa os candomblecistas, torna-se o principal fundamento do Candomblé devido as suas heranças. Sendo assim um símbolo da resistência religiosa, transformando-se, também, num símbolo da força e resistência afro. Sucessores e descendentes protagonizaram e consagraram a presença histórico-cultural sócio política do negro no Brasil.

A experiência dos povos colonizadores nas Américas, principalmente os escravizados africanos e seus descendentes, têm demonstrado que do ponto de vista do crente, mesmo sem uma literatura específica (a bíblia), nem mesmo um código escrito, a tradição de mantêm viva através da linguagem própria dos povos de matriz afro-brasileira. Este fenômeno de crer em algo sobrenatural, o mito como verdade, os símbolos, signos e os rituais representam a tradição e o legado cultural da ancestralidade como ancoragem primordial, ou seja, babá mi axexê, iyá mi axexê – “meu pai é minha origem, minha mãe é minha origem”, em que existe a ética da convivência entre seres diferentes, eu posso fazer o que você faz, mas não deixo de ser eu, respeitando a alteridade própria, cada um traz em si a sua origem ancestral, sejam, pelo menos amenizados pelo respeito aos ritos, aos Orixá, aos mais velhos da comunidade e aos antepassados Egúngún (os ancestrais)...os babá Egún dão sentido a nossas vidas, pais nossos que se foram para o mundo do além, orum, e que quando são solicitados, chegam e respondem aos nossos pedidos e ansiedades humanas (SOBRINHO,2015, p.38-39)

A ancestralidade torna-se classe de pico, na tradição africana, para entender os vários setores da vida do afrodescendente mantida pela tradição, ela é um ícone que percorre as proteções culturais do Afrodescendentes no Brasil. A mesma passa a caracterizar-se com um conhecimento, que permite serem construídos alicerces sociáveis capazes de enfrentar um modo único de ordenar a vida e a sua criação no mundo moderno. As religiões de Matrizes Africanas são instituições tradicionalistas e sociedades conservadoras, não há insegurança, as mesmas são repletas e abarrotadas de energia fértil. O percurso entre os hábitos, inovação, costumes, tradições e práticas é sempre permeado pela meditação e reflexão.

As religiões de matriz africana têm por base todas as forças da natureza, e, nas casas de terreiros tradicionais, na Bahia, já se contextualizam como culto de matriz africana. Os mais velhos afirmam que essa concepção tem mais ressonância dentro da sociedade, em geral, contribuindo para a diminuição dos preconceitos referentes ao culto da ancestralidade afro-brasileira.

Desta forma, o termo “culto à ancestralidade masculina Egúngún”, ou apenas ancestralidade babá Egún, [...] “está intimamente ligado ao egbéorun”, ou seja, às entidades ligadas à sociedade do mundo do além, voltadas à comunidade de seres humanos já falecidos, perpetuando sua memória e guardando os seus ensinamentos nas práticas rituais (SOBRINO, 2015, p.39)

A epistemologia religiosa eurocêntrica não precisa necessariamente se opor à cosmopercepção africana, até porque os elementos dialogaram e um foi incorporado ao outro, inclusive nos terreiros "tradicionais".

A cosmopercepção africana soube recriar a partir de seu próprio modo e contexto diaspórico, alterando significativamente a própria forma de cultura do negro africano. O povo negro brasileiro reintroduziu a África perdida no solo brasileiro através de uma política, uma recriação epistemológica, econômica e artística. A ancestralidade tornou-se uma categoria capaz de dialogar com a experiência africana em solo brasileiro, assim, ela é uma categoria de relação social, porém não há ancestralidade sem diversidade. A ancestralidade, na perspectiva da experiência africana, é um conhecimento, uma teoria e uma ideologia que, como todas as outras, produz mundos muito além de produzir ideias e conceitos, um mundo maravilhoso, que afirma ser a ética a melhor maneira de encantamento.

O “Omo Ilê Agboulá” com seus princípios é um grupo que luta para a preservação da ancestralidade.

#### 1.4- Histórico dos terreiros de Egúngún

Figura 8 - Babá Egun



Retirado de: <https://meuorixa.wordpress.com/2012/08/08/oriki-e-agdura-de-egungun/>. Acesso em 20 jan 2021.

Por volta do ano de 1820 na Ilha de Itaparica foi fundado o primeiro Terreiro de Culto a Egúngún, sendo esse chamado de “Terreiro de Vera Cruz”, o fundador desse espaço de Ancestralidade Africana chamava-se Tio Serafim, ele era um africano que trouxe do seu Continente suas raízes, o Egúngún de Seu pai.

Tio Serafim invocava esse Egúngún, fazia aparecer e desaparecer este espírito através de seus atos religiosos. Esse Egúngún denominava-se Babá Okulelê que era herança de seu pai. Tio Serafim implantou esse ancestral e outros fundamentos em sua juventude por volta de 1920. Além desse Egúngún foram implantados outros fundamentos de origem africana. Tio Serafim faleceu por volta do ano de 1905 a 1910. Esse Egúngún é cultuado até os dias de hoje em Ilha de Itaparica.

O “Terreiro de Mocambo” também situado na Ilha de Itaparica em uma fazenda chamada de Mocambo, localizada no km 808 da BR 122 em Candiba (Candiba é um município brasileiro do estado da Bahia), esta fazenda foi construída há mais de 300 anos. A denominação desse terreiro foi devido ao grande número de escravos que foram recebidos nessa época. Esse terreiro de Ancestralidade Africana foi fundado por volta de 1830 por um cidadão africano chamado de Marcos, o Velho.

Marcos teria comprado sua carta de alforria e anos depois retornou para a África juntamente com seu filho Marcos Teodoro Pimentel. Na África, Marcos e seu filho permaneceram por muitos anos adquirindo maiores fundamentos e conhecimentos religiosos dentro das práticas litúrgicas. O filho de Marcos também foi iniciado dentro do culto de Ancestralidade na África.

Quando Marcos e seu filho retornam para o Brasil, trouxeram consigo o assentamento do “Babá Egun Olokotum”, sendo esse considerado o ancestral primordial da Nação Nagô, assim conhecido o Olori Egun (senhor da direita, um dos ancestrais masculino mais antigo, o cabeça dos Egúngún, que representa o alvorecer, os primórdios da humanidade, os primeiros ancestrais). Nesse momento é fundado o Terreiro de Axé Tuntum, “Ilê Tuntun Olokotum” sobre o comando de Marcos Teodoro Pimentel (tio Marcos), que será citado, ao comentar sobre este Terreiro de Ancestral.

Tio Marcos faleceu por volta de 1935 quase centenário, hoje quem está na frente desse terreiro de Ancestralidade é o Ojé Pai Miguel Roque Filho. Assim sendo deduz-se que o

terreiro de Mocambo teria sido fundado em torno de 1930, enquanto o Axé Tuntum em 1850. Nos dias atuais, a Fazenda Mocambo serve como uma estação experimental da EBDA (Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola), nela se realiza pesquisas na área agrícola. Com a liquidação da empresa na reforma administrativa do Governo do Estado, parte da propriedade ficou sem utilização, com exceção de trechos onde funcionam poços de petróleo e gás natural. Os produtores rurais vão cultivar alimentos diversos na Fazenda Mocambo, situados na Estrada do Mocambo, a partir do projeto desenvolvido pela prefeitura do município.

Existe no Município uma Estação Experimental de Fruticultura, mantida pelo Governo Estadual na Fazenda Mocambo, outro projeto que tem dupla finalidade social: a destinação da terra para assentamento de agricultores familiares e o fornecimento alimentos frescos e saudáveis para os estudantes das escolas públicas municipais.

No Povoado de Encarnação na Ilha de Itaparica, foi fundado por volta do ano de 1940 o “Terreiro de Encarnação” também de culto a Ancestralidade. Esse terreiro fundado por João Dois Metros, sendo esse apelido correspondente ao seu tamanho. Nesse Terreiro brasileiro de culto a Ancestres ocorreu pela primeira vez a invocação do Egúngún chamado de Babá Agboulá, sendo considerado um grande líder para o povo nagô. João dois metros era filho de Tio Serafim que foi o fundador do Terreiro de Vera Cruz já citado.

No bairro de Tuntum na Ilha de Itaparica por volta de 1850 foi fundado por Marcos Teodoro Pimentel (tio Marcos), o Terreiro de Ancestralidade e Culto a Egúngún denominado Axé Tuntum, que mais tarde recebeu o nome de “Ilê Babá Olukotun”. Tio Marcos que era filho de Marcos, o Velho, recebeu o título de Alapini Ipekun Ojé que significa “Sacerdote Supremo do Culto aos Egúngún dentro da tradição Nagô”. A palavra Alapini significa título supremo do culto aos Egúngún no Brasil e na África. Sendo assim esse título representa o terreiro de Egúngún nos palácios reais.

Tio Marcos Alapini, faleceu por volta de 1935, devido a sua morte o terreiro de Tuntum extinguiu-se, porem seu sobrinho Arsênio Ferreira dos Santos, que possuía o título de Alagbá manteve a tradição do culto. Mais tarde, Arsênio se mudou para o Rio de Janeiro carregando todo o assentamento de Babá Olokotum, sendo este estabelecido no Município de São Gonçalo. Após o falecimento de Arsênio, todos os assentamentos do Babá Egun retornaram para Bahia, trazidos pelo Alapini Deoscoredes Maximiliano dos Santos mais conhecido como (Mestre Didi Axipá Alapini). Mestre Didi foi iniciado na tradição do culto

aos Egúngún por Marcos e Arsênio. Hoje quem está a frente do terreiro Ilê Tuntun Olokotum é o Ojé Pai Miguel Roque Filho.

O “Terreiro do Corta-Braço” estava localizado na Estrada das Boiadas, atual bairro da Liberdade em Salvador, fora da Ilha de Itaparica. Este local tornou-se um espaço de grandes aglomeramentos no ano de 1946, devido a reunião de praticantes de capoeira. A invasão do Corta-Braço, denominado hoje bairro popular da Liberdade que, apesar das constantes ações judiciais e policiais para sua desocupação acabou sendo legalizado em 1947. Durante seus primeiros anos, entre 1946 e 1948, o Corta Braço passou a ser sede de encontros semanais de roda de capoeira do Mestre Capoeirista Waldemar.

Nesse bairro foi criado o Terreiro do Corta-Braço que era de responsabilidade de um senhor africano que se chamava João Boa Fama, mais conhecido como Tio Opê, sendo este um Ojé e sacerdote mais conhecido do culto a Babá Egum. Tio Opê havia iniciado alguns jovens na Ilha de Itaparica que se juntariam com os descendentes de Tio Marcos e Tio Serafim para fundarem o “Terreiro Omo Ilê Agboulá” no bairro Vermelho, localizado próximo a Ponta de Areia.

Entre os Alagbá e Ojé de todos esses terreiros, certamente Tio Opé foi o mais destacado. Esse ilustre africano iniciou a Eduardo Daniel de Paula. Hoje o “Omo Ilê Agboulá” localizado num bairro chamado Bela Vista na Ilha de Itaparica, reúne as pesquisas e os trabalhos do Projeto Egúngún, sob a responsabilidade atual Alagbá “Pai Balbino Daniel de Paula”. Esse terreiro de Matriz Africana e Ancestralidade mudou de endereços várias vezes por razões acima apresentadas.

Conforme João José Reis, “Não é concebível, por exemplo, que aos candomblés que se formaram na Bahia escravocrata faltassem ritos e mitos fúnebres específicos” (1991, p 199) Algumas pistas: os instrumentos descritos numa devassa do final do século XVIII contra um calundu – como se chamava o candomblé colonial – em Cachoeira se assemelham àqueles de ritos fúnebres dos jejes na África, e ainda usados em candomblés jejes-nagôs e angolas na Bahia. O atual bairro do Acupe, em Salvador, teve seu nome derivado de Acú, que pode estar relacionado com Ikú, morte em ioruba. É possível que neste local, onde havia vários centros de culto africano nas décadas de 1820 e 1830, houvesse também um ou mais terreiros dedicados aos mortos. Estes são indícios sem dúvida superficiais, mas nem por isso insignificante, da presença da morte africana na Bahia antiga.

Assim, o progresso desses terreiros citados desde 1820 e 1935, se manifesta através de seus chefes dos cultos, sacerdotes, fiéis e comunidade local, as comunidades que frequentam o local, o relacionamento e troca de experiências, preservou e constituiu-se uma irmandade poderosa que mantém as suas características inalteradas com um enraizamento profundo e sempre preservando os laços da diáspora africana.

Esse Terreiro é hoje no Brasil um dos poucos lugares exclusivamente dedicados ao culto dos Egúngún, mantém suas raízes por cerca de duzentos anos. Sua fundação remonta ao primeiro quarto deste século, a comunidade que o originou conserva os seus fundamentos e segue suas tradições até hoje. A comunidade local é composta por um número aproximadamente de cem famílias, que vivem geralmente da pesca, da coleta e vendas de frutas. O número de empregos ainda é pequeno e até o momento não houve uma grande expansão na indústria turística na região, o que certamente abriria possibilidades de mais empregos.

Mesmo com todas essas transformações ocorridas na atualidade, a comunidade local do “Omo Ilê Agboulá” mantém a relação entre seus membros, os que por motivo de contingência não residem mais na ilha, acabam retornando sempre que há uma oportunidade para participar das atividades litúrgicas do terreiro, festas locais, passeios, momentos nos quais se reatam laços que os unem à sua ancestralidade. Mesmo as pessoas que não residem na ilha, se unem ao terreiro em seus calendários ritualísticos para receber as bênçãos, os conselhos, lições e as reprimendas dos Babás, estabelecendo enfim todo um processo de continuidade histórica.

Fatos que mostram ser o Culto aos Ancestrais de grande importância dentro das Religiões de Mariz Africana por ser um elemento de coesão dos grupos familiares, possuem um vínculo entre nossos antepassados com o presente, e fortalecer assim nossa identidade cultural. O culto aos Orixás nos propõe uma ligação ao universo; o culto a Babá Egun está ligado aos nossos laços sociais e comunitários, sendo assim um favorece a entidade, a comunidade se favorece ao universo, e os demais a sociedade.

Nos períodos que acontecem as atividades festivas no Omo Ilê Agboulá, toda a comunidade é introduzida no terreiro para as comemorações festivas. Várias famílias permanecem por dias no Terreiro, enquanto acontece as cerimônias festivas. Este terreiro além de ter a sua fundação e por possui uma herança ancestral dos terreiros mais antigos, preserva seus fundamentos e as sabedorias do culto a Egúngún e os mistérios dos ancestres

Africanos, que reúne todos aqueles falecidos que possuem cargos dentro da Religião de Matriz Africana como os Ojés, pois sem eles não haveria esse ritual.

Dentro desse mundo dos Ancestres, as cantigas, as roupagens, as cores, indumentárias, a alegria e a fé, revelam a riqueza dessa herança cultural trazida e deixada pelos antigos.

Os Ojés assim como os Babás Egun são os guardiões desse Templo, os mesmos são exemplos de conduta para a preservação da lembrança do grupo, dando assim a sequência consagrada do Povo Nagô na Bahia.

### 1.5-Histórico do Terreiro Omo Ilê Agboulá

Figura 9 - Terreiro Omo Ilê Agboulá



Retirado de: <http://portal.iphan.gov.br/ba/noticias/detalhes/5274/reforma-do-terreiro-ile-omo-agboulá-e-concluída-em-itaparica-ba>. Acesso em 20 jan 2021.

No ano de 1940, em Ponta de areia Ilha, de Itaparica, Salvador Bahia, foi fundado o “Terreiro “Omo Ilê Agboulá””. A criação deste aconteceu por Eduardo Daniel de Paula sendo este filho de nagôs. O local estabelecido para exercer as funções e práticas de Culto a Egúngún “Ancestralidade Africana”, era localizado atrás da Capela de Nossa Senhora das Candeias, localizada na Av. Beira Mar, 682 - Loteamento Enseada de Amoreiras, Itaparica.

Eduardo Daniel de Paula juntou-se com seus parentes e amigos, e outros descendentes de raízes africanas de Tio Marcos e Tio Serafim e deram sequência ao terreiro. Conforme João José Reis

Na Ilha de Itaparica existe uma sociedade egungun de culto dos ancestrais, cuja origem pode remontar à primeira metade do século XIX, quando grande número de iorubas aqui aportaram como escravos nagôs. Juana e Deoscoredes dos Santos,

baseados na tradição oral dos candomblés da Bahia, afirmam ter identificado cinco terreiros dedicados a esse culto, todos fundados naquelas décadas. Esses templos, em sua maioria, se localizavam em Itaparica. Assim, em 1836, a Bahia teria vários centros especializados no culto dos mortos e de ancestrais africanos, ou já baianos.

Enraizados no passado escravista, os candomblés hoje dedicados ao culto dos orixás – que não devem ser confundidos com aqueles especializados no culto dos mortos – possuem cerimônias fúnebres próprias, o axexê, que são rigorosamente cumpridas. Muitos costumes mortuários da África foram mantidos pelos escravos no Brasil, apesar das mudanças que neles se foram operando ao longo da escravidão, inclusive os empréstimos do cerimonial católico. Hoje em dia – e esta tradição provavelmente está bem fincada no passado –, as pessoas de candomblé são enterradas segundo normas católicas e normas africanas, com sacrifício missa e de animais. (REIS, p. 199-200)

Nas décadas de 1930 e 1940 esse terreiro sofreu uma grande perseguição por parte polícia local e autoridades da Ilha, nessa época havia repressão e intolerância religiosa muito forte contra as Comunidades e Terreiros de Matriz Africana na Bahia. O Terreiro “Omo Ilê Agboulá” foi arrombado por policiais que o acusavam de praticar feitiçarias, assim despejos e perseguições eram frequentes aos cultos de Afro descendentes. Só nos anos de 1960 e 1970, teve início o processo de preservação e conservação dos espaços religiosos presentes na cidade.

Quando aconteciam essas invasões e perseguições por autoridades policiais na época, muitos objetos eram saqueados e enviados para uma delegacia permanecendo lá esquecidos por muito tempo. Muitos desses objetos se tornaram peças de museu.

Mesmo o texto da Lei de 1891 garantindo o direito de culto aos não católicos, as religiões de matriz africana continuaram sendo perseguidas. Se no tempo da escravatura a discriminação tinha como foco a cor da pele, com a nova norma criaram-se pretextos para perseguir a fé que veio da África nos tumbeiros. Nessa década puniam, respectivamente, “a prática do espiritismo, da magia, de encantamentos, feitiços, bruxarias, a prática da medicina natural aplicada pelos negros ou qualquer outro dentro da espiritualidade” e também o dito “curandeirismo”.

O Candomblé mais antigo, mais puro mais próximo dos ritos africanos trazidos pelos negros escravizados, passou também a ser identificado e acusado como praticante de feitiçarias, bruxarias e magia negra. A repressão do Estado às religiões de matriz africana abarrotou as delegacias com objetos sagrados. Velas, imagens de santos, e outros apetrechos religiosos eram aprendidos e muitos destruídos, isso quando as autoridades policiais não colocavam fogo nos locais sagrados e quebravam todos os seus fundamentos. Um noticiário do Jornal “A Tarde” de 21 de junho de 1940, relata sobre o primeiro fato acontecido no

“Omo Ilê Agboulá” conforme Julio Braga, no livro *Ancestralidade afro-brasileira; o culto de babá egun*.

A polícia baiana, em feliz diligência, apreendeu anteontem, à noite, na Ilha de Itaparica, em Amoreiras, um casal de pai-de-santo e copioso material da liturgia fetichista.

Há dias, queixaram-se ao Dr. Altino Teixeira, delegado auxiliar, os moradores de Amoreiras, contra aquele “terreiro”, que os punha em constante desassossego. Os “Babálaôs” eram Antonio Daniel de Paula e um individuo conhecido como “Paizinho”.

O Dr. Altino Teixeira entendeu-se com o Sr. Secretário de Segurança e foi enviada para o local uma caravana de investigadores. Às 19hs de anteontem, a caravana cercou a casa, e em seguida, varejou-a.

Eduardo Daniel de Paula, pai de Antonio, o chefe-mor mais conhecido como “Alibá” [sic] e sua esposa Margarida da Conceição, que estavam no interior da casa, foram detidos imediatamente. Continuando as buscas, os policiais encontraram grande quantidade de material próprio do culto fetichista; cadeira de resplendor e acolchoadas, caveiras e ossos; crânios de animais; um cetro de aço enfeitado de fitas de várias cores, tendo na parte superior uma pomba de metal e na inferior um espeto (catapó); uma imagem esculpida na pedra representando um deus barrigudo, muito semelhante a Buda (Deus Nanã); várias máscaras de madeira habilmente esculpidas; um quadro da “Mãe d’Água”; vários batuques, cabaças, etc.

Todo este material foi transportado para esta capital, juntamente com os dois detidos, aqui chegando ontem à tarde.

Os pais-de-santo principais, Antonio Daniel de Paula e “paizinho” Arsênio Ferreira dos Santos, que conseguiram escapar, estão sofrendo severa perseguição por parte de investigadores, que se acham no seu encalço.

Eduardo (alibá) o pai de santo que se acha preso, explicou ao repórter, detalhadamente, a função de cada um daqueles objetos, segundo ele, com exceção das cadeiras, datam de muito antes da libertação dos escravos, tendo vindo talvez da África (BRAGA, 1992, p.31-32)

Nesta época, começa a urbanização do povoado de Ponta de Areia, criação de novas residências próximas ao local onde estava estabelecido o Terreiro, ocasionando a perda da privacidade do ritual do Terreiro do Omo Ilê Agboulá, sendo que esse culto tem que ser realizado em local mais isolado devido aos seus segredos.

Em 1941, o Ojé Eduardo Daniel de Paula comprou um terreno no bairro de Barro Vermelho, em Ponta de Areia Itaparica, tudo isso com ajuda de amigos e membros da comunidade, o “Omo Ilê Agboulá” mudou mais uma vez de lugar, mantendo a sua individualidade. Os integrantes do Terreiro “Omo Ilê Agboulá” partiram para outro local para não serem alvos de prisão. O controle de polícia atuava com incentivo e determinação do comando e declarações da Igreja Católica.

O Barro Vermelho era localizado numa área de mata fechada, o local era de difícil acesso, porém perfeito para as obrigações e desenvolvimento do Culto a Ancestralidade. Era

um local reservado e afastado das autoridades policiais locais que realizavam buscas, agressões, apreensões e prisões.

O Morro do Alto da Bela Vista escondia e dificultava a chegada das autoridades nessa área do Barro Vermelho. Os membros participantes e afiliados se alternavam na guarda do local, qualquer pessoa ou movimentação estranha era imediatamente comunicada aos membros guardiões da comunidade do Ilê, para que providências fossem tomadas rapidamente para preservar o local.

A Administração policial daquele período atuava seguindo as orientações da elite e da Igreja Católica. Os terreiros de Candomblé naquele período eram acusados pela igreja. Hoje não sofrem perseguições por parte da Igreja, que na década de 1960 mudou sua relação com as religiões afro. No entanto, continuam sempre alerta devido a onda moralista e conservadora que se fez presente na sociedade brasileira.

Desde as suas origens, estão sempre esperando que alguém bata na porta e mande fechar o terreiro ou então entrem quebrando tudo. As origens da violência contra o Candomblé vêm desde a escravidão, processo que sequestrou milhões de pessoas de diferentes etnias africanas, separando as famílias e tentando destruir formas de cultura que não fossem brancas e européias.

O “Omo Ilê Agboulá” foi discriminado e teve um processo semelhante aquele praticado contra o paganismo na Europa, o da “caça as bruxas”, ao invés de ser considerado blasfemo era tratado como inferioridade racial e “atraso cultural”.

A igreja incriminava e discriminava as religiões de matrizes africanas, seus rituais considerados diabólicos, vistas como povo mandingueiro e povo maléfico. Conforme Fábio Macêdo Velame,

Os membros do Omo Ilê Aboulá fugiram das incursões do aparelho de captura do Estado. A intendência - a polícia da época - agia determinada e incitada pelos discursos da igreja católica e da sociedade mais ampla. A igreja acusava, na época, os candomblés de bruxaria, fetichismo, feitiçaria e rituais satânicos. A ciência da época legitimou os discursos de que os membros do candomblé eram pessoas degeneradas, dementes, loucas, doentes mentais, com os ditos casos de ‘patologias mentais’ (VELAME, 2019, p.46)

A ciência também perseguia e discriminava o povo do Santo, nesse século atestavam em declarações que os candomblecistas eram pessoas que sofriam das faculdades mentais, tinham problemas psiquiátricos.

As ervas medicinais sempre fizeram parte da vida de seus agentes como benzedadeiras, curandeiros, pajés. As pessoas que participavam das Religiões de Matriz Africana ainda eram acusadas de praticar ilegalmente a medicina que hoje chamamos de Herbalística ou Fitoterápica. Os africanos sempre utilizaram esta forma de medicina para cuidar da saúde. Na atualidade, os EUA e a Europa utilizam ervas como medicamento. Recentemente tem ocorrido um aumento na utilização das ervas como medicamento, pois sua eficácia tem sido comprovada pela ciência.

A medicina tradicional africana, através de seus conhecimentos científicos e subjetivos, permanece realizando a arte da cura. O conhecimento científico adquirido de forma empírica através do uso de plantas medicinais e o conhecimento subjetivo adquirido através de um ser superior divino tornam essa combinação de conhecimento eficiente, no entanto faz-se necessário o estado de espírito da pessoa, influenciando diretamente no processo de cura.

A diversidade de saberes adquiridos pelos Candomblecistas em suas Roças de Candomblé demonstra que através de suas práticas de cura, utilizadas na medicina tradicional, as plantas medicinais têm grande influência, agilizando a cura. Nos Terreiros de Candomblé, as categorias sociais e da doença são compreendidas através de uma percepção cosmológica e religiosa, sendo o diagnóstico e tratamento dos males realizados por meio de um aprendizado específico envolvendo a magia e os deuses nesse processo.

Existe uma relação muito forte entre a pessoa que colhe e manuseia as ervas com o sagrado, o equilíbrio, a saúde. Nos terreiros tudo é considerado sagrado. A importância de realizar as oferendas, as rezas, os cânticos de fundamentos evocativos na colheita das ervas e a preparação das mesmas têm um significado milagroso ligado diretamente com a força do Axé, a saúde e a vida, podendo levar a um equilíbrio ou desequilíbrio da pessoa.

Entre 1960 e 1970, o Estado da Bahia, resolveu dentro de seu sistema de mobilidade revigorar o decadente transporte de passageiros e de carga na Baía de Todos os Santos, implantando o Ferry-Boat, integrado a um sistema viário mais amplo. Houve, nesse período, o aumento populacional da Ilha de Itaparica, que tornou um espaço balneário para muitas categorias sociáveis da cidade de Salvador. A Companhia de Navegação Baiana (CNB) foi obrigada por determinação do Governo Federal a entregar as embarcações das linhas costeiras, passando a realizar o transporte basicamente nas águas da Baía de Todos os Santos, este projeto chamava-se “Rodo-Aquavia por Ferry-Boat”.

Ao mesmo tempo em que se desenvolviam os trabalhos de elaboração do Transporte Hidroviário, a “GERBA”. A Agência Estadual de Regulação de Serviços Públicos de Energia, Transportes e Comunicações da Bahia efetuava o cadastramento de linhas e travessias marítimas prestadoras de serviço sem ter autorização legal, algumas há mais de meio século. Os estudos realizados por essa agência consideraram como prioritária as linhas Salvador - Vera Cruz, efetuada com lanchas de grande porte, e Salvador – Morro de São Paulo já licitado e regularizado. Além disso, a “CONDER” Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia por uma atuação direta governamental implantou uma das primeiras obras de concreto pré-moldado, a ponte do Funil que liga a Ilha de Itaparica ao Recôncavo Baiano através da BA-001 até Nazaré das Farinhas e pela BA-046 até Santo Antônio de Jesus até a BR-101.

O governo com estes projetos melhorou as condições da Ilha, facilitando o seu acesso, além de gradualmente construir toda uma infraestrutura (água, esgoto, energia), serviços urbanos como creches, escolas.

Todas essas transformações acabaram mudando completamente os meios de sustento, as relações e os modos de vida da comunidade de culto aos Egúngún, que até então estava inserida numa pequena vila de pescadores. Foram abertas para os membros do “Omo Ilê Agboulá” novas possibilidades de trabalho e novas relações sócio-religiosas.

Com a abertura do loteamento no bairro de Barro Vermelho, o Terreiro “Omo Ilê Agboulá, seus seguidores e adeptos tiveram de mudar outra vez para poderem preservar a particularidade e realizar seu culto a Ancestralidade. No entanto, o Terreiro perdeu muito com essa mudança de local. O loteamento foi aumentando e ocupando assim o espaço sagrado da mata, esses lotes chegavam a adentrar na Fonte Sagrada de Oxum (divindade Sagrada da nação Nagô regente das águas doces, dos rios, cachoeiras e lagoas, sendo também a deusa do amor e umas das esposas do Orixá Xangô). O local foi vendido a terceiros, os novos donos passaram a proibir o acesso aos membros do Culto a Egúngún. Devido a essa privatização territorial, o terreiro do “Omo Ilê Agboulá” perdeu parte de sua mata sagrada, fonte de ervas para os Orixás, perdeu a Fonte Sagrada de Oxum e perdeu a privacidade para realizar os seus rituais secretos e suas festas públicas. Para Velame,

Várias são as histórias referentes à fonte sagrada. Os Ojés contam que, quando eram crianças, iam se banhar na fonte sempre atentos, pois os Egum podiam aparecer a qualquer momento, quando apareciam, todos saíam correndo para o mato, a se esconder para não apanhar dos Egum; outras vezes, Babá Egum roubava as roupas dos banhistas, castigando aqueles que iam tomar banho na fonte sagrada sem permissão dos mais velhos, fazendo com que eles voltassem nus para casa; em uma

outra ocasião, ao irem ao local da fonte encontravam contas, espelhos, elementos que compõem a roupa dos Egum, dando sinal de que ele tinha passado por lá e de que se encontrava na redondeza e ninguém se atrevia a entrar na água, etc...Os membros da sociedade não se conformam de não terem mais acesso às águas que contêm o axé que sai da terra, de não terem mais o direito ao acesso a sua fonte sagrada. Ressentem-se, lamentam-se e reclamam do novo proprietário que impede a sociedade de utilizar a fontes para os seus rituais (VELAME, 2019, p.49)

No ano de 1960, Maria Bibiana do Espírito Santo, Yalorixá brasileira do Ilê Axé Opô Afonjá em Salvador, Bahia, também chamada de Mãe Senhora, filha do Orixá Oxum, reconhecida como uma das maiores líderes religiosas, descendente da nobre família africana “Asipá”, originária de Oyó no país Nigéria e Ketu no Benim, era casada com Arsênio dos Santos, desse enlace matrimonial nasceu Deoscóredes Maximiliano dos Santos (Mestre Didi).

Figura 10 - Maria Bibiana do Espírito Santo



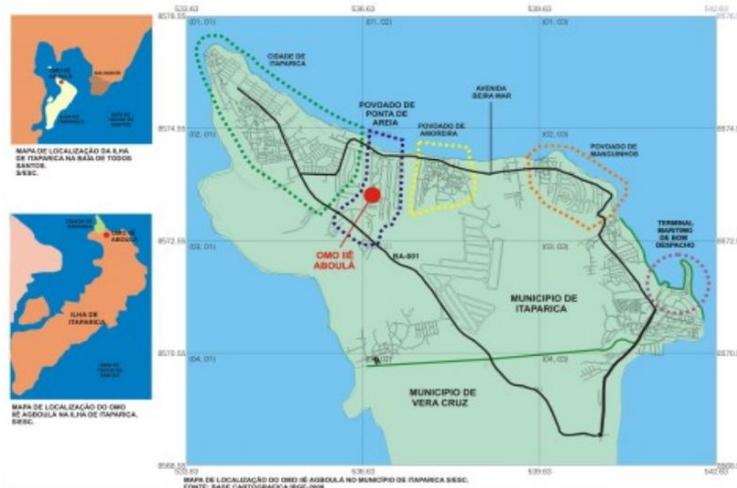
Autor: Pierre Fatumbi Verger.

No Omo Ilê Agboulá, comunidade do culto dos Eguns de Ponta de Areia, ilha de Itaparica, Maria Bibiana do Espírito Santo (Mãe Senhora) exerceu sua liderança e recebeu o título mais elevado dado a uma mulher “Iya Egbé” (esse é um cargo de liderança de todas as mulheres, mãe da comunidade, conselheira, que lida diretamente com a comunidade e o povo, aconselhando e sempre buscando a união dentro do axé).

Mãe Senhora, havia comprado um terreno na localidade do Alto da Bela Vista, cedido por ela ao “Omo Ilê Agboulá“, o que possibilitou uma nova mudança. Até os dias de hoje, o Terreiro “Omo Ilê Agboulá” se encontra nesse local. O Terreiro lutou e luta pela sua sobrevivência, nele cuida, zela, reverencia e invoca os seus ancestrais. No bairro de Bela Vista residem familiares de Eduardo Daniel de Paula, que além dos traços sanguíneos frequentam a comunidade religiosa.

O calendário do Omo Ilê Agboulá marca as datas importantes dos cultos e festividades, que contam com a participação de gente de várias cidades vizinhas e em especial de Salvador. Momento em que recebem as bênçãos dos Babás Egun, seus aconselhamentos e suas repreensões. Dando prosseguimento a tradição religiosa e cultural do Terreiro.

Figura 11 - Mapa de Localização do Terreiro Omo Ilê Agboulá



Fonte: Base Cartográfica IBGE 2000

No terreiro do “Omo Ilê Agboulá”, não mora ou reside ninguém, pois lá é a morada dos Egúngún. Esse local permanece totalmente fechado e sem aproximação de qualquer pessoa, ninguém chega próximo ou entra no terreiro, espaço sagrado, sem a plena autorização. Durante toda a semana esse local sagrado permanece totalmente fechado, somente é aberto aos sábados para os rituais de Ossé dos Egúngún ou por ocasião das festas sagradas. Conforme o calendário do terreiro poderá ser aberto também durante a semana para algo espiritual realizado pelos Ojés a terceiros ou frequentes do terreiro, com autorização expressa do Alagbá Pai Balbino Daniel de Paula, nenhuma outra atividade poderá ser realizada sem que o mesmo esteja ciente e presente.

Quando passamos a cultuar Egúngún, vivenciamos tudo aquilo que nossos ancestrais espirituais com cargos dentro da religião de matriz Africana - pessoas que conhecemos e que fizeram parte do cotidiano de nossas vidas religiosas -, como Babálorixás, Yalorixás, Ogãs e Ekedis, nos protegem, trazendo sabedoria, saúde e prosperidade, nos protegendo do coisas ruins que possam nos acontecer.

Por falta de conhecimento muitas pessoas têm medo de Egúngún. Quando falamos de ancestral estamos falando do pai, estamos falando da ancestralidade Afro-brasileira, de quem nos socorre e nos defende em nossas batalhas diárias. É aquele que vem fazer com que as

nossas tristezas, nossas angústias, nossos medos sejam levados embora, e apontar novos caminhos para as nossas vidas. Egúngún vem para fazer com que nossa vida tenha sentido.

Dentro do Calendário das festividades de Egúngún no “Omo Ilê Agboulá” invoca-se este ancestral, ele é cultuado através de comidas, rezas, oros e festas, para que o mesmo entenda e perceba tudo aquilo de bom que ele fez em nossas vidas. Ele jamais irá querer que um ente querido chore, ele sempre irá batalhar e brigar por nós no invisível. A partir desse momento tem que ter equilíbrio, para percebermos essa transformação e saber falar com essa Divindade, e perceber que Egúngún nos cobrirá com muito Axé, nos protegendo de todos os males.

Ancestralidade é primordial, se cuidarmos os problemas enfrentados em nossa vida não retornarão e encontraremos soluções positivas. Egúngún é defesa e reconhecimento, força e proteção, a característica principal deles para que a nossa evolução venha ocorrer aqui na terra para que sejamos felizes e cheguemos aos nossos objetivos. Para João José Reis,

No passado escravista, é possível que uma dualidade entre o público (ritual católico) e o privado/secreto (ritual africano) tenha caracterizado os funerais negros. Nem por isso o lado público de muitos deles deixou de desviar-se das regras católicas. Nas Minas Gerais de 1726, por exemplo, o bispo d. Antonio de Guadalupe protestou que escravos africanos faziam “ajuntamento de noite com vozes e instrumentos em sufrágio de seus falecidos ajuntando-se em algumas vendas, onde compravam várias bebidas e comidas, e depois de comerem lançam os restos nas sepulturas. O prelado dava assim testemunho da tradição africana de que os mortos devem levar à sepultura oferendas propiciatórias, participando do banquete festivo de despedida dos vivos (REIS, 1991, p.200).

Breve, depois de um sintético relato sobre o grande drama da diáspora africana, que trouxe para Américas homens, mulheres e crianças para trabalharem dia e noite para seus novos senhores no campo e na cidade, olhamos para a extraordinária capacidade das populações escravizadas de recriarem modos de sobrevivência, resgatando suas expressões culturais e religiosas.

Destacou-se o Candomblé, oriundo dos cultos tradicionais africanos, nele a dimensão de ancestralidade tem importância, pois, para a cosmopercepção africana a vida não termina com a morte. Conclui-se, o capítulo, com informações sobre o histórico dos primeiros terreiros de Egúngún, na Ilha de Itaparica.

## CAPÍTULO II - OS AXEXÊS LÉSSE ORIXÁS E LÉSSE EGÚNGÚN E SEUS PROTAGONISTAS

Figura 12 - Festa de homenagem a Babá Egun Terreiro Omo Ilê Agboulá



Retirado de: [http://arrundegy.blogspot.com/2009/06/Babá-egun\\_26.html](http://arrundegy.blogspot.com/2009/06/Babá-egun_26.html). Acesso em 28 dez. 2020.

No segundo capítulo trato sobre os Ojés; Ikú a morte; os atos fúnebres de Axexê “Lessé Orixá” e Axexê “Lessé Egúngún”. Mergulhando, assim, um pouco mais nas expressões religiosas africanas.

### 2.1- Os Ojés

Os Ojés são homens que atuam no culto de Babá Egun, sendo colocados como os religiosos e posicionados entre os vivos e os mortos dentro do culto de ancestralidade do “Omo Ilê Agboulá”. Deste culto só participam homens, culto que tem sua origem nos povos africanos, trazidos forçadamente para o Brasil. No Brasil teve início na Bahia nos primórdios do século XIX. A presença dos Ojés é necessária nas celebrações, sem eles o culto não pode ser realizado, eles têm o poder de invocar, evocar, controlar os Babás Eguns.

O culto a Babá Egun no “Omo Ilê Agboulá” homenageia os ancestrais. No espaço sagrado casa dos Egúngún, Ilê Igbalé, acontece todos os rituais privados e secretos. Nesses rituais se reverenciam pessoas falecidas, ou seja, que passaram do mundo terreno Àiyé, para o mundo dos espíritos Orun. Apenas os Ojés participam desses atos com invocações e convocações fazendo surgir o Egúngún, que é apresentado por eles aos fiéis e ou público presente.

Para Fábio Macêdo Velame,

Os Ojés são o meio pelo qual emerge e se manifesta todo o poder disciplinador dos Babás Egum, poder esse que também é coextensivo aos Ojés, porque são os únicos que possuem o saber de invocar e lidar com os ancestrais, se comunicando com eles traduzindo as suas palavras específicas para os seus descendentes e levando os pedidos desses aos Egum. Os Ojé são a ligação e comunicação com os ancestrais no orum, com os Egum Abá. Na África, [...], o culto aos Egum, além de preencher as atividades e funções simbólicas, econômicas, sociais, militares, e artísticas já mencionadas anteriormente, também exerciam um papel político e judiciário importante, exercendo, ao mesmo tempo, um poder soberano e disciplinador por todo o corpo social, estabelecendo uma moralidade pública com um controle do comportamento coletivo (VELAME, 2019, p.185-186).

O conjunto nagô entende que a existência transcorre em dois planos: Àiyé, isto é, o mundo dos viventes na terra e o Òrun, o além. O Àiyé compreende o universo físico concreto e a vida de todos os seres naturais que o habitam; o Òrun é o espaço sobrenatural, o outro mundo, trata-se de um conceito espiritual de algo imenso, infinito e distante, além disso, os Babás Eguns trazem para seus descendentes e fiéis o benefício de sua benção e seus conselhos, sua presença nos rituais é o signo mais evidente da continuidade da vida, dentro da concepção nagô. (SANTOS, 1986)

Figura 13 - Orun Aiyê – ligação entre o Céu e a Terra



Orun Aiyê, curta feito em stop motion e que de maneira delicada e cuidadosa narra a criação do mundo a partir do Orixá. Direção: Jamile Coelho e Cintia Maria. (Foto: Divulgação)

Os Ojés Abás “mais velhos” têm uma tradição hierárquica e autoritária sobre a família, da mesma maneira que possui no culto a Ancestralidade devido ao domínio dos homens, são vistos como tradicionalistas. Para Velame,

No cotidiano do povoado, os Ojés Abás, os sacerdotes mais velhos, possuem um papel proeminente, influente e determinante na conduta e vida dos membros da sociedade de culto aos Egum, pois passam a assumir ainda em vida as atribuições desempenhadas pelos Egum, ou seja, tornam-se os grandes conselheiros em todos os assuntos e problemas, orientando todos aqueles que buscam ajuda. Todavia, o acesso aos Ojés Abás se dá com grande respeito. Assim, se os Ojés Abás estiverem

trabalhando, costurando as suas redes de pescaria sob as palmeiras na praia, ou conversando nos passeios sob as amendoeiras, ou nos bares passando o tempo em socialização, as crianças e mulheres aguardam ou que um deles o veja e chame o Ojé Abás ao qual eles querem dizer algo, ou então, que seja dada permissão para que a criança ou a mulher possa adentrar no recinto onde eles estão. Portanto, as relações hierárquicas do culto de Babá Egun reproduzem-se nas relações sociais, no cotidiano dos espaços públicos e semi-públicos de Ponta de Areia, ditando os seus mecanismos de funcionamento (VELAME,2019, p.183)

A finalidade essencial do culto de Babá Egun é tornar evidente o espírito ancestral, utilizar a força/poder que provem deles, para agir e atuar como uma intercomunicação entre a vida e a morte, definindo uma separação entre os dois mundos: o dos vivos e o dos mortos. Os Babás Eguns não podem ser tocados e são mantidos sempre isolados do contato dos vivos, sob estrito controle dos Ojés. Os Ojés são responsáveis para preservação dos segredos sagrados presentes na dinâmica religiosa do culto.

José Sant'anna Sobrinho nos lembra que:

A tradição de ter um Ojé nas famílias vem dos antigos sacerdotes e, por isso, deve ser mantida, na medida em que os filhos homens, quando crescidos, acompanham os rituais dos terreiros: inicialmente como alabê, pessoas responsáveis pelos instrumentos ancestrais (atabaques), e, posteriormente, se tiverem merecimento entre os jovens da família, um Egúngún poderá dá-lo um isan, fazendo-o amuisan suspenso, que com o tempo, poderá fazer uma confirmação ou não (SOBRINHO, 2015, p.52)

Esses conhecedores dos segredos mantêm os Babás Eguns sobre sua liderança, evitando assim que os Egúngúns tenham um contato físico com as pessoas, o que poderia causar algum tipo de mal. São ofertados também presentes aos Egúngúns que, algumas vezes, retribuem, chegando ao ponto até de materializar esses presentes.

Os Ojés dentro desse culto invocam, evocam e controlam os Eguns através de seus Ixã (vara de amoreira que são árvores de folha caduca de médio porte, cujos frutos são utilizados para alimentação humana), não se toma banhos com folhas de amoras, deve-se evitar passar embaixo do pé de amora por respeito, (pertence à Babá Egun). A Amoreira pode chegar a 12 metros de altura, as suas folhas têm o formato de um coração, são inteiras ou lobuladas, com as bordas serrilhadas. Essa espécie de vegetal que pode ser encontrada em todo o Brasil, tem origem da Ásia. A amoreira, assim como a videira, apresenta os frutos em três estágios: verde, vermelho e preto.

Nas casas de Axé a Amora está ligada à maternidade e a ancestralidade. Os antigos religiosos da Religião de Matriz Africana relacionavam esse fruto à aparência do ovário feminino e dos óvulos a serem fertilizados. A amora além de ter uma representação simbólica

devido a sua forma, dispõe de qualidades que ajudam a mulher a se engravidar e ter filhos, fortalecendo além do mais, as crenças dos antigos sacerdotes.

Por outro lado, essa planta é pode ser negativa, não por causa de seus frutos, mas se alguém permanecer por muito tempo debaixo dela sentirá um mal-estar, pelo fato de ser ela ligada diretamente ao Egúngún. Dizem que os Egúngúns se juntam a sombra dessa árvore ao entardecer. É dos galhos da amoreira que os Ojés obtêm o seu Isan, esse galho em outras nações de Candomblé é conhecido como àtòrì utilizado por Oyá Ìgbàlé para manter o controle sobre seus filhos “os Eguns”. (O SEGREDO DAS FOLHAS. Disponível em <http://segredodasfolhas.blogspot.com/2017/09/amoreira.html>. Acesso em 16 dez 2020.)

Isan “Amoreira” (família *Morus nigra* L. Moraceae spp) sinonímia Botânica e espécies afins, essa espécie vegetal pertence ao Orixá do Candomblé Oyá (Iansã), Egun (Ilè Ibo aku) e aos Egúngúns estritamente. O bastão ritualístico Ixã tem o poder de controlar os ancestrais quando estão presentes no Àiyé. Conforme Sobrinho

Os Ojés, segurando sua vara ritual, o isan, invocam os Egúngún, batendo-a no chão. São os Ojé, também, que guiam e separam com seu isan os Egúngún das pessoas que assistem à festa, pois, segundo a tradição, as roupas dos Egúngún não podem tocar em um ser que está vivo. Um isan na horizontal colocado no chão impede que um Egúngún passe para o outro lado (2015, p. 51-52)

Figura 14 - Arvore Amoreira com frutos



Retirado de: <https://www.solucoesparacidades.com.br/> Acesso em 28 dez 2020.

Este bastão só pode ser retirado e tratado pelo Olossanyin “Sacerdotes dos cultos a Egúngúns” ou pelo Ojé, estes não entram em transe de possessão, adquirem a ciência do uso

das plantas após uma longa aprendizagem. Os Ojés têm a função de preservar as estratégias religiosas que compõe a conduta do “Omo Ilê Agboulá”.

Como é determinado na tradição do culto dos Egúngúns, proveniente do território de Oyó no continente Africano, este é privativo de homens tratando-se dos Alápini “o cargo mais alto dentro do culto” tendo como seus servos e auxiliares os “Ojés”. Todo integrante do culto de Egúngún é chamado de Mariwó (iniciado no culto de Egúngún). Segundo Sobrinho.

Mariwô, nome referido aos Ojés, que são os ramos mais novos da palmeira do dendezeiro (igi-òpe ou igi-ògòrò), tem como princípio relacional com os sacerdotes o Orixá Ogum, aquele se veste com os mariwô. É um Orixá que, segundo o mito, retira das mãos de Oyá e das mulheres os segredos do culto dos antepassados Egúngún. O mariwô também com suas tiras bem finas serve para proteger as entradas das portas, os portões e as janelas contra qualquer energia negativa, caso esteja no ambiente, e, por isso, deve-se ter respeito ao passar sob esses tais ramos (2015, p.53)

Na lei do culto a Ancestralidade, os Mariwô não podem entrar em transe, e o terreiro “Omo Ilê Agboulá” de preparar/ suspender os jovens como amuissan para realizarem a sua primeira obrigação. A obrigação desses jovens principiantes é marcada pelo Alagbá ou Ojé mais velho dos terreiros, porém, para que toda obrigação e atos aconteçam tem que ter permissão do Egúngún. Competem aos familiares desse iniciado como amuissan preparar todos os materiais dos princípios da obrigação, roupas, oferendas, festas e outros.

Na data da realização da obrigação do amuisan quando será suspenso, o mesmo terá como zeladores e conselheiros dois Ojé, a partir de então considerados como “padrinhos de confirmação”, comprovação e testemunhos da suspensão. O amuissan a partir desse momento deve cumprimento, submissão, respeito e consideração a essas duas “autoridades de cargo” dentro do Culto de Ancestralidade Africana.

Os padrinhos do amuissan assumem a responsabilidade pelos compromissos assumidos pelo novo integrante do culto até a segunda iniciação, esta agora feita pelo Ojé.

Contudo durante esse período e por alguns anos o amuisan será acompanhado, avaliado pelo seu comportamento no terreiro e se aprovado pelo conselho dos Ojé mais velhos internos e pela comunidade local poderá assumir o cargo de Ojé.

O amuisan precisará ter um comportamento reto, digno, nobre, justo, ser assíduo nas obrigações do terreiro e saber respeitar todas as tradições comunitárias. Precisar, ainda, ajudar e colaborar com todos da comunidade e participar de todas as atividades do “Omo Ilê Agboulá”. Contudo nem todos os amuisan receberão o cargo de Ojé. (SOBRINHO, 2015)

Os Ojés lidam com um ser que não convive mais em nossa companhia, portando há ausência de liberdade e existência de limites, sendo que por esta razão faz-se existente a personalidade deste, estando qualificado a fazer surgir e desaparecer o Egúngún entre o morto e o vivo. Os Ojés possuem poder e respeito através de sua simples varinha, portadora de um enorme fundamento, somente ele consegue manuseá-la que é o Ixã.

Através desse instrumento, o mesmo possui um comando enorme naquele momento de invocação e quando batido esse instrumento mágico e sagrado no chão o Babá Egun sabe o que está sendo falado.

De maneira geral, esse ritual consiste em estabelecer relações mágicas com o mundo dos mortos por meio principalmente de sacrifícios e fundamentos direcionados aos espíritos.

O Ojé é um testemunho de força e coragem, é considerado como a confirmação da masculinidade nessa sociedade religiosa, que é fundamentalmente exercida por homens. O cargo de Ojé é muito desejado pelos homens dentro da Religião de Matriz Africana. No entanto, quem escolhe não é quem deseja o cargo, mas o Egúngún durante um cerimonial público.

O Ojé poderá encontrar dentro de outros cultos e religiosidade certa discriminação pelo fato de possuir esse cargo e pelo fato dele lidar com Egúngún, muitos afirmam que sua mão não é boa para lidar com Orixá, porém, esse pensamento não passa de um grande mal entendido. Os Ojés são portadores de um grande conhecimento, sabedoria e poder, pois possuem todo conhecimento e fundamento de como cuidar e tratar de Egúngún, porem para isso, antes de tudo é necessário saber como lidar com os Orixás, quando o mesmo poderá apresentar os Odús “saberes que participaram da criação do universo”, ligados a Egúngún. (SANTOS, 1986)

## **2.2-Ikú**

Ikú “conhecido como a morte” pelo o Povo Yorubá, sendo este um Orixá masculino, que pega todas as cabeças. Os Yorubá, como os demais grupos de Matriz Africana, acreditam na subsistência viva dos seus ascendentes. É considerado como um responsável originado por Olódùmaré (Olódùmaré é o ser supremo nas religiões de Matriz Africana, vive numa dimensão paralela a nossa que é conhecida como Òrun, é aclamado também como Olórum, sendo este criador do Òrun “o céu ou o mundo espiritual” e do Àiyé “terra, mundo físico”,

sendo este o universo conhecido ou desconhecido por nós). Compete a Ikú a remoção de todas as pessoas cujo momento de vida já tenham se completado na terra. O seu fundamento é para as pessoas mais velhas, que devido certas condições necessitam continuar até uma vida mais avançada. Ikú não mata, somente toca as pessoas, e com este toque a pessoa se desliga deste mundo acordando no outro. Para os Candomblecistas, quando falece uma pessoa jovem é considerado uma tragédia, por outro lado quando falece uma pessoa idosa é ocasião para se alegrar. Assim é dito: Ikú Kí pani, ayò I'onpa ni , “a morte não mata, são os excessos que matam”.

Figura 15 - Orixá Ikú a morte



Alex Mir – Orixás em Quadrinhos, 2019

A esse Orixá foi dado o compromisso de completar a vida das pessoas do Planeta Terra. Pelos motivos e temor do desconhecido, amor as pessoas queridas ou apenas falta de uma reflexão mais profunda, o ser humano não procura conhecer e nem cumprir o saber da sua belíssima tarefa, Ikú roda em torno de nosso planeta realizando o seu trabalho e ajudando a manter o equilíbrio do ambiente.

A finalidade de Ikú faz com que ele não seja venerado, e conseqüentemente cultuado e nem compreendido. É o Senhor da Ancestralidade, é lembrado dentro do Ritual de Axexê, não existe um culto direto a ele nas religiões de Matrizes Africanas, e nem um assentamento ritualístico. Ikú é intimamente ligado aos Orixás Nanã, Obaluaiyê, Ogum, Ewa, Oyá, a Egun e as Yami. Ikú se veste de branco, e deve ser respeitado, pois todos o encontrarão um dia.

No Candomblé e nos cultos Egungun, o personagem que representa a Morte é chamado de Ikú. Este ser tão temido não possui nenhum sincretismo ou mesmo relação com os Orixás, apenas com os humanos, como o portador do fim da vida física, e com os Eguns, o que todos serão em algum momento. Ikú, na mística africana é simplesmente identificado com a Morte, gênero masculino e diferente do imaginário ocidental que apresenta a Morte como um ser escaveirado, com longo manto e a tradicional foice para o corte do fio da vida [...] Ikú seria um ser ancestral, que acompanhou os Orixás e Olorún, o Ser Maior, na criação da vida no planeta, pois foi ele quem trouxe ao Criador o material para construir os corpos dos humanos, o lodo. A lenda da criação do Homem já é por si só explicativa do por que entre os iniciados nas religiões africanas há a negação veemente da cremação. (OLIVEIRA, 2012, p. 263)

Ikú vem buscar a pessoa no dia terminal e esteja no estado que estiver para levá-la de volta ao interior da terra.

Ele cumpre rigorosamente a sua função, porém, aqueles que conhecem os omo-odús “filhos com descendência” de Oyekú Mejí “escuridão e infelicidade”, serão capazes de dialogar com a morte por um bom tempo, pelo meio do Imolê Exú “deuses primários” e num determinado Odú “destino ou o próprio Orixá” é que se faz oferendas a Ikú, determinando tratos combinados entre ambos, para atrasar e distanciar a morte, seguindo aos bons ebós (Oferenda feita às divindades afro-brasileiras).

Essas trocas não poderão ser eternas, chegará um momento em que Ikú terá que cumprir a sua incumbência e também reivindicará oferendas no sentido de garantia que só levará uma pessoa.

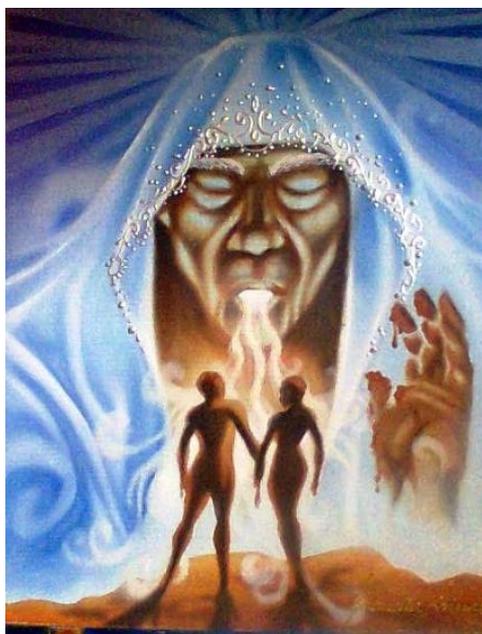
Pode acontecer em caso de famosos pais de Santo que após seu falecimento Ikú retorne para cobrar as oferendas, e quando o mesmo não as encontra acaba levando seus filhos, isso pode até acabar com a casa de Candomblé. (SANTOS, 1986)

Com Ikú não pode ter falhas e nem brincadeiras, quando ele chega o Orixá já se afasta, não permanece mais conosco, o Orixá sabe que já cumpriu o seu tempo com o filho, e somente Orí irá acompanhar a pessoa até o final. “Orí” é o primeiro Orixá a ser louvado, é a essência real do ser, é o que acompanha a pessoa desde antes do nascimento e durante a sua vida toda e após a morte, indicando a sua jornada e testemunhando no desempenho de seu caminho. É através das oferendas que conseguimos a troca pela vida, esse é o objetivo fundamental na veneração aos Orixás.

Nas religiões de Matriz Africanas e nos grupos africanizados acredita-se na subsistência viva dos antepassados. Para eles, a morte não retrata apenas um fim da existência

humana, mas a vida terrena se estende em gerenciamento à vida além-túmulo, exatamente em algum dos nove locais do Òrun (céu), o controle das pessoas livre do Èmì “sopro da vida que provém de Olorum”.

Figura 16 - Emi – sopro da vida



Retirado de: <http://portalespiritual.blogspot.com/> Acesso em 28 dez 2020.

Assim, a morte não representa um desaparecimento, mas altera uma vida para outra. Os antepassados ou ancestrais são representados Òkú Òrun (antepassados e reencarnação) e Àgbagbà “São os anciões que vieram com Odúduwà para criar o Àiyé, terra”, ou ainda pelo título de Ésà, usado para considerar os ancestrais no Candomblé, nos ritos de Ìpàdé “ritos para saudar a ancestralidade”.

Esta idéia reforça o afeto e o amor que especificam as convivências de ambos. Exemplificando: Não se diz : “Eu vou me comunicar com o espírito de meu Pai”, mas sim, “Eu vou comunicar com o meu Pai”, numa afirmação de que eles continuam a ter o papel de relação que tinham como autoridades de família. Conforme Juana Elbein dos Santos

Morrer é uma mudança de estado, de plano de existência e de status. Faz parte da dinâmica do sistema que inclui, evidentemente, a dinâmica social. Sabe-se perfeitamente que Ikú deverá devolver a Iyá-nlá, a terra, a porção símbolo de matéria de origem na qual cada indivíduo fora encarnado; mas cada criatura ao nascer traz consigo seu orí, seu destino. Trata-se, portanto, de assegurar que este se desenvolva e se cumpra. Isso é válido tanto para um ser, uma unidade (uma família, um terreiro, etc) quanto para o sistema como uma totalidade. A imortalidade, ou seja, o eterno renascimento, de um plano da existência a outro, deve ser assegurado. (SANTOS, 1986,p. 221-222)

Somente alcançarão o estado de ancestral com mérito, aqueles que conquistaram um momento avançado de acordo com uma vida qualificada e com uma presença significativa na sociedade, além de ter deixado bons filhos. Entre o povo Yorubá existe costumes e regras familiares considerados como valores importantes: dinheiro (owó), filhos (omo) e a vida longa (àíkú). Por isso, todo o enlace sem filhos não é bem visto pela sociedade africana.

Há ancestrais masculinos e femininos, os masculinos são os mais ativos, logo que vão para o Orun são libertados integralmente e podem utilizando sua inteligência ajudar a melhorar a vida de seus familiares, que ainda permanecem na terra. Por isso é importante e necessário mantê-los calmos e alegres. No culto ao ancestral, o que está em jogo é a manutenção de uma relação familiar, que se estabelece entre ele e seus herdeiros que aqui ficaram.

O andamento do espírito, depois da execução dos rituais, o espírito retorna através do portão de Oníbodè - o porteiro do céu, é quem abre os caminhos -, é ele que abre a passagem em orientação a Olódùmaré, preparando o espírito a alcançar os julgamentos de suas ações e atitudes na terra. De acordo com o Òrum ao qual foi determinado, esse continuará a cumprir suas atribuições com os familiares, porém de forma mais decisiva, mediante aos seus descendentes, que o tratam como Babá mi (Meu Pai), ou Ìyá Mi (Minha Mãe). Dentro dessa idéia marca-se o amor e a ligação que diferenciam o grau e parentescos de um e outro.

O final da vida na terra abrange a questão da condução do homem depois da vida existente na terra. A religião de Matriz Africana visa ao Nascimento (ìbí), Vida (ìyé) e Morte (Àti Ikú), o Julgamento Divino (Ìdájó ti Olórun) e o possível retorno em outra vida (Àtúnwa).

A morte “Ikú” leva os homens, porém não decide a hora de morrer, somente Olódùmarè tem a decisão e a hora de morrer de cada homem. Esse maior mistério é unicamente determinado por Olorum.

No entanto não devemos temer a Ikú, pois ele é um Orixá determinado de Olorum e preparado para cumprir uma função. Não devemos pronunciar o nome desse Orixá, caso isso aconteça estaremos invocando a sua energia.

Como podemos ver, Ikú é uma entidade dotada de significado próprio e específico, tem seu ìhùwasé, isto é, existência e natureza próprias. É um ebóra pertencente ao grupo de guerreiros do orum, considerado um irunmolé-filho. Divindade masculina, não fica num lugar fixo, mas roda em torno do mundo para realizar o seu trabalho, ajudando a manter o equilíbrio da natureza. Nos itans, Ikú é filho de Odudua com Obatalá, tendo existência e axé independentes. É considerada uma divindade dúbia, estando ligada ao fim da existência e também à criação, pois forneceu a Obatalá a

lama que usou para a confecção de novos moradores do Aiyê. É a única divindade que um dia “tomará” posse da cabeça de todos os seres humanos, carregando na mão direita o kumón, um poderoso e perigoso cetro, fabricada em metal, ferramenta indispensável e auxiliar no cumprimento de suas funções. (BANDEIRA, 2010, p.35)

## **2.3-O Ritual fúnebre no Terreiro de Orixá de Matriz Africana**

### **2.3.1 Axexê Lessé Orixá**

Axexê, culto realizado para um iniciado no Candomblé após seu falecimento, é o último ato de obrigação e despedida. Sendo um ritual secreto, particular e bem especial na religião de Matriz Africana, tem o intuito de afastar da comunidade a alma do morto para que descanse em paz, é o momento em que tudo o que o iniciado havia realizado e conquistado na sua feitura de santo e obrigações é desfeito. Reis nos relembra os procedimentos:

Primeira providencia: preparar o defunto para o velório e tratar do funeral. O cuidado com o cadáver era da maior importância, uma das garantias de que a alma não ficaria por aqui penando. Cortavam-se cabelo, barba, unhas. O banho não podia tardar, sob pena de o cadáver enrijecer, dificultando a tarefa. Os nagôs acreditavam que a falta dessa cerimônia impedia o morto de encontrar seus ancestrais, tornando-o um espírito errante, um isekú. Tal como entre os iorubas, o defunto baiano devia estar limpo, bonito e cheiroso para o velório, esse último encontro com parentes e amigos vivos ( REIS, 1991, P.143)

É o momento de liberação do Orixá do Orí desse iniciado. O ritual é realizado em segredo, não é aberto ao público, para fazer parte desse cerimonial às pessoas religiosas de outras casas da Religião de Matriz Africana tem que ser convidadas pelas pessoas de cargo da casa onde está sendo realizado o ato. A compreensão que a comunidade da Religião de Matriz Africana possui da morte é de que ela não é o termino supremo, o fim derradeiro, morrer é uma renovação de plano de vida e da circunstância da vida, que acaba tendo um sentido diferente. O Axexê é um cerimonial e ritual celebrado para uma pessoa importante da comunidade religiosa, chefe, filho-de-santo ou Ogã ou Ekedi (pessoas de cargo). Sobrinho indica os procedimentos a serem tomados quando falece um sacerdote

Quando falece um sacerdote no culto Egúngún, a primeira providencia a se fazer, segundo a liturgia, é retirar de dentro do quarto dos Orixás aqueles objetos que pertencem ao falecido. Constrõe-se, em um local externo da casa, uma pequena palhoça para colocar todos os pertences relativos ao Orixá (vasilhas, quartinhas, metais etc.). A quartinha ficará emborcada e sem água, durante todos os dias da obrigação do Axexê (2015, p.67)

O ritual é realizado pelo Ojé, ou um Ogã de cargo de confiança da casa ou o Babálorixá ou Yalorixá, porém o correto seria convidar um membro de outra casa para realizar esse ato. É realizada a raspagem com a navalha do topo cranial do iniciado falecido, juntamente com todos os apetrechos realizado em sua raspagem, banha de ori, pós e outros materiais. Realiza-se, também, o sacrifício de um pombo (Irilê), utiliza-se obi, ovo, e outros pratos de oferendas ritualísticas embaixo do caixão do falecido.

Parte de alguns objetos utilizados nesse ato é coberto com um pano branco e uma parte é levada para a sepultura, outra para o barracão onde será realizado o ritual do Axexê.

O caixão desse falecido (com cargo) geralmente é carregado no ombro por seis (6) “Ogam” de preferência sendo esses filhos do Axé, o ritmo dos passos geralmente é marcado três para frente um para trás. Esse ritual leva o falecido (a) com cargo para sua última caminhada, representando o significado do caminho da vida. Caminhando e recuando, caminhando e recuando até as últimas passadas da vida representada pela morte. Na frente do cortejo sempre terá que estar um filho da casa incorporado no Orixá Oyá (Iansã).

Figura 17 - Cortejo Fúnebre de um iniciado no Candomblé com cargo



Foto de Arisson Marinho, Jornal Correio24Horas

O cortejo sempre é seguido ao som de cantigas e rezas de alguns Orixás ou de Ikú (morte), pois existem alguns Orixás que são ligados a morte, por essa razão pode-se tirar cantigas desses, porém existem nações que tiram somente as cantigas ligadas ao Orixá Ikú ou outras cantigas e rezas ligadas ao Ritual de Axexê. Antes de descer o caixão são colocadas na sepultura algumas comidas de santo. (SOBRINHO, 2015)

No início dos atos de Axexê realizados sempre 7 (sete) dias após o falecimento (porém pode diferenciar-se dependendo da nação), esse ritual não é aberto ao público. Jogam-se os búzios para saber qual será o destino de seus objetos sagrados, dos Orixás do (a) falecido (a), indumentárias, ibás e dos pertences da casa de Santo. Caso o jogo de Búzios confirme que terá um sucessor, os Assentamentos de Santo não serão despachados, porém todos os filhos permanecem em luto pelo período de um ano.

Durante esse tempo, o Terreiro permanece totalmente fechado, as chaves geralmente ficam sob responsabilidade de um Ogã ou Ekedí para tomarem conta do Ilê. Ogã ou Ekedí são sacerdotes de cargo dentro da religião de Matriz Africana, que não incorporam o Santo, Ogã cargo masculino e Ekedí cargo feminino. Porém a nenhum filho de Santo da casa está permitido entrar no barracão ou se aproximar de outros fundamentos para qualquer atividade, todas estarão suspensas nesse período de Luto. Passado esse tempo, um Zelador (a) joga o búzio novamente para saber quem seria o Sucessor e Herdeiro do Axé.

Este Cerimonial de Axexê diferencia-se de outros realizados por várias nações. Algumas nações quando realizam esse cerimonial temem aos mortos e apressam-se em expulsá-los para longe dos terreiros.

Ao contrário do Ilê Axé Opô Afonjá, que foi fundado em 1910 por Eugenia Anna dos Santos, conhecida como Mãe Aninha, que adquiriu uma fazenda em São Gonçalo do Retiro, município de Salvador, Bahia, local onde o terreiro está estabelecido até os dias de hoje seguindo o rito Ketu, de nação Nagô, ou seja, possui descendência Ioruba, oriundo da região da Nigéria, Benin e Togo. Os sacerdotes deste santuário não podem realizar o ritual, a casa deve então apelar para um sacerdote especial, o da Ilha de Itaparica, onde se encontra o centro da sociedade dos Egúngúns. Roger Bastide confirma o que acabamos de afirmar:

Eis porque nas descrições das cerimônias mortuárias Ijexá, Jeje ou angola que possuímos ou às quais assistimos os Eguns não apareciam. Aparecem, ao contrário, no Opô Afonjá; mas os sacerdotes do santuário não podem realizar o ritual, o candomblé deve então apelar para um sacerdote especial, o da Ilha de Itaparica, onde se encontra o centro da sociedade dos Eguns (2001, p.136)

O autor afirma que dentro do Ritual Nagô os rituais de Cerimoniais Fúnebres têm que ser realizados por um membro da Sociedade Egúngún, sendo esse o Alapini (Sacerdote Supremo, Chefe dos alagbás), Alagbá (Chefe de um terreiro e de uma comunidade), Atokun (guia de Egun), ou outro Ojé dentro deste grupo.

Antes do início do ato de Axexê, as “Yabassé” (cargo feminino no Candomblé, esta é a notável encarregada pela comida ritual, cargo concedido unicamente a mulheres), preparam na cozinha de santo todas as comidas que serão utilizadas nesse ritual.

Os Ojés “Sacerdotes de cultos a Egúngún” iniciam a realização do cerimonial secreto na casa de Babá Egun, poucas pessoas tem autorização para entrar. Nesse local se guardará os materiais utilizados diariamente no cerimonial, aí serão realizados os abatimentos necessários para preparar o carrego para ser despachado no último dia do Axexê.

Tendo iniciado o ritual, se juntam todos os pertences do falecido, utilizados em suas obrigações em vida como roupas, brajás ou deloguns, quelê e outros pertences.

No ato de Axexê quando o falecido (a) for muito antigo (a) e poderoso (a) na religião, o ritual poderá ser tocado com atabaques com os couros afrouxados. Em alguns terreiros da Nação Ketu também se utiliza cabaças, duas inteiras e uma com a ponta cortada, essas são embocadas em um aguidá, sendo esses compostos pelo Omieró “erva de santo que são maceradas”. Usam-se também potes de barro (quartilhões), até abano e algumas varinhas chamadas de aguidavi para produzirem o som, “isso dependendo da nação”, também o gâ (instrumento esse semelhante ao agogô), porém com uma única boca. Todo esse ritual de cânticos e toques poderão ser realizados pelos Ogãs Alagbês, sendo que todos esses materiais utilizados deverão ser despachados juntamente com o Carrego de Egun, “exceto alguns instrumentos quando houver herdeiros na casa de Santo”.

Figura 18- Início do Ritual do Axexê



Gravura de Carybé, s/d.

No barracão ou local a ser realizado esse ato haverá ao centro uma cabaça pintada de branco com o “Adoxù” (é todo o iniciado na Religião de Matriz Africana, esse é feito no mistério do Orixá), e em seu contorno uma pintura com pó simbolizando o “ori”, “cabeça” do falecido. A mesma é colocada em um aguida (travessa de barro), os aguidas são o material mais utilizado nesse ritual. Os panos brancos representam os ancestrais do falecido, os padês de Exu, primeiro a ser louvado, e a quem se busca pedir licença para a realização do ritual e garantir que ele levará ao Orun as oferendas e todos os pedidos em relação ao falecido (a), vários pratos de comidas de outros orixás também estarão dispostos nesse local onde se realiza o ritual

Figura 19 - Oferenda Ritual de Axexê



Retirado de: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ad/Ritual\\_de\\_Axexê.JPG](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ad/Ritual_de_Axexê.JPG) Acesso em 28 dez 2020.

Os Ojés dentro dessa atividade realizam uma invocação para que os Ancestrais que são ligados aquela casa de Santo venham participar dos atos, juntamente com o homenageado falecido, porém essa invocação acaba atraindo outros Eguns, que não são convidados a participar desse ritual, faz-se necessário a presença dos Ojés, que com a sua magia têm o poder de afastar esses Eguns do ambiente para o qual não foram convidados.

No barracão, local onde serão realizados esses atos, todos deverão estar trajados de roupas brancas simbolizando o luto, as mulheres devem estar com roupas simples e devem manter os peitos cobertos com o pano da costa e a cabeça com um ojá (pano branco), isso durante todo o cerimonial. Sabe-se que essa prevenção cria um disfarce, quando as mulheres cobrem os seios e os cabelos se passam por homens aos olhos dos Eguns, que participarão deste cerimonial. Os participantes serão pintados com um pó preparado especialmente para

esse ato, além de usarem uma palha da costa como pulseira amarrada e trançada, que funciona como um contra-egum. Os integrantes deverão levar moedas antigas para participar deste ato. Todos devem lavar as mãos com o OMIERÓ para participarem desse ato e estarem com os pés descalços. (SANTOS, 1986)

Todos os que estiverem presentes no primeiro dia de Axexê ficam obrigados a comparecer nos próximos seis dias subsequentes, não sendo ninguém dispensado dos demais atos independentemente da posição ou cargo em que ocupa no terreiro. O ritual não é aberto ao público, se restringe aos filhos de Santo.

No momento em que é iniciado o ritual ninguém tem permissão de deixar o barracão até que o ato seja concluído. Os Ojés, por terem cargos dentro desse cerimonial, terão livre circulação dentro e fora do barracão.

Antes de iniciar o Ritual de Axexê, os Ojés com suas varas longas e mágicas “Ixã”, percorrem todo o espaço do Terreiro para espantar qualquer outra energia negativa, que poderá estar presente no ato. No início do xirê de orixás (dependendo da nação) deverá ser entregue o Padê de Exu, e logo em seguida louva-se todos os Orixás, em algumas nações não se louva o Orixá Xangô durante o toque, esse Orixá é louvado somente após o arremate, ou seja, após o Carrego. Segue-se uma grande rigidez comportamental dentro do Terreiro durante todo o processo das atividades, isso para evitar melindrar o espírito que está sendo respeitosamente despedido.

Poderá haver a incorporação de orixás em alguns dos filhos presente durante a louvação ao Orixá, no Axexê. Os orixás mais ligados à morte como Oyá, Obaluaiyê, Omulú, Nanã Buruquê Oxumarê, Ogum, Ewa, etc. poderão se manifestar nos filhos que o carregam. Algumas casas de santo fazem um pequeno intervalo após saudar e louvar os Orixás para iniciar-se o Ato de cânticos e louvação de Axexê e segue com algumas cantigas entoadas dentro do Ritual.

Apresento em seguida algumas canções:

### CANTIGAS DE AXÊXÊ<sup>3</sup>

<p>1) Cocororó... é um que é um tabaré (Repete) Axexê mojuba ê Axexê axexê omã Axexê boluô kê oabalô</p>	<p>ó aleuá Ikú inganguéuá afá Kaimá ayé kaimá quênda maionqué pepelé pepelé quenda nuquen</p>
--	---

<sup>3</sup>Fonte: MANZOCHI, H.M. Axexe: a rite of passage. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 5: 261-266, 1995.

<p>Axexê axexê omã  Aféié a énokô, oluô deoxeké  Bandakuxé, oluô deoaxemim  Kojá kojá bamba eruku,  KafiderIkú ô lebarê...  Tá nu batatum... enoriô  Tá nu batatum... enoriô  Tá nu batatum... enoriô  (repetido várias vezes)  Etileruô  <b>2) Ó oniê</b>  A murassabina abaquassebé  A murassabiô nabaquassebé  Yá mofonã eua koiô  Yá mofondô do ocoxé  Yá makuná nabaquendé  Yá mukuná nabaquendé  <b>3) Dabió a coké ó</b>  Orete o megé da biodé  Ó olóró da mi cója ó  Corojá Oyáé aé Oyáé  AcorojaOyáé  á olóró da mi cója  <b>4) Yá tiléruó</b>  ó duró-ó Ikú ayé  p duró-ó Ikú ayé  Ikú lapalá Babá  Ikú goma kekeré  ó duró Ikú ayé  A uié é mabOyá  olómá nixé  (Repete)  A uié é ki komoré  e sufunhé balé cóma bOyá  elomá nixé  <b>5) Ya</b>  ó bobo  Yasin abáagogéa  e é... e é  Yasin alágogéa  Yasin du balakoxé  (Repete)  ó bobo  olani ná kóta moda moré  kóta moda moré  eran osa á morólodé losa beíá  zarina kóta moda moré  kóta moda moré  eran osa a morólóde losa beíá  akuleruó exu balé  akulériré exu balé  óbobó maño  <b>6) Yá tilérué</b>  óbobó marió  Tambóafá Tambogirá  é moná siré  O óbobo marié  é bango bango taté mamé  é bango bango taté mamé  (repete)  é simbelequé un un un simbelequé  simbelequé tubabá kéoanin  Jora jora konkanga maneto  Jora jora konkanga  Jora jora konkanga tateto  Jora jora konkanga  <b>7) Yá tilérué</b>  ó bobo oyá  ó bobó oyá  batuká nu balé yaré  batuká nu balé yaré  agó megé  Oyátú felebé é marió  <b>8) Tá no bongoróé</b>  Tá tá tá no bongoió  Tá tá tá no bongoió</p>	<p>quenda nuquen  omolucum... é madjá iré  omolucum... é madjá iré  é é madja iré  é madjá iré da silé  <b>9) Ya tilérué</b>  ó bibó marió ió ió  Ikú balé kan Agó Babá  é... apá nu apágogó  apá nu mafagogó  apá nu mafamoró  apá nu mafamoró  é ablkú oloré  é ablkú oloré  loré ni abá oré  loré ni abá oré  é ablkú oloyé  é ablkú oloyé  loré ni abá oré  Loré ni abá ore  <b>10)</b>  Yá tiléruó  Babá Ikú Balé  ó bobó bó marió  Airá Ablkú Airá Ablkú Ablkú  Airá ... Ablkú ú ú  Airá ... Ablkú ú ú  Ablkú oloré  Airá... Ablkú ú ú Airá  Ablkú u Airá  é Ikú ó ónixoloró  Ablkú u Airá  é Ikú ó ónixoloró  á foforé oni xoroxé  Ikú ó onixoloró  á foforó oni xoroxé  amba shé shériomá  diré e mane tata eua diré mamé  é mane tata eua diré mamé  é virá mane tata eua que banba diré lo  u banda mane tata eua diré mamé  diré... é mane tata eua diré mamé  é mane tata eua diré mame  <b>11) é samba samba mirélé-ó</b>  samba shé shériomá  samba shé shériomá  é mamba shé shébilá  mamba shé shériomá  diré e mane tata eua diré mamé  é mane tata eua diré mamé  é virá mane tata eua que banba diré lo  u banda mane tata eua diré mamé  diré... é mane tata eua diré mamé  é mane tata eua diré mame  <b>12) Ya tileruô</b>  Banja banja kukurú  oyá banja coxé  Banja banja kukurú  oyá banjá coxé  é aê aê Vumbê-ê Vumbê pá kerukeru  <b>13) Yá tiléruô</b>  e oyá balélé-ô  ô Ikú balelé  ô Ikú balélé-ô  ô Ikú balélé  balé balé kê ni xorolô  Ikú balélé-ô  Ikú balélé  Ikú Ikú ô lodò dan yê dan yê bê olô  Ikú Ikú ô lodò dan yê dan yê paraiê  Saudação aos Babás  Agô Agô babá-babá Petiberé  Kê oayalabaomin Ikú Balé Kan  Ablkú Vioye  Airá... Ablkú Airá  Airá ú ú Airá</p>
--	--

T án o bongoió Tá tá tá no bongoió Tá tá tá no bongoió Jora muketo jora mugangá Buré buré breketé Buré buré breketé Ayé kaimá ingangueuá afá Kaimá ayé kaimá	ê Ikú ô ónixolorô à foforê oni xoroê Ikú ô onixolorô à foforô oni xoroê
---	--

Após o despacho do Padê de Exu e a louvação de todos os Orixás, todos se levantam e tem-se início a louvação do Axexê com algumas cantigas já citadas, com as danças individuais. A dança inicia-se com os filhos mais antigos seguindo assim uma tradição hierárquica da casa e da Religião, apenas os filhos de santo que foram iniciados, as Iaôs e os filhos com santo assentado participam dessa dança. São colocados pratos e aguidas de barros com várias comidas de Orixás, cabaças cortadas pela metade no centro do barracão. Os participantes ao dançarem deverão estar portando moedas, que serão passadas em seu corpo e no seu orí (cabeça), e logo em seguida depositadas na cabaça. Após a dança dos filhos iniciados, os demais participantes convidados poderão livremente se encaminharem até o iniciado que está dançando e colocar moedas em suas mãos. Esse iniciado dança em volta da cabaça e deposita as moedas e retorna ao seu lugar. Os iniciados mais velhos repetem novamente o mesmo ritual inicial.

Figura 20 - Padê de Exu



Retirado de: <http://suamidosun.blogspot.com/2010/10/falando-sobre-o-ipade.html>. Acesso em 28 dez 2020.

Na outra parte do ritual, os filhos de Santo dançam em conjunto, primeiramente os que possuem o Santo de enredo ou sequência do homenageado, por exemplo: Oxum e Oxossi, logo em seguida os filhos com santo ligado diretamente a morte como, por exemplo, Omulu e

Nanã, Ogum e Oyá, sempre em conjunto. Por fim todas as filhas de Iansã (Oyá) são chamadas no centro do barracão, onde podem ter a incorporação e manifestação do Santo.

Após o encerramento desse primeiro ciclo, os filhos e convidados dançam numa roda única em torno da cabaça, retornando logo em seguida aos seus respectivos lugares e permanecendo em pé para assistir a parte do ritual, que é realizada por dois Ojés, munidos de seus Ixãs. Eles dançam e conversam entre si. Esse momento do Ritual é de grande força, de energia vital. Para a maioria dos participantes é muito misterioso pelo fato de não conseguirem acompanhar e conhecer a linguagem Yoruba falada pelos Ojés, linguagem que faz parte do segredo do culto. No candomblé, nenhum iniciado está apto a conhecer esses segredos, pois são posições de hierarquias diferentes, só a iniciação o capacita para exercer essa função e fundamentos. Contudo para muitos participantes muitas particularidades do culto aos Egúngún pode passar despercebidas, uma vez que o culto é totalmente reservado. A aprendizagem exclusiva e os cargos nesse ritual não estão ao alcance de todos por fazer a distinção do sexo e do Orixá. Dentro do ritual de Egúngún, apenas homens e aqueles que possuem seus Orixás ligados intimamente a morte podem se iniciar no Culto a Babá Egun, poderá haver exceções. (SOBRINHO, 2015)

Nesse ritual é possível ouvir gritos e cânticos da rua, cheiros de perfumes de ervas espalhadas pelo barracão, é possível observar sombras e luzes que cortam a noite pelo lado de fora. Alguns Eguns que querem participar desse ritual, são afastados pelos Ojés, esses sacerdotes após o primeiro dia ficam mais agitados durante o cerimonial, movimentam-se pelo barracão, pelo quintal e vão até a rua para espantar os Eguns intrusos.

Assim que termina o ciclo, os Ojés e as filhas de santo incorporadas em Iansã recolhem todas as comidas que foram arriadas no chão, com os demais objetos utilizados no ritual como cabaças com moedas, velas e outros apetrechos do culto, dirigem-se para a Casa de Egun, onde todo esse material permanecerá até o dia seguinte. No retorno do grupo, que se dirigira a casa de Babá Egun, os Ojés se comunicam com as mensagens que ouviram do homenageado na linguagem Yorubá. Logo em seguida se inicia a última parte do cerimonial formando o Xirê (roda) com todos os participantes louvando o Orixá de cabeça do Homenageado e seu “ajuntó ou junto” (é o orixá adjunto, é o nosso segundo santo; nosso orixá de frente comanda nosso lado racional e o adjunto “juntó” nosso lado emocional), louva-se também para os Orixás ligados a morte Omulu, Nanã e Oxalá. As pessoas que fazem parte dessa roda conforme passam pela porta de entrada do barracão realizam um gesto de estar limpando o corpo, retirando as coisas ruins de si.

No dia seguinte, se dá sequência ao Cerimonial de Axexê procedendo da mesma maneira do primeiro dia. A tensão entre os integrantes diminui, pois já sabem como comportar-se durante os atos. Mesmo havendo no ar uma expectativa de que aconteça algo novo, o ritual se repete como no primeiro dia da cerimônia. Com o passar dos dias nota-se um certo cansaço entre os participantes, devido a longa permanência de pé e da repetição dos atos.

Os cinco primeiros dias desse cerimonial ocorrem dentro do mesmo ritual, a interação entre os adeptos ajuda a superar o cansaço e os mantêm dispostos a participar das cerimônias nos próximos dias. A participação não deve ser apenas formal os participantes devem estar abertos as mudanças que podem ocorrer, em especial, no âmbito psicológico. O estar juntos nos cinco primeiros dias do cerimonial, ajuda os adeptos a suportarem a dor e a solidão.

No sexto dia dos atos de Axexê antes do início do ritual, os Ojés com toda a sua experiência e sabedoria dirigem-se para a casa dos Eguns para a preparação de todos os fundamentos. Realiza-se, então, o ato maior para o falecido, a despedida do homenageado. Os Ojés darão sequência ao abatimento dos animais e a preparação do carrego, sendo este conhecido como o ato de conclusão. Após a realização de todas as conclusões no barracão inicia-se o fundamento maior abatendo os animais, o silêncio nesse momento tem que ser absoluto, sendo proibido qualquer tipo de comunicação verbal entre os presentes. Um Ojé traz uma vasilha de barro contendo o “Omiero” (água e folhas maceradas também preparadas pelos Ojés), nesse momento todos os fiéis presentes entregam a fita de palha da costa, que foi amarrada em seus pulsos ou em outra parte do corpo. Esses materiais são levados para a casa de Eguns para composição do carrego.

Terminado esse ato, caso a casa não tenha herdeiro ou sucessor iniciam-se todos os atos para o despacho de seus pertences, chamado de “quebra pratos” (despedaçam todos os pertences do falecido), seus ibás são quebrados, seus colares desfeitos os seus axós (roupas) são rasgadas. Faz-se uma trouxa com um lençol branco, que será colocada em um balaio de vime. Essa trouxa é chamada de Balaio de Egun, a mesma é acompanhada com o abatimento de animais aves e quadrúpede, dependendo do grau ou cargo do falecido. Essa trouxa deverá ser entregue ou despachada também no local indicado pelo Jogo de Búzios. Esse processo de entrega de balaio poderá ser acompanhado pelo Ojé, Babálorixá ou Yalorixá, Ogãs e algum filho de santo que tenha a incorporação do Orixá Oyá.

A cerimônia termina no sétimo dia, dia do arremate, segundo os adeptos. Coloca-se, então, no barracão uma mesa onde todos os fiéis que fizeram parte do ritual participarão da refeição com o falecido. Em baixo da mesa coloca-se um prato de barro, forrado com um pano branco, onde será ofertada a primeira refeição em homenagem ao falecido. Terminado o almoço junta-se tudo o que sobrou e coloca-se no carrego.

Neste último dia, canta-se louvando os orixás, em seguida, costuma-se realizar ebós nos participantes e, posteriormente, empreende-se a limpeza ritual dos assentamentos das divindades e do terreiro como um todo, com a eventual participação dos orixás que por acaso tenham se manifestado em seus elegun; abrindo novamente a casa, chamando novamente todas as divindades e a vida para o Terreiro. É, portanto, a vida que volta em todo o seu esplendor após a morte que se retira. (BANDEIRA, 2010, p. 38)

No final de cada ato de Axexê poderão ser servidos os pratos prediletos do falecido, sendo sempre tirado o primeiro prato de comida-refeição “ajeum” e colocado embaixo da mesa e oferecido sempre ao falecido. Todo o resto de comida será despachado juntamente com o carrego do falecido. O peixe é um alimento que não pode faltar nas refeições.

O Axexê se constitui em um período de “obrigações”, de acordo com a estrutura do mito, que pode ser: de sete dias para os “mais velhos”, os Egbomis; de três para iaôs, que não possuem as obrigações de sete anos de iniciados e de um dia para as iaôs, que não completaram as obrigações de três anos. Quanto mais tempo de iniciado tiver o morto, mais complexo será o ritual, para se desfazer os vínculos com a comunidade. No caso da morte do pai ou mãe-de-santo, o Axexê é repetido em intervalos de um mês, um ano, sete, quatorze e vinte anos, isto porque eles têm mais vínculos com o terreiro e estes precisam ser cortados.

O Axexê dentro de outras nações de Matriz Africana também é conhecido pelos nomes de zerim e sirrum, sendo esses nomes denominados pela linguagem “Fon” (é uma linguagem falada em alguns países do Continente Africano, como Congo, Benim, Angola e outros). Podem, também, se diferenciar pelos instrumentos que são percutidos em troca a substituição dos atabaques. O “sirrum” é uma metade de cabaça emborcada em um alguidá onde se encontra uma combinação de elemento líquido; o “zerim” é um pote (vaso de barro) com certos ingredientes dentro que é refletido com um abano (leque de palha) dobrado em dois.

### 2.3.2 Axexê Lessé Egúngún - O Ritual do velório na casa do Falecido e no Terreiro de Culto a Egúngún

Em Ponta de Areia, Ilha de Itaparica, tem-se o costume do falecido ser velado em sua casa e geralmente na sala. O caixão é colocado encima de uma mesa com o falecido dentro, em um canto da sala, perto coloca-se uma vasilha de água com ervas maceradas e sagradas chamadas de “OMIERÓ”. As pessoas mais velhas ao adentrarem no local pegam um ramo de vegetal e benze o falecido ali presente, esse ato geralmente inicia-se com as pessoas mais velhas da comunidade e em seguida pelos seus familiares. Na hora da partida para o cemitério todos acompanharão o cortejo seguindo a pé, sendo essa uma tradição antiga e ainda preservada na Ilha por essa comunidade, sempre revisando as alças do caixão. Segundo Reis

Tendo saído o enterro, procurava-se apagar os rastros da morte em casa. [...]. Varria-se a casa cuidadosamente, lançando a poeira pela porta da frente, que permanecia semicerrada como sinal de luto e para facilitar a saída da alma do morto, caso ainda rondasse por ali. Mas uma outra tradição diz: fechavam-se portas e janelas durante oito dias, evitando assim o retorno do morto. Ambas as atitudes previam a possibilidade da permanência do morto entre os vivos. Em ambos os casos a casa deve ser outra para o início do luto doméstico, nova fase da liminaridade instalada pela morte. (1991, p. 165)

Figura 21 - Ritual na casa do falecido



Foto de Rodrigo Lôbo, acervo JC Imagem.

Durante o cortejo o silêncio é total, ao longo do percurso as portas do comércio se fecham em respeito ao falecido. No cemitério seguem-se as regras do ritual fúnebre das religiões de Matriz Africana. Realizam-se, em seguida, os atos de Axexê acima descritos. Mantem-se o costume de celebrar a missa de sétimo dia numa Igreja Católica, geralmente após a missa é servido um café para os convidados na casa do falecido.

O Ritual Fúnebre na Ilha de Itaparica no “Omo Ilê Agboulá” diferencia-se de outras tradições de Salvador; na Ilha, as obrigações contam com a presença de um Ojé, membro ou integrante da comunidade do terreiro, as celebrações duram de rês a sete dias, sendo indispensável presença de seus familiares nesse ritual de despedida. Quando o Cerimonial de Axexê é realizado para um sacerdote de muito prestígio na comunidade, comparecem muitas celebridades e pessoas de vários lugares da Ilha, Salvador, cidades vizinhas e de outros estados. Comparecimento que demonstra a importância do falecido e de seus serviços no âmbito da Sociedade de Matriz Africana.

Os atos de Axexê de um sacerdote Ojé “Lessé Egúngún, que significa aos pés do ancestral, diferencia-se dos atos de Axexê de um sacerdote de culto aos Orixás “Lessé Orixá” que significa aos pés do Santo, sendo esse ritual também realizado para os filhos (as) falecidos.

As fases do ritual de Axexê do Lessé Egúngún se diferenciam do Lessé Orixá nos seus procedimentos. A título de exemplo: todos os pertences do falecido como seus ibás, seus axós (roupas), materiais domésticos, materiais pessoais de higiene, enxovais de cama mesa e banho, deverão ser entregues ao Terreiro para composição no Ilê Igbalè. Um dia após o sepultamento do falecido deverá ser ofertado aos Orixás do Terreiro e a Egúngún oferendas. Deverá ser realizado o jogo de búzios para verificar quais serão as sequências que serão constituídas no ritual do Axexê.

Todo o ritual é celebrado dentro do barracão, tendo a seguinte sequência: saudações ao Orixá Exu e logo em seguida o despacho do Padê, onde este Orixá (Exu) irá permanecer logo na entrada do terreiro para proteger e afastar todas as brigas, conflitos ou energias negativas que possam ser indesejáveis e atrapalhar o bom andamento do ritual. Logo após inicia-se a louvação dos Orixás, podendo diferenciar de nação para nação. Toda a comunidade presente deve estar trajada de branco, independente de cargo, sexo, idade.

A chegada de um Ojé é aguardada por todos para dar início ao ato de proteção dos convidados, cada um participante recebe uma palha da costa em seu braço, e em alguma parte de seu corpo visível traçado uma cruz com pó de giz branco, sendo conhecido como “efun” que simboliza a ancestralidade.

No centro do barracão coloca-se uma quartinha de barro com água, prato com velas, um aguidar de barro contendo nove acarajés (é um bolinho feito de massa de feijão-fradinho, cebola e sal, e frito em azeite de dendê), nove acaçás (é uma pasta de milho branco ralado ou

moído, envolvida ainda quente, em folha de bananeiras) e nove ecurus (é uma massa preparada da mesma forma que a massa do acarajé, feijão fradinho sem casca triturado, envolto em folhas de bananeira como o acaçá e cozido no vapor), um prato branco contendo milho branco cozido, chamado de “ebô” de Oxalá.

Após ser louvado o Orixá Exu e todos os Orixás, todos os Ojés se apresentam no barracão num silêncio total, trajados somente com calças brancas arregaçadas até os joelhos, de pé no chão, sem camisas, cada um portando seu Ixã na mão, se alinham defronte aos preceitos que estão arriados no chão e sempre aguardando que o Ojé mais velho dê início ao Ritual invocando o nome do falecido por três vezes, sendo invocado o falecido pelo seu nome completo de batismo.

Dando sequência a esse ato, os Ojés se retiram para o espaço chamado Ilê Igbalé, onde ocorrerá a saudação e o pedido de permissão e proteção para todos aqueles espíritos e Orixás que fazem parte desse ritual. Pode-se iniciar com louvores e invocação de Babá Egun, que também pode ser referido como “Esá” que são ancestrais fundadores do Aramefã de Oxóssi (conselho de Oxossi, composto de seis pessoas), ou “Esa” espírito dos adoxu e autoridade do “Egbé” (casa), a “Olorun” que na mitologia Yorubá é o Deus supremo, chamado também de Olódùmaré. Ele aceita oferendas, pois tudo o que existe e pode ser ofertado já lhe pertence, na qualidade de criador de tudo o que existe; seguido de invocação dos falecidos do sexo feminino que recebem o nome de Ìyámi Agbá (minha mãe anciã). (SOBRINHO, 2015)

No panteão africano e no Afro-brasileiro, tem-se um respeito muito grande para com todos os Axexê, neles saúda-se também evocam “Ìyá Nlá” ou “Grande Mãe”, que também é chamada de Ìyámi Oxorongá, ancestralidade coletiva feminina que é cultuada pelas "Sociedades Gèlèdè". Porém, por respeito os Ojés a saúdam dentro desse ritual, é uma força espiritual universal que se une aproximando as forças da natureza e do conhecimento dos seus antepassados. Mantem-se e preservam assim a harmonia na sociedade. Para o povo Yorubá eles acreditam que quando a seguem irão ganhar "Iwapele" (significa o bom caráter, fortalecendo assim os laços afetivos e promovendo a vivência em grupo como um estimulante da felicidade, muita paz e convivência harmoniosa, mantendo o respeito ao próximo, aos animais e a natureza). Os Orixás são a fonte da vida, que mantem e preservam a harmonia da sociedade.

Um mito nagô, contado no livro *Terreiros de Egúngún. Um culto Ancestral Afro-brasileiro o sobre a origem do Axexê*, nos relata:

Conta o mito que vivia em terras Yorubá, no reino de Ketu, um caçador chamado Oduleké, líder entre todos os caçadores da região. Ele adotou uma órfã da cidade de Irá por nome de Oyà. A menina cresceu esperta e faceira. Era a paixão do velho caçador. Com o passar dos anos, Ikù veio e levou Oduleké para o mundo dos mortos. Ela ficou muito triste. Pensou bastante e resolveu prestar homenagens ao seu pai adotivo.

Pegou os pertences do velho caçador, ferramentas de caça, roupas, utensílios pessoais e tudo que fosse do velho Oduleké e os colocou em um cesto coberto com um pano branco. Também preparou comidas e bebidas que o caçador gostava em vida. Oyà festejou, dançando por sete dias em homenagem ao seu querido pai.

Seu canto e seu vento eram ouvidos por toda parte.

Os caçadores, quando souberam das homenagens, aproximaram-se e celebraram a morte do velho líder. No último dia, Oyà pegou de volta todos os pertences do velho caçador e levou-os para a floresta, depositando-os aos pés de uma grande árvore.

Olorun, vendo os acontecimentos, aprovou os gestos nobres de Oyà e outorgou a ela o poder de levar os mortos ao caminho do orun. Oduleké foi transformado em Orixá (Oxossi) e Oyà em Iyá-mesan-orun, a mãe dos nove espaços do orun.

A partir daí, todos que morressem seriam levados ao orun por Oyà. Antes, porém, deveriam se homenageados com rituais fúnebres, cantos, danças e comidas, lembrando o mito yorubá de Oyà. Assim, nasce o axexê (SOBRINHO, 2015. p.73-74)

Este mito relata que o Orixá Oyà foi quem instituiu todo o Cerimonial de Axexê, no momento em que saiu para homenagear seu pai adotivo Odulekê, iniciando a partir desse mito inicia-se todo o ritual funerário das Religiões de Matrizes Africanas, sendo denominado de Ritual de Axexê.

“Odulekê” é um dos títulos do Orixá Oxóssi que é o primeiro a ser reverenciado no Axexê com uma série de cantigas que fazem referência a sua qualidade de ser o primeiro ancestral venerado. Nessa hora a dança é executada, apenas, pela mãe ou pai-de-santo, representantes de Oxóssi, enquanto todos permanecem ajoelhados com as mãos estendidas para cima em sinal de respeito.

Os atos de Axexê Lessé Egúngún podem ser realizados num período de “obrigações”, de acordo com a estrutura do mito, sendo de sete dias para os “mais velhos”, de três para os mais novos. Quanto mais tempo de iniciado tiver o Ojé morto, mais complexo será o ritual, visando desfazer os vínculos com a comunidade.

Dando sequência ao ato do ritual de Axexê no “Omo Ilê Agboulá”, no Ilê Igbalé ou Ilê Awô (a casa do segredo) se realiza o fundamento religioso com iniciação do “orô” (Seqüências de cânticos litúrgicos e sagrados ou rezas utilizadas para os Orixás na Religião de Matriz Africana) sendo esse ato praticado para o falecido, dialogando com seu espírito sobre os preceitos que estão ocorrendo para a sua consagração. Só os Ojés participam e realizam esses atos.

Após a realização do orô pelos Ojés, um Egúngún se faz presente no Barracão e homenageia as cerimônias realizadas de Axexê e cumprimenta os preceitos arriados no barracão e os alimentos e oferendas para cada Orixá. Nesse momento em que o Egúngún é invocado no barracão todo o participante, parente do falecido e o público presente deve estar de pé. Esse Egúngún fará o canto ritual inicial:

Axexê mo juba ô !!!

Axexê, axexê, ô

Tradução:

Origem de todos, eu lhe saúdo! (SOBRINHO, 2015, p.74)<sup>4</sup>

O Egúngún cumprimenta todo Axexê, admira e faz reverências ao local do preceito, realiza rezas e cânticos na linguagem Yorubá para homenagear o falecido, logo em seguida se recolhe, em alguns momentos o Egúngún convoca alguma das mulheres de cargo ou uma Yalorixá para celebrar em frente ao preceito arriando no centro do barracão, não sendo permitida a qualquer outra pessoa a realizar esse ato sem autorização do Egúngún.

Esses seguimentos serão realizados igualmente no primeiro e no segundo dia do Ritual de Axexê. Pode ocorrer que um ou dois ou mais Egúngún se dirijam ao salão para saudar o falecido, um de cada vez, os mesmos poderão tirar as rezas e as cantigas, saudar o preceito arriado, e se retirar.

No termino de cada noite do ritual, após a saída dos Egúngún para o Ilê Igbalé, os Ojés retornam para o barracão, lugar de realização de todos os atos. São recebidos no mais completo silêncio pelos presentes. O Ojè mais velho então entoa a seguinte cantiga:

Olorun awô, Olorun Awô

Balé Olorun awô balé

(Senhor Supremo dono do orun

Dono do Mistério, da cidade do mistério) (SOBRINHO, 2015, p.75)<sup>5</sup>

Dentro do barracão por algum tempo se escuta algumas lamúrias vindo da porta dos fundos, poderá ser a manifestação do falecido que está sendo homenageado nessas noites.

Após a celebração os Ojés retiram-se do barracão levando os pratos de comidas que foram arriados e fizeram parte desse rito, permanecendo no centro do barracão somente a vela

<sup>4</sup> Cantiga de Axexê, citada por Sobrinho, mas o autor da cantiga é desconhecido.

<sup>5</sup> Idem.

e a quartinha. Nos três dias do ritual serve-se para todos os participantes um jantar, com peixe ou frango. Jantar levado também para os Ojés que estão no Ilê Igbalé.

Nesse período do Ato de Axexê muitas pessoas dormem no barracão pelo fato da celebração terminar tarde da noite. Quem reside nas redondezas retorna para seus lares para descansar e retornar no dia seguinte. Muitas famílias têm o costume de alojar os participantes que vieram de longe.

No terceiro dia, o último da celebração de Axexê, geralmente o número de pessoas aumenta, esse é o ponto alto dessa obrigação. O ritual é o mesmo dos dias anteriores, são adicionadas pelos Ojés as oferendas, colocadas juntamente com o carregamento no barracão. Coloca-se no pulso esquerdo de cada pessoa tiras de mariwô pelos Ojés, coloca-se ao lado do preceito um prato de comida que o falecido mais gostava. Os Ojés dividem os objetos do falecido para ser enviados para onde determinou o jogo de Búzios.

Feitas todas as confirmações e questões segue-se para o ato final. Os Ojés entram no barracão com um balaio de vime grande contendo um amarro com um lençol branco com os pertences do falecido; estende-se no centro do barracão um pano como se fosse uma toalha nas cores vermelha, branca e preta e um aguida de barro grande.

Todos os componentes representativos nas cores vermelho, branco e preto que compõem o ato mortuário dentro do Axexê Lessé Egun, ao dar seguimento as normas consentirão que a alma recente do novo habitante do Òrun cumpra a sua trajetória. Chegando ao portal da eternidade o falecido dará testemunho de suas realizações e atos no Àiyé (terra) durante o tempo que esteve em vivência. As oferendas e os pedidos realizados nesse ato fúnebre do Ojé falecido são realizados para que primordialmente aconteça da mais correta maneira possível, onde há todo o ritual de magia. As três cores presentes nesse ritual são representadas no barracão com uma bandeira, que descreve a constituição do axé dividido em três classes. Nas palavras de Juana Elbein dos Santos (1986, p.41):

O àse é contido numa grande variedade de elementos representativos do reino animal, vegetal e mineral quer sejam da água (doce ou salgada) quer da terra, da floresta, do mato ou do espaço urbano. O àse contido nas substâncias essenciais de cada um dos seres, animados ou não, simples ou complexos, que compõem o mundo. Os elementos portadores de àse podem ser agrupados em três categorias:

1. “Sangue” – “Vermelho”;

2. “Sangue” – “Branco”;

3. “Sangue” – “Preto”.

1. O “sangue” vermelho compreende:

a) o do reino animal: corrimento menstrual, sangue humano ou animal,

b) o “sangue” vermelho do reino vegetal: o epo, azeite de dendê, o osùn, pó vermelho extraído do *Pterocarpus Erinacesses* (Abraham, 1958: 490), o mel, o sangue das flores,

c) o “sangue” vermelho proveniente do reino mineral: cobre bronze etc. Veremos mais adiante que o amarelo é uma variedade do vermelho com o azul e o verde são variedades do preto.

2. O “sangue” branco compreende:

a) O “sangue” branco do reino animal: o sêmen, a saliva, o hálito, as secreções, o plasma (particularmente o do ìgbín, caracol) etc.;

b) O “sangue” branco do reino vegetal: a seiva, o sumo, o álcool e as bebidas brancas extraídas das palmeiras e de alguns vegetais, o ìyèrisùn, pó extraído do ìròsùn *Eucleptes Franciscana F* (Abraham: 316), o òrí, manteiga vegetal (Sheabutter) etc.;

c) O “sangue” branco proveniente do reino mineral: sais, giz, prata, chumbo etc.

3. O “sangue” preto compreende:

a) O do reino animal: cinzas de animais;

b) O do reino vegetal: o sumo escuro de certos vegetais; o ìlú, índigo, extraído de diferentes tipos de árvores (Abraham: 187), é preparação à base de ìlú, pó azul escuro chamado wáji;

c) o que provem do reino mineral: carvão, ferro etc.

Por extensão, existem lugares, objetos ou partes do corpo impregnados de àse: o coração, o fígado, os pulmões, os órgãos genitais, as raízes, as folhas, o leito dos rios, pedras; e outros que correspondem, de uma maneira bem definida, a alguma das três cores mencionadas: os dentes, os ossos, o marfim.

A renovação das forças e sua glorificação em sua passagem são realizadas através de oferendas, a partir dessa finalização o Ojé que agora é denominado Axexê, sendo contemplado nessa feitura com os componentes de composto natural, que são elementos simbólicos. Eis a razão desses princípios simbólicos serem acrescentados em seu carregamento. Assim sendo, os três elementos representativos já citados e corporificados por essas cores, encontram-se presentes nesse ritual, constituindo e encerrando os rituais que estabelecem as relações entre o Àiyé (terra) e o Òrun (céu), o mundo onde os espíritos habitam para sempre. Para Juana Elbein dos Santos (1986 p.42-43):

Sendo o àse uma força que permite serem as coisas, terem elas existência e devir, podemos concluir que tudo o que existe, para poder realizar-se, deve receber àse, as três categorias de elementos do branco, vermelho e do preto que, em combinações particulares, conferem significado funcional às unidades que compõem o sistema.

Receber àse significa incorporar os elementos simbólicos que representam os princípios vitais e essenciais de tudo o que existe, numa particular combinação que individualiza e permite uma significação determinada. Trata-se de incorporar tudo o que constitui o àiyé e o òrun, o mundo e o além.

O àse de um terreiro não é “o líquido que contém um pouco de sangue de todos os animais sacrificados”, com “um pouco de todas as ervas que pertencem a diversos òrisà” (E. Carneiro 1948:116-117 e, citado por R. Bastide, 1961: 86), é um poder de realização, transmitido através de uma combinação particular, que contém

representações materiais e simbólicas do branco, do vermelho e do preto, do àiyé e do òrun.

Ligado a esse ritual encontramos outros tipos de magias e oferendas que são os cânticos em Yorubá saudando e glorificando o falecido, a alegria e energia do ambiente, a positividade dos Ojés e demais participantes. Preservar a tradição de raízes africanas é uma preocupação permanente.

A obrigação arriada no meio do barracão aponta que é o momento de acender nove velas no contorno da bandeira estendida no chão. São retiradas dos punhos dos presentes as tiras de mariwô, que foram colocadas quando se iniciou os atos, primeiro dos homens e em seguida as mulheres. Essas tiras são retiradas pelos Ojés e colocadas no aguida, que está em cima do pano branco. Todo esse ritual é realizado hierarquicamente, após esse ato os Ojés realizam pequenos cortes nos panos vermelho e preto que estão estendidos no chão. Esses cortes indicam a separação do Ojè falecido no Àiyé, a partir desse momento seu espírito não tem mais nenhuma ligação ou relação afetiva com o mundo material. Finalizado o ato, o falecido passa a ter um novo princípio.

Após as pessoas presentes terem realizados as suas condolências e desejado bom caminho para a alma do falecido é chegado o momento da presença do Egúngún no barracão, ele determinará as instruções estabelecida dentro do mito de Oduleké.

Os Ojés nomeados para transportar esse carrego são convocados para retirarem a obrigação ofertada ao falecido que se encontra no chão do barracão. As autoridades de Aché sairão pela porta da frente, dirigindo-se ao espaço estabelecido, neste momento é executada por todos os presentes a seguinte cantiga:

A fi bó, Gbé Ru Le má ló

A fi bó, Gbé Ru Le má ló

Tradução

O carrego da casa está saindo, cubram-nos

O carrego da casa está saindo, cubram-nos (SOBRINHO, 2015, p.79)<sup>6</sup>

Geralmente esse carrego será entregue em um local determinado pelo jogo de búzios, poderá ser entregue em um rio ou no mar conforme determinado, porem terá que ser em um

---

<sup>6</sup> Idem.

local bem distante do barracão, poderá ser levado de carro ou a pé pelo Ojés, sendo estabelecido pelo menos a distância de uma hora do terreiro ou mais.

O Babá Egun, que permaneceu no barracão, cumprimenta a todos os presentes e realiza várias recomendações aos presentes, que haja paz, união, compreensão, solidariedade, carinho, fidelidade, que sejamos iluminados pelas luzes e pelas mãos de Olódùmarè, que haja em cada família a partilha, a troca de afeto, de sorrisos. Comunica, ainda, aos familiares que admitam e aceitem a partida desse irmão, que a partir de agora passa a ser considerado um ancestral que alcançou o Òrun.

Nesse espaço de entrega do carrego do falecido, o Egúngún que permaneceu no barracão, canta, louva e dança. São celebradas cantigas para o Orixá de cabeça do falecido. Por exemplo, se o falecido foi iniciado dentro do culto com o Orixá Ogum, esse Orixá será louvado até o retorno dos Ojés ao barracão depois entregar o carrego do falecido.

Ao regresso desses sacerdotes Ojés é celebrada a seguinte cantiga pelos Ojés:

Abó mi rê o – tradução – estamos de retorno

È respondido por Babá Egun

Abó owô – tradução – retorno de prosperidade e riqueza

Abó Omo, Aikú babá wá – Tradução – Retorno de bons filhos e longa vida para o pai. (SOBRINHO, 2015, p.79)<sup>7</sup>

Compete a família caso queira realizar as obrigações futuras a esse falecido, juntamente com “Babá Olukotun” (ancestral legendário dos povos Yorubá, cultuado até hoje nos terreiros de Babá Egun), que fará saber se o ancestral irá participar ou não das atividades públicas como Babá Egun ou se somente suas obrigações e outros atos serão realizados no Ojubó.

Dentro do rito de Ancestralidade do Omo Ilê Agboulá o espírito do Ojê falecido não é despachado, realiza-se um carrego com alguns pertences de sua vida no Àiyé, seu espírito durante um período de alguns será preparado para tornar-se um ancestral, assim como ocorreu com seus congêneres já falecidos.

Terminado esse ato, o Egúngún despede-se de todos e retira-se do barracão acompanhando pelos Ojés, seguindo para o Ilê Ìgbàlé (a casa do segredo) para finalizarem os atos internos. No espaço do barracão e no Lessain (casa de adoração de Oyá Ìgbàlé, a mãe e

---

<sup>7</sup> Idem.

senhora do mundo dos mortos), será oferecido um jantar para todos os presentes, como é estabelecido nas casas de rituais de Matriz Africana.

Breve, com a apresentação dos Ojés abrimos o capítulo, homens responsáveis pela realização do culto de Babá Egun, autênticos mediadores entre os vivos e os mortos. Presença imprescindível, sem eles o culto de ancestralidades no Omo Ilê Agboulá não se realiza. São homens sábios e experientes com capacidade de invocar e controlar os Babás Eguns.

Lidam nos cultos com o Orixá Ikú (morte), Senhor da ancestralidade, sempre lembrado no ritual de Axexê. Ikú veste branco e deve ser respeitado, pois todos o encontrarão um dia, quando terminarem sua passagem pela terra (Àiyé).

Em seguida, tendo tomado conhecimento do Ritual de Axexê, para uma compreensão mais densa de suas particularidades, apresentamos uma sucinta arqueologia do ritual fúnebre Axexê Lessé Orixá. Culto realizado para um iniciado no Candomblé após seu falecimento. Momento de liberação do Orixá do Ori do iniciado.

Com a descrição pormenorizada do ritual do velório na casa do falecido e no Terreiro de Culto a Egúngún, o Axexê Lessé Egúngún fechamos o percurso voltado para os cultos de Axexê trazendo as peculiaridades do ritual Fúnebre no Terreiro Omo Ilê Agboulá.

## **CAPÍTULO III – OS LUGARES SAGRADOS REPRESENTATIVOS DO TERREIRO OMO ILÊ AGBOULÁ E SUAS DIVISÕES E SUA SEGMENTAÇÃO**

Nossa narrativa neste terceiro capítulo, percorre uma terceira vereda que oferece mais algumas informações para que os futuros leitores possam ampliar e consolidar um pouco mais os conhecimentos sobre o Terreiro Omo Ilê Agboulá, contribuindo, assim, para que inúmeros preconceitos possam ser desfeitos, especialmente, com relação ao culto a Egúngún.

O capítulo inicia com a apresentação detalhada dos espaços destinados aos Orixás da casa, seguido da descrição do culto a Egúngún. Passa-se a seguir a apresentação dos diversos ambientes do terreiro, com suas funções, finalizando o capítulo com a descrição da grande festa das Águas, a mais tradicional do Terreiro Omo Ilê Agboulá. O capítulo tem uma intencionalidade bem definida, colocar o leitor no coração mesmo do Terreiro e convidá-lo a respirar um pouco do clima de fé e religiosidade, que espaço deixa exalar.

### **3.1- Os Orixás do Terreiro Omo Ilê Agboulá**

#### **3.1.1 Orixá Xangô**

Figura 22 – Orixá Xangô



Retirado de: <https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/pai-paulo-de-oxala/o-rei-dos-orixas-ajudara-em-justica-estudos-5304377.html>. Acesso em 28 dez 2020.

O Ilê dos Orixás do Omo Ilê Agboulá é consagrado ao Orixá Xangô, esse local é denominado pela comunidade de Casa de Xangô, porém esse Ilê possui assentamento de outros Orixás da Religião de Matriz Africana. Xangô é o Rei do Fogo, trovões dos raios dos céus e do ímpeto da coragem, Conforme Fábio Macêdo Velame (2019, p.131),

Xangô é um Orixá que possui uma grande importância para a comunidade e para o culto dos Egum no Omo Ilê Aboulá e se dá pelos seguintes aspectos: 1º Egum mitologicamente é um filho de Xangô; 2º Xangô simboliza ancestralidade; e 3º Xangô é o Orixás de Babá Aboulá, o patrono do terreiro. Um dos mitos, de origem de Egum que ele foi o nono filho de Oiá Ibalé com Xangô; ele é o elemento procriado na esfera do aiê, é descendência, pois é fruto da interação do princípio poder feminino com o masculino de Orixás filhos do panteão das divindades.

Não existe uma hierarquia entre os orixás, nenhum possui mais axé que o outro, apenas Oxalá, que representa o patriarca da Religião de Matriz Africana e é o orixá mais velho. Quem está ao lado de Xangô, não tem o que temer. Dentro do Panteão dos Orixás existe outro mito que relata ter o Orixá Xangô adquirido o comando completo dos mistérios de Egúngún.

Em um dia muito importante, em que os homens estavam prestando culto aos ancestrais, com Sango a frente, as Iyámi Ajé fizeram roupas iguais as de Egúngún, vestiram-na e tentaram assustar os homens que participavam do culto, todos correram mas Sango não o fez, ficou e as enfrentou desafiando os supostos espíritos. As Iyámis ficaram furiosas com Sango e juraram vingança, em um certo momento em que Sango estava distraído atendendo seus súditos, sua filha brincava alegremente, subiu em um pé de Obi, e foi aí que as Iyámis Ajé atacaram, derrubaram a Adubaiyani filha de Sango que ele mais adorava. Sango ficou desesperado, não conseguia mais governar seu reino que até então era muito próspero, foi até Orunmilá, que lhe disse que Iyami é quem havia matado sua filha, Sango quis saber o que poderia fazer para ver sua filha só mais uma vez, e Orunmilá lhe disse para fazer oferendas ao Orixá Ikú (Oniborun), o guardião da entrada do mundo dos mortos, assim Sango fez, seguindo à risca os preceitos de Orunmilá. Sango conseguiu rever sua filha e pegou para si o controle absoluto dos mistérios de Egúngún (ancestrais), estando agora sob domínio dos homens este culto e as vestimentas dos Eguns, e se tornando estritamente proibida a participação de mulheres neste culto, provocando a ira de Olorun. Sango, Ikú e dos próprios Egunhún, este foi o preço que as mulheres tiveram que pagar pela maldade de suas ancestrais as iyami. (VELAME, 2019, p.131)

Xangô tinha três mulheres importantes em sua vida, Iansã, Oxum e Obá. Uma das lendas que relata a origem de Egun afirma que ele foi o nono filho do Orixá Oyá Ìgbàlé com o Orixá Xangô.

Figura 23 – Casa do Orixá em seu ponto mais alto



Fonte: Fabio Macêdo Velame, 2019.

No Terreiro “Omo Ilê Agboulá”, a Casa do Orixá Xangô está situada no Ponto mais alto do terreno.

### 3.1.2 Oyá – Iansã

No terreiro de Ancestralidade Omo Ilê Agboulá, o assentamento do Orixá Oyá “Iansã”, está localizado no Lessén, sendo que este se estabelece no Ilê Awô “casa dos Segredos”. O Lessén é o local onde se realiza a veneração e se reverencia a todos os filhos do Orixá Oyá Ìgbàlé, esse local recebe a denominação de ara-Orun, local este onde se cultua aos espíritos Ancestrais dos Ojés Africanos e Brasileiros.

O Orixá Oyá é amplamente venerada na comunidade de Egúngún. O lugar de possuidora e senhora do mundo dos mortos e de todos os seus habitantes foi um presente oferecido e dado pelo Orixá Obaluaiyé, filho de Nanã Buruku, o senhor do mundo dos mortos. Conforme Sobrinho (2015, p.190-191),

Yansan, também chamada de inhasã, é um orixá feminino, muito guerreiro e imponente. Em sua dança faz menção aos movimentos rápidos e repentinos dos ventos, usando um irukerê (centro pequeno deito da cauda de boi ou cavalo) para espantar maus espíritos.

Um mito conta que estavam todos os Orixás, divindades do panteão Yorubá, reunidos em uma grande festa, até que chegou Omulú. Durante todo o tempo, Omulú ficou em um canto, sem dançar.

Inhasã inquieta com a tal situação, aproximou-se do senhor, que usava uma roupa de palha cobrindo o rosto (e que deixava Inhasã mais intrigada ainda), e o convidou para dançar. Inhasã dançou tão rápido que o vento proporcionado por seus giros

levantou a roupa de Omulú, o qual para surpresa de todos era um homem de extrema beleza. O reconhecimento e admiração de todos por Omulú o deixou muito feliz, pois, anteriormente, ele era muito desprezado. Por gratidão a Inhasã, Omulu ofertou-lhe parte de seu poder, dando a Inhasã a capacidade de conduzir os Egúns dançando com seu irukéré. E Inhasã tornou-se, assim, mais poderosa e adorada.

Figura 24 – Orixá Oyá - Inhasã



Retirado de: <http://amagiadoaxe.blogspot.com/2012/09/lendas-Oyá-ygbale-iansa-do-bale.html>. Acesso em 28 dez 2020.

Iansã é a senhora dos ventos fortes e das tempestades, senhora dos raios, dos tufões e furacões, das nuvens de chumbo, das águas agitadas pelo vento. Oyá “Iansã” é um Orixá e está intimamente relacionado com Ikú (morte), o Deus da morte. Seus instrumentos Símbolos são Eruêxin (é uma espécie de cetro feito com pelos do rabo de touro, presos a um couro duro, constituindo um cabo, e revestido com um couro fino, ornado com contas e cauris “búzios”). Com essa paramenta (instrumento), faz com que Oyá mantenha os Eguns afastados e também serve para varrer as almas dos mortos e afastar as negatividades.

A morte e seus mistérios não assustam Oyá, ela é a Senhora dos Eguns, mãe dos Eguns, rainha dos Eguns. Oyá tem ligações com o mundo subterrâneo, onde habitam os mortos, sendo o único orixá capaz de enfrentar os Eguns:

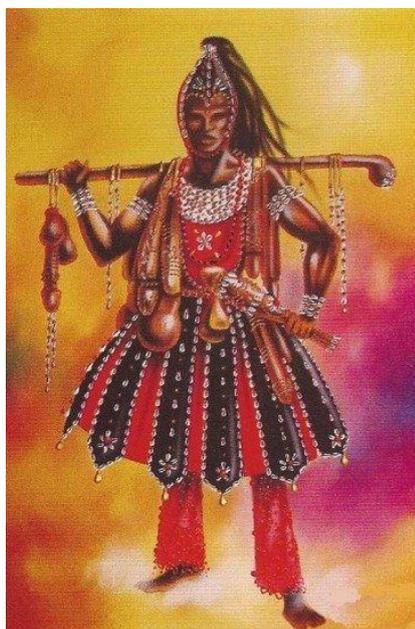
O Lessém possui como um dos primeiros assentos fundamentais, o de Oiá Ibalé, pois é ela que controla o mundo dos mortos. Em todas as festas do calendário litúrgico, oferendas e reverências lhe são prestadas. O ápice é o dia de finados no mês de novembro que é dedicado totalmente a ela e a todos os seus filhos, os mortos. Oiá Ibalé é um Orixá venerada pela sociedade dos Egum, composta exclusivamente por homens que possuem o segredo em comum da evocação dos Egum, e reverenciada pelos próprios Egum (VELAME, 2019, p. 80-81)

Todas as Casas de Matriz Africana têm por obrigação de ter seu espaço para o Lessén (local onde ficam os ojubó dos Eguns, Onilê, Ikú, Oyá Balé, Exu e Ossanhê que é guardião da floresta) para proteção e preservação do Axé do Terreiro e de todos que ali se encontram e frequentam a roça, e também para poderem realizar os atos fúnebres, que são de suma importância e restritos.

### 3.1.3 O Ilê de Exu

O Ilê de Exu do “Omo Ilê Agboulá” é localizado logo na entrada do terreiro, todos dessa sociedade, membros, filhos pessoas pertencentes às Religiões de Matriz Africana, simpatizantes, antes de entrar no Templo são obrigados a atravessar em frente esse Ilê, pedir licença e saudar a Exu, inclusive quando terminam as atividades os frequentadores são obrigados a agradecer da mesma forma.

Figura 25 – Orixá Exu



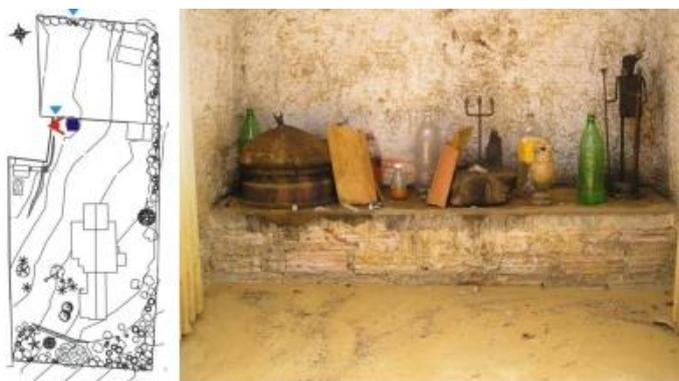
Retirado de: <https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/pai-paulo-de-oxala/esu-exu-quem-ele-6075581.html>. Acesso em 28 dez 2020.

Qualquer cerimonia da Religião de Matriz Africana deve ser aberta com o Padê de Exu na qual se oferecem a esse Orixá alimentos e outras coisas, na intenção de que não perturbe os trabalhos com seu lado brincalhão e que agencie a boa vontade dos orixás que serão invocados no culto.

Esse caráter também se manifesta na interpretação que se dá do padê de Exú. Em [...] toda cerimônia pública ou privada, profana ou religiosa, mortuária ou comemorativa dos aniversários dos diversos Orixás, começa obrigatoriamente por uma homenagem a Exú. Esse gesto foi por nós explicado através do papel de intermediário, de mensageiro que tal divindade possui. Mas há tendência para explicar de outra maneira o padê, pela inveja ou pela maldade de Exú que perturbaria a festa se não fosse homenageado em primeiro lugar ( BASTIDE ,2001, p.167)

No Ilê Exu, esse pequeno espaço sagrado encontram-se o assentamento de três Exus sendo compostos por três ferramentas uma de cada entidade (Exu). Essas ferramentas são: a chave, o cadeado, as correntes, o tridente a foice, e outros; todo seu fundamento e assentamento são feitos dentro de alguidares “vasilhas de barro”, sendo acompanhado também de quartinhas de barros.

Figura 26 – Assentos dos Exus



Fonte: Fabio Macêdo Velame, 2019

### 3.1.4 Orixá Ogum

Figura 27 – Orixá Ogum



Retirado de: <https://www.aguasdearuanda.org.br/post/2018/04/22/dia-23-de-abril-dia-do-orix%C3%A1-ogum>. Acesso em 28 dez 2020.

No terreiro de Ancestralidade Omo Ilê Agboulá na Ilha de Itaparica, o assentamento de Ogum está presente nas árvores sagradas do lado externo, próximo a “Onilê”, que é uma divindade feminina relacionada aos aspectos essenciais da natureza. Ele exerce seu patronato sobre tudo que se relaciona à apropriação da natureza pelo homem, o que inclui a agricultura, a caça e a pesca e a própria fertilidade, sendo rodeado de nativos.

Grandes Sacerdotes do Terreiro “Omo Ilê Agboulá” eram filhos de Ogum, Orixá muito reverenciado pelos frequentadores do culto. O assentamento do Orixá Ogum nesse Ilê é logo na entrada do ambiente sagrado. Conforme Santos (1986, p. 92)

Ogum está profundamente associado ao mistério das árvores e conseqüentemente a Òrísálá. Seu ‘assento’ é ‘plantado’ ao pé de um igi iyeye (spondias látea ou spondias monbin) cajazeira do Brasil, ou ao pé de um Odán, de um akoko ou de um arabá na Nigéria ou no Daomé, e rodeado por uma perene cerca de peregún (*drakaena fragraus*), chamada espada de Ogum.

O Orixá Ogum tem em suas vestes o “mariwo” que é a folha de dendezeiro (*Elaeis guineensis*). Ogum está ligado ao culto das árvores, pertence aos Orixás da Criação chamados de Funfun, sendo a cor branca suas principais insígnias. Mariwô, também é chamado de (igi ôpê) pelo povo do santo, sendo desfiado e utilizado nas portas e janelas dos terreiros.

Figura 28 – Assento do Orixá Ogum



Fonte: Fabio Macêdo Velame, 2019

### 3.1.5 Orixá Ossanhê

Na Mata sagrada do “Omo Ilê Agboulá” é conservado e cultuado o Orixá responsável pelas ervas sagradas, denominado Orixá Ossanhê, é o Orixá das florestas e conhece o segredo das folhas. Sem a sua invocação nenhum ritual pode ser celebrado, pois sem folhas não se pode fazer nada dentro da Religião de Matriz Africana.

Seria impossível descrever os terreiros de culto a ancestralidade masculina Egúngún sem falar da importância do uso das folhas neste culto e de seu Orixá patrono Ossain. Ossain, Òsányin, Orixá é o patrono da vegetação, das folhas e de seus preparos, e o responsável pelos rituais destinados a banhos, assentos, ebós, oferendas e tudo que eleve o axé do local. Ele está vinculado ao “sangue preto” das folhas e plantas e está conjugado a cânticos apropriados que acompanham os demais elementos sagrados. As folhas misturadas a certas infusões fazem a primazia do ritual Egúngún. Qualquer iniciação e assentamento têm que ter antes executado o rito com as folhas adequadas. Para cada fundamento, em um ritual, existe uma qualidade de folhas própria. Cada Orixá, cada Egum, tem o seu grupo de folhas específicas. Os Egúngúns, no ritual secreto, têm o momento certo de uso do grupo de folhas (SOBRINHO, 2015, p. 2006).

Figura 29 – Orixá Ossanhê



Retirado de: <http://www.centroculturalraiodeluz.com.br/2017/05/orixa-na-cultura-yoruba-ossain.html>. Acesso em 28 dez 2020.

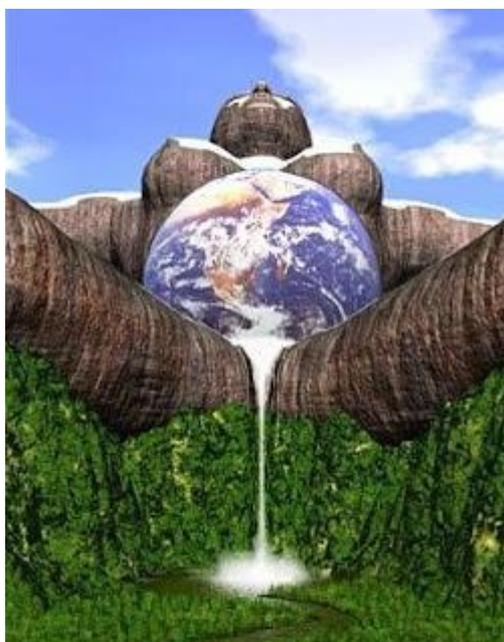
As folhas são usadas dentro de qualquer ritual no Candomblé. O Omiró é um preparo elaborado com ervas sagradas de extremo fundamento, em sua mistura de águas de diversas fontes naturais, após macerar as ervas deve-se acrescentar esse líquido no sumo macerado, águas de bica, mina, nascente, cachoeira, chuva.

Ele é utilizado para banhar os iniciados e as pessoas, utilizado, ainda, para lavar os Ibás de Orixás, Otás (pedras sagradas dos Orixás), e demais apetrechos como, fios de contas (colares). Os sacerdotes de Egúngún sempre utilizam esse banho antes das festividades ou qualquer outra obrigação. Banho realizado com esse líquido natural portador de uma energia positiva, contendo ainda várias propriedades fitoterapeutas, que se associam com os designados Orixás.

### 3.1.6 Orixá Onilê

Orixá Onilê é a Senhora da Terra, a Senhora do Espaço, trabalha com os domínios associados aos Orixás Obaluaiyé, Nanã e Ewa, porém essa associação pode diferenciar-se dependendo da nação da Religião de Matriz Africana. No espaço sagrado do “Omo Ilê Agboulá” esse Orixá é assentado próximo ao Orixá Ogum e Irôko, estando bem próximo ao Ilê Awô, “casa do segredo”. Onilê é o segundo Orixá a receber as oferendas depois do Orixá Exu, ela é exaltada pelos Ojés e pelos Egúngún após a sua saída do Lessén.

Figura 30 – Orixá Onilê



Retirado de: <http://guardiaoguerreiro.blogspot.com/2016/03/onile-mae-terra.html>. Acesso em 28 dez 2020.

Orixá Onilê é a guardiã da nossa moradia e o grande símbolo da sobrevivência, a vida humana possui muitos conceitos físicos, emocionais, mentais e espirituais, Onilê propicia uma estrutura de vivência tanto no Àiyé quanto no Òrun. O Planeta terra é o atributo sagrado por perfeição, sendo assim, Onilê é a grande guardiã deste ambiente sagrado.

O Orixá Onilê possui seu assentamento num montículo de terra vermelha e acredita-se que guarda o planeta e tudo que há sobre ele, protegendo o mundo em que vivemos e possibilitando a própria vida. Segundo Velame:

O assento de Onilê no Omo Ilê Aboulá, nas proximidades do Ilê Auô, diferentemente de sua representação comum em um montículo de terra, é constituído de um assento com seu Exu Elebo - plantado, fixado na terra - uma quartinha com água como todo assento de Orixás e um pote de barro com tampa contendo terra em seu interior e elementos específicos que caracterizam o seu axé. Este assento simboliza o grande útero fecundado, associado à lama, água mais terra, vinculado à relação morte e nascimento, à relação de restituição do sistema dinâmico do fluxo da vida (VELAME, 2019, p. 90)

Porque a terra deu a matéria da qual o homem foi moldado e que, ao cumprir o seu ciclo de vida no Àiyé, tem que devolver, perdendo a sua individualidade, voltando à terra para que o ciclo da vida se renove. O assento é composto ainda por três telhas cerâmicas, que protegem do vento uma vela ali colocada durante os rituais de Osé, É fechado e totalmente envolvido por um gradil metálico para impedir que animais danifiquem o assento de Onilê; por fim, é totalmente envolvido por quatro pés de nativo, também denominados de Peregun (*Dracaena Fragans*), árvore sagrada vinculada à função de proteção, contenção e isolamento do axé.

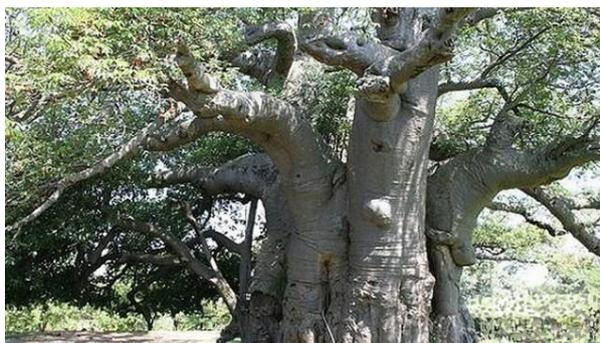
Onilê tem muitos inimigos que a exploram e podem destruí-la. Para os seguidores da Religião de Matriz Africana interessados em resgatar a ligação da religião dos orixás, a relação orixá-natureza e a preservação de todo meio ambiente, o culto de Onilê representara a preocupação com a preservação da própria humanidade e de tudo que há em seu mundo.

Onilê é um Orixá que representa a base de toda a vida, tanto na vida como na morte, se caracteriza por ser o princípio e representação coletiva dos Elegun (iniciados nas religiões de matriz africana), e Egúngún (espíritos de pessoas mortas importantes, que retornam a terra).

### 3.1.7 Orixá Irôko

É o Orixá da árvore sagrada, representa no “Omo Ilê Agboulá” o Orixá funfum “de cor branca”, Irôko “*ficus doliaria religiosa*” é um dos Orixás mais antigos, ele representa o tempo e rege a Ancestralidade.

Figura 31 – Orixá Irôko



Retirado de: <https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/pai-paulo-de-oxala/o-senhor-da-arvore-sagrada-adverte-de-atencao-ao-seu-corpo-12112155.html>. Acesso em 28 dez 2020.

Essa foi à primeira árvore plantada na terra, por onde desceram todos os Orixás, por este motivo ele é o líder de todos os espíritos das árvores sagradas. Nos momentos de reuniões dos Orixás, onde avaliam a humanidade e o desenvolver da Terra, Irôko está sempre presente, mas apenas observa e registra a conclusão da avaliação, pois quem controlará o tempo de todas as situações será ele. Esse Orixá, não costuma “baixar” nas giras, mas é extremamente respeitado nos terreiros, pois é ele que direciona o início e o fim de todo ciclo. No Brasil, uma das pessoas mais conhecidas e feita por esse Orixá foi a grande Egbomi (pessoa de cargo), mãe Cidália de Irôko, foi iniciada dentro da Religião de Matriz Africana por Mãe Menininha dos Gantois aos 7 anos de idade.

Figura 32 – Assentamento de Orixá Irôko



Fonte: Fábio Macêdo Velame, 2019.

Irôko é qualificado também como o Orixá da cura, da paz, do equilíbrio social, da serenidade, da fecundidade e do comando espiritual. Tem por símbolos também o espaço, o tempo, a terra.

### 3.2 - Akôko

A folha de Akôko “*Newboldia Laevis*” está associada aos Orixás Exu, Ogum, Ossanhê, Egúngún e Oyá. No “Omo Ilê Agboulá” no culto Egúngún a árvore Akôko efetiva um papel indispensável na relação dos seres do Àiyé e Òrun. Acomoda em suas sombras o assentamento do Orixá Ogum, costuma ser associada sempre a felicidade, essa árvore não é uma espécie nativa do Brasil, sendo introduzida aqui pelos africanos. Ela se adaptou perfeitamente. Akôko é considerada como a folha da realeza, sendo representada na nação Ketu pelo Orixá Oxossi. Em algumas lendas africanas, nenhum rei é considerado rei se não tiver levado no seu ori (cabeça) a folha do Akôko.

Figura 33 – Folha de Akôko



Retirado de: [http://omidewa.com.br/public\\_html/arquivos/736](http://omidewa.com.br/public_html/arquivos/736) Acesso em 28 dez 2020

Entendemos, assim, dois tópicos importantes dessa árvore: sua união com a ancestralidade e com o elemento ar. Conforme Juana Elbein (1986, p.76-77):

Um outro traço fundamental dos Òrisá-funfun é sua relação com as árvores. Uma das passagens do mito da criação informa que, para cada ser humano criado por Òrisàlá, este criava simultaneamente uma árvore. Assim como todas as criaturas lhe pertencem, os “dobles” espirituais das árvores também lhe são atribuídos. Contudo, essa relação parece ser particularmente importante. Os espíritos que residem em algumas árvores consideradas sagradas são chamadas Iwin. Este é precisamente o nome genérico de todos os sacerdotes iniciados de Òrisàlá, como já indicamos quando falamos dos seguimentos do egbè – a comunidade –que constituem o “terreiro”[...]. Essas árvores sagradas – entre as quais cabe citar particularmente as que foram escolhidas entre os iròkò, odán, àràbà, akòkó, igí-òpe – são paramentadas com uma tira de pano branco – òjá-funfun – atada em torno de tronco, que constitui o signo àlà dos funfun.

Os Orixás e os Egúngún têm o seu grupo de folhas exclusivas, dentro do ritual secreto de Egúngún tem-se o instante correto da utilização do conjunto de folha.

### 3.3- O culto a Egúngún

No ritual de Egúngún, reside um dos maiores mistérios da cultura e ritualística Yorubana e Dahomeana. O culto ao Egúngún é um culto aos antepassados das pessoas falecidas que eram iniciadas no ritual dos Orixás nas religiões de Matriz Africana.

Figura 34 – Babá Egum



Fonte: Babá Egum ilustrado por Carybé

No Japão, existe uma semelhança no culto aos antepassados também, e que é de prática nacional, sendo esse culto tão sério e popular, que consegue manter a nação unida em torno desta prática. A única diferença entre estes dois cultos é que no Japão não existe a materialização dos antepassados, enquanto que na Nigéria, no Togo, Benin e Brasil, estas “aparições” são comuns e visíveis a todos os presentes. Sobre a tradição japonesa, Carmo (2016, p.37), explica:

No momento da inumação o cadáver é evitado a todo o custo e os familiares preferem relembrar o seu espírito e não ter muito contato com o seu corpo maculado pela morte. O espírito do antepassado é nestemomento uma tremenda força instável que deve ser apaziguada através das oferendasdadas, tal como nos funerais atuais.

E:

Concluindo, a minha interpretação é a que no contexto das minhas recolhas e observações a experiência da morte e da preservação da memória seja exatamente

isto: através de pequenos ritos, simples preces e oferendas, conseguir sentir que os antepassados estejam sempre presentes e vivos na memória, mesmo que não os tenham conhecido em vida. (CARMO, 2016, p.79)

Nesses países Africanos quando uma pessoa morre muito cedo, a comunidade fica triste, pois acreditam que essa pessoa não usufruiu de todos os proveitos na terra. O velório na Nigéria no Continente Africano acontece em uma floresta, durante o enterro, um ritual na floresta chamado “Iremoje”, que são cantigas de lamento e dor em rituais mortuários celebrados em Yorubá. Para os africanos essas canções têm uma origem divina e são exigidas pelo Orixá Ogum para serem executadas por seus seguidores como parte de um ritual de passagem do falecido no Àiyé (terra) para o Òrum (Céu plano espiritual onde habitam os espíritos dos que já morreram). A pessoa que morreu muito cedo através dessas canções é aclamada pela família para que nunca mais aconteça esse fato dentro do grupo familiar, pois, morrer muito cedo, é não obter um bom destino espiritual.

Entre os principais enunciados orais iorubás incluem-se os adura - rezas; iba - saudações; oriki - evocações; e orin - cantigas. Destas, as mais conhecidas são os orin-esa - cantigas em homenagem aos ancestrais masculinos e orin-efe - cantigas em homenagem aos ancestrais femininos. Incluem-se, ainda, entre os orin mais conhecidos os iremoje - cantigas de lamento e dor dedicadas a Ogum e os ijala - cantigas de júbilo dedicadas a Ogum. (RIBEIRO, 1998, p.54)

Diferente do Axexê, que também é um ritual fúnebre para pessoas que já morreram, porém geralmente com uma idade bem mais avançada e com cargos dentro da religião Yorubá. No Axexê as pessoas ficam alegres e preparam o morto com a melhor roupa, penteados, maquiagem o rosto, e dependendo do grau financeiro da pessoa eles realizam uma festa para comemorar o falecimento.

O ritual de Axexê pode ser marcado com a presença de duas sociedades Ogboni (a temida sociedade secreta) e as Iyami Osorongá (são conhecidas como as temidas bruxas da noite).

A participação dessas sociedades é importante, pois elas têm o domínio de evocar o falecido para falar como foi o seu caminho e passagem pelo Àiyé (terra), e se ela quer deixar alguma mensagem para os familiares e qual seria o destino de seus pertences, como seria a divisão para os familiares dentro de sua passagem.

O falecido (a) é aprontado para o cerimonial do “Iremoje”, todos os seus familiares cantam e lamentam a morte; logo em seguida rezam e cantam o Ijalá (cantigas e rezas de alegria e contentamento dedicado ao Orixá Ogum), relatando as glórias conquistadas pelo

falecido em vida. Conforme o histórico de vida do falecido esse poderá ser englobado na energia de Egúngún, porém para que isso aconteça tudo relacionado com seu tempo de vida deverá ser avaliado. Examinam-se suas atitudes se foi bom, amigo das pessoas, se participou da vida comunitária, ajudando a comunidade.

Os religiosos e devotos de culto a Egúngún podem ter uma rápida evolução espiritual, Egúngún está ligado diretamente a Ancestralidade. A pessoa que zela pelo Ancestral desenvolve uma intuição, percepção e sabedoria muito apurada.

Esses títulos são chamados de Olojé, que são pessoas que manipulam as energias dos Egúngún. Esse cargo e título são contemplados somente aos homens, não cabendo essa contemplação as mulheres.

Na Sociedade Egúngún, o culto aos Ancestrais masculinos é muito importante, festejar com rituais os homens falecidos e iniciados, que foram destaques em vida nas religiões de Matriz Africana, é uma das funções desta Sociedade.

Para que os mesmos continuem presentes entre seus descendentes, mantendo a memória de forma privilegiada, mantendo na morte a sua individualidade.

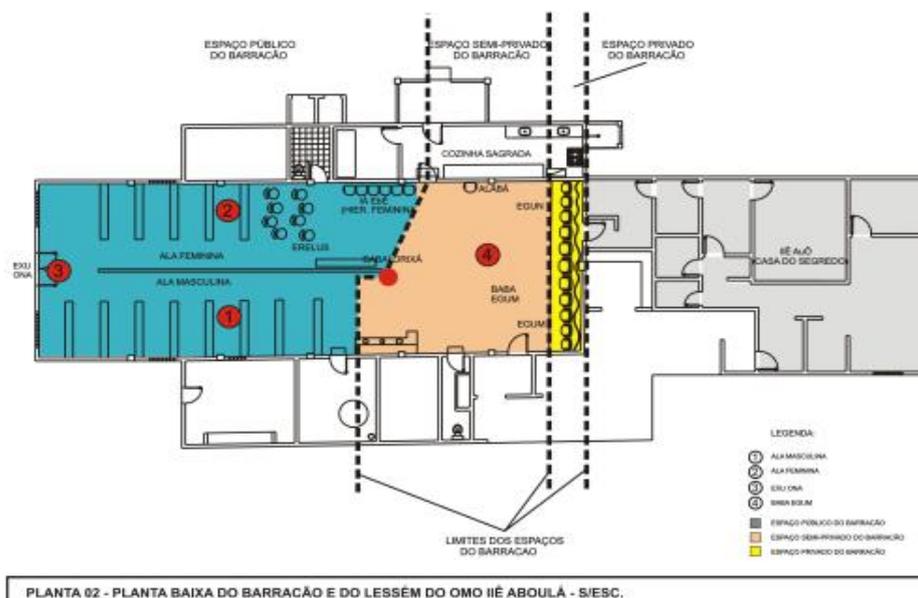
Os cultos de origem africana chegaram ao Brasil juntamente com os escravos. Os iorubanos que são uns dos grupos étnicos da Nigéria fazem parte de vários agrupamentos tribais, tais como Ketu, Oyó, Ijexá, Efon e outros de grande resistência e tradição afro religiosas. Esses afro-descendentes Yorubanos não somente adoram, cultuam e preservam as suas divindades e raízes, mas também ancestres especialmente os masculinos.

O terreiro do “Omo Ilê Agboulá”, estabelecido na Ilha de Itaparica Salvador, Bahia realiza o Culto de origem africana aos Ancestrais masculinos, o mais antigo e remanescente no Brasil, seus rituais são realizados em homenagem a Egúngún. Tendo como representante e principal líder religioso e espiritual o “Alagbá Pai Balbino Daniel de Paula”. No terreiro, se mantém e preserva o culto coletivo da Ancestralidade, que mantém vivo os laços entre os familiares e entre os habitantes do globo terrestre. Culto que possibilita o Egúngún acompanhar sua família, não permitindo que ocorram adversidades no seio da mesma.

Dentro desse ritual de culto a Egúngún somente os espíritos dos falecidos do sexo masculino aparecem, e somente aos Ojés é condicionado à responsabilidade da individualidade. Às mulheres é vetada a participação neste ritual secreto. Elas participam das atividades que acontecem no barracão ou em outro espaço do Ilê, tudo muito distantes dos rituais secretos.

Em seguida, apresentamos a planta baixa do Terreiro, para que nossos futuros leitores (as) possam ter uma primeira visão do espaço e de sua distribuição.

Figura 35 - Planta do Terreiro Omo Ilê Agboulá



Fonte: Fábio Macêdo Velame, 2019.

O espaço santo onde se encontram os atabaques, cadeiras e troncos de Egúngún, também é vedado às mulheres, sendo a restrito somente aos homens. Todos os Orixás são adorados dentro desse espaço sagrado, porém, a filha que postamente é tomada e incorporada pelo Orixá Oyá no dia da festividade acaba sendo glorificada, pois Oyá é a mãe de Egúngún, todo esse ato acontece no momento em que são louvados todos os Orixás que fazem parte desse culto, antes da aparição de Egúngún no barracão.

As mulheres que protegem e vigiam o culto afastado dos segredos, confeccionam roupas, entoam e respondem as cantigas especiais de barracão, onde somente elas têm o direito de cantar para o Babá Egum. A Roda de xirê dos Orixás é composta por elas, onde são louvados os Orixás antes do início do rito para Egúngún. Após a louvação de todos os Orixás, elas permanecem distantes sentadas em outro espaço do salão juntamente com outras mulheres. Essas mulheres atuam como vínculo ao meio dos Atokun (guias de Egúngún) e quando o Egúngún transmite as suas palavras aos seus seguidores. Essas mulheres dispõem de um grande conhecimento com os Babás Egun quando estão no barracão, pois esse é um espaço sagrado, onde elas possuem o momento de encontro com seu descendente. O Aparecimento do Egúngún é envolto em muitos mistérios, sendo totalmente diferenciado do

culto aos Orixás, onde no xirê de Santo acontece o transe nos seguidores iniciados na Religião de Matriz Africana aos olhos do público e outros fiéis iniciados.

Babá Egun, quando chega ao salão, causa um grande impacto pela sua aparência e visual, causa também uma grande alegria e admiração nos fiéis, seguidores e público presente. São brados fortes de saudações e vozes dos Amuixãs nesse acompanhamento ao Egúngún com seus Ixã movimentando a festa, e os estrondos dos atabaques dos Ogãs Alagbês (tocadores e cantores de Egúngún), produzindo o ambiente com o efeito divino. A voz de Egúngún ao comunicar-se pode ser uma voz ardente e grossa chamada de sèègì, muitas vezes também pode ser rouca, às vezes aguda, metálica e estridente, pode ser parecida também com a voz do macaco marrom.

A roupagem desse ancestral é denominada de “opa” sendo esta, totalmente sagrada, nenhum humano pode esbarrar ou tocar. Diz um mito comunitário, as pessoas que são tocadas por Egúngún podem tornar-se um assombrado ou o perigo será rondado. Caso isso aconteça às pessoas deverão passar por um “ebó” ou outros ritos purificatórios para afastar os riscos de doenças ou talvez até a própria morte. O Egúngún é a materialização da morte sob as tiras de pano, e o contato, ainda que um simples esbarrão nessas tiras poderá ser prejudicial. E mesmo os mais qualificados sacerdotes como os Ojé Atokun, que invocam, guiam e zelam por um ou mais Eguns desempenham todas essas atribuições substituindo as mãos pelo Ixã.

A vestimenta dos sacerdotes é composta de três peças distintas: o “abalá” que é uma armação quadrada ou redonda, como se fosse um chapéu que cobre totalmente a extremidade superior do Babá, e da qual caem várias tiras de panos coloridas, formando uma espécie de franjas ao seu redor; o “kafô”, uma túnica de mangas que acabam em luvas, e pernas que acabam igualmente em sapatos; o “banté”, que é uma tira de pano especial presa no kafô, individualmente decorada que identifica o Babá, é usado pelo Babá quando está falando e abençoando os fiéis

Admite-se que sob as tiras de pano reencontra-se um ancestral ilustre, caso ele não seja um Egúngún reconhecível, pode estar ligado à morte, neste caso esse Babá Egun estará representando os ancestrais comunitários. O banté é composto e banhado de Axé (força, poder, energia transmissível e acumulável). Em seus atos de louvores, ele sacode na direção da pessoa e esta faz gestos com as mãos que simulam o ato de pegar algo, no caso o “Axé”. Esses ancestrais são considerados e muito temidos, protetores que são da moralidade e do condicionamento padrão da comunidade.

Algumas pessoas religiosas alegam e afirmam que sob a roupa desse ancestral esta somente uma grande energia, outros que não conhecem e não possuem acesso ao culto afirmam estar sob a vestimenta algum Mariwo (pessoa iniciada ao culto a Egúngún), sob transe mediúnico. Porém essa última afirmação não condiz com o ritual nem com o culto, pois o iniciado em mariwo não pode entrar em transe, por outro lado são novatos e não conhecem os costumes e os hábitos de Egúngún. Somente podemos afirmar que Egúngún está entre os vivos e essa energia não pode ser rejeitada, pois suas roupagens ali estão e isso é Egúngún.

Os Egum-Agbá (anciões) são também chamados de Babá Egun (pai), esses Egúngún já tiveram os seus ciclos de cerimoniais concluídos, assim autorizam que em suas roupagens completas, isto é, que tenham mais adereços. A sua fala já está liberada para que possam conversar com os vivos.

Os Aparaká são Egúngún mudos, são mais jovens, não carregam abalá nem banté, suas roupas são as mais simples e não tem uma forma determinada, assemelham-se a um quadro de pano com duas telas frente e costas; não possuem identidade revelada, pois ainda não se sabe quem foram em vida. Esses Egúngúns ainda estão em processo de preparação para atingir as condições de Babá; são alvoroçados e inesperados, assustam e causam terror ao povo.

Nas festividades de Egúngún no “Omo Ilê Agboulá”, o espaço público não possui janelas, após a entrada de todos os fiéis a porta principal é fechada, sendo aberta somente no final do cerimonial.

Os Egúngún passam pelo salão por uma porta exclusiva, sendo este o único local de encontro com o mundo exterior. Esses ancestrais são invocados e guardam todo espaço estrutural do terreiro.

Diversos Amuixãs (iniciados que portam o Ixã) incubem-se da função de guardas espalhados por todo terreiro e nos seus limites, para evitar que algum Babá ou os perigosos Aparaká escapem aos olhos atentos dos Ojés e saiam do espaço delimitado e invadam as redondezas não protegidas. Os Eguns são invocados numa outra construção sacra, perto, porém, separada do grande salão, esse local é chamado de ilê awo (casa do segredo), O ilê awo é dividido em uma antessala, onde somente os Ojés ou outros cargos masculinos dentro do culto podem entrar.

Balé é o local onde estão os Egúngún, os assentamentos – estes são elementos litúrgicos que, associados, individualizam e identificam o Egun ali cultuado. O Ojubô-babá é

um buraco feito diretamente na terra, rodeado por vários Ixã, os quais, de pé, delimitam o local. Nos Ojubô são colocadas oferendas de alimentos para o Egun a ser cultuado ou invocado. No ilê awo também está o assentamento da divindade Oyá (Iansã), na qualidade de Ìgbàlé, ou seja, Oyá Ìgbàlé – a única divindade feminina venerada e cultuada, simultaneamente, pelos adeptos e pelos próprios Eguns.

Figura 36 – Trio de atabaques



Fonte: Pierre Fatumbi Verger, 1981.

Outro espaço físico e sagrado do “Omo Ilê Agboulá” é onde estão localizados os Atabaques e os Ogãs Alagbês. Vale lembrar que os atabaques são instrumentos utilizados nos terreiros de Matriz Africana, esses quando entoados sai a vibração, a fé e a paixão. O trio de atabaques recebe a denominação de “Rum” atabaque grande; “Rumpi” atabaque médio; “Le” atabaque pequeno. Esses são instrumentos e elementos sagrados dentro das casas de Matriz Africanas, em cada um desses instrumentos existe um fundamento de Orixá, devendo somente os Ogãs destinados e de cargos aproximar e tocar neles.

Figura 37–Cadeiras e tronos de Egúngún



Fonte: Fábio Macêdo Velame, 2019.

Há diversas cadeiras especiais previamente concebidas e determinadas para os Egúngún após a sua apresentação e louvor. Após esse momento, por alguns instantes as entidades sentam e descansam na companhia de outras entidades Egúngún, ou permanecem andando pelo espaço sagrado do barracão. Sempre unindo e estando em maior tempo entre a sua comunidade, visibilizando a união dos vivos com os mortos, sendo esse o principal objetivo do Omo Ilê Agboulá.

Só os Babás Egum Abá podem sentar e usar os tronos, são sagradas e o seu axé é constantemente renovado pelo contato com as roupas de Babá Egum. Nenhum homem pode sentar nelas e só podem ser tocadas pelos Ojé. (VELAME, 2019, p.136,141)

Neste espaço sagrado é proibido as mulheres tocar nos atabaques ou nas cadeiras, sendo que esse culto é totalmente restrito aos homens. As mulheres iniciadas no culto aos Orixás com o Orixá Oyá recebem um privilégio quando possuem o “oiê” (cargo ritualístico) nas religiões de Matriz Africana. Espaço utilizado, também, pelas mulheres que possuem Adeká, mulheres iniciadas com raspagem no candomblé, catuladas, que levaram Adochu, isto é, completaram os seus sete anos de obrigação, e assim recebem o seu jogo de Merendilegum (jogo dos dezesseis), mais conhecido como jogo de Búzios. Há as mulheres de Oyá possuem um posto de relevância no terreiro de Egúngún, o que causa ciúmes a comunidade feminina local.

A responsabilidade de zelar pelo culto fora dos mistérios é competência das mulheres, essas realizam a ordem no salão, entoam e respondem as cantigas. Em determinados momentos somente elas possuem o direito de cantar e louvar para os Babás Egun, pois elas conhecem todos os Egúngún, seus hábitos, jeitos e as suas manias, sendo assim sabem como agradá-los.

Antes do início dos rituais, elas realizam uma roda (xirê) para louvar os Orixás, momento no qual se inicia o louvor e despacho ao Orixá Exu, e logo em seguida dá-se início a louvação aos demais Orixás. Relembro que o termo “despacho de Exu” não deveria ser utilizado nas casas de Matriz Africanas. Nelas se realiza sim a obrigação de tratar primeiramente de quem toma conta da porteira, é oferecido a esse Orixá o Padê, com o objetivo de agradecer, e pedir para esse guardião não permitir que a negatividade entre dentro do Terreiro, e que não perturbe as atividades rituais. Pede-se, também, que o mesmo agencie a execução dos trabalhos e a invocação dos Orixás no Culto. Após o ritual do Ipadê para Exu,

continua-se a roda (xirê) para louvar os Orixás, após o momento de louvação de todos os Orixás, as mesmas mantêm-se sentadas juntamente com as demais mulheres.

Neste espaço sagrado considerado o mundo dos Egúngúns, é o ambiente das divindades geniosas, é o momento de encontro com seus familiares ancestrais e seus descendentes, um momento de socialização, momento de troca de energia, um momento de vivo contentamento, pois é onde encontramos nossas raízes.

Todo o público presente no terreiro encontra-se separado pelo Ixã, que os AmuIxãs utilizam. Os Ixã são colocados no chão, separando de maneira clara o lugar onde acontece o ritual e estabelecendo uma divisão simbólica diferenciando o espaço do ritual sagrado, simbolizando a separação da morte da vida.

Há momentos em que os mariwo são obrigados a barrar o Egúngún com o seu Ixã, colocado no peito dele. O Egúngún deseja espontaneamente e verdadeiramente ir ao encontro dos vivos e familiares, nesses momentos o próprio guia dos Egúngún tem de interceder rapidamente, pois ele deve respeito ao Ojé que o zela e o invoca.

Após Babá entrar no salão e quando todos se silenciam, ele começa a cantar seus cânticos preferidos, porque cada Egun em vida pertencia a um determinado orixá.

Como diz a religião, cada pessoa tem seu próprio orixá, esta característica é mantida pelo Egúngún. Exemplifico com as vestimentas, se alguém em vida tem como seu Santo o Orixá Oxaguiã, a sua vestimenta terá a cor azul claro com branco e prata, será delicadamente adornada com enfeites de pilão, espada, escudo e camaleões; Orixá Yemanjá é feito com tecidos de tom verde-claro e terá elementos marinhos como conchas, cavalos marinhos e estrelas do mar costurados e colados ao Opá; Orixá Xangô, é feito com as cores vermelha e branca, portando um oxê (machado de lâmina dupla), que é sua insígnia.

Os Ogãs Alagbês também possuem a responsabilidade e a incumbência de tirarem as cantigas e realizarem os toques em ritmo preferido daquele Egúngún que em vida representava o Orixá. Os Egúngún dançam ao som dos atabaques e das palmas ardentes, sincronicamente e simultaneamente realizadas pelas mulheres que respondem as cantigas e convocam as demais pessoas presentes a acompanharem os louvores com muito entusiasmo.

O Babá Egun dançará e cantará suas cantigas particulares, após a sua reverencia e louvação poderá conversar com os fiéis ali presentes, porém toda a sua fala será em Yorubá antigo, nesse momento o seu intérprete será seu Atokun. O Egúngún poderá fazer perguntas aos seus fiéis e seguidores mais assíduos, as “oiê” femininas, aos que possuem cargos, a sua

assistência e depois as pessoas que chegaram pela primeira vez. Ele exerce o papel de verdadeiro pai presente entre seus herdeiros, abençoando, orientando, e punindo caso seja necessário. Dará, ainda, muitas recomendações e proteção, sendo um verdadeiro conciliador das práticas e das tradições religiosas de Matriz Africanas. (SOBRINHO, 2015)

Finalizado as Atividades de louvação a Babá Egun, encerra-se a festa e a porta principal é aberta. Babá Egun foi embora porém, sempre continuará protegendo e abençoando aos seus fiéis em sua sociedade e mesmo aos distantes dela.

Finalizo aqui o relato do culto a Egúngún no “Omo Ilê Agboulá. Sociedade estabelecida na Ilha de Itaparica, Salvador, Bahia, Brasil, onde se mantém com orgulho pela comunidade de Matriz Africana local. Culto que engloba a vida e a morte tendo presente a Ancestralidade, conservada até hoje, como uma tradição cultural iorubana trazida pelo comércio atlântico da África para o Brasil. Este culto mantém e assegura a tradição e preservação de sobrevivência de cultura religiosa, conservando as relações comunitárias local e a cultura e grupos e a diversidade Étnico- Racial.

### **3.4- O ambiente Sagrado do Terreiro “Omo Ilê Agboulá”**

O Ambiente Sagrado do “Omo Ilê Agboulá” é uma construção consagrada como um elo entre os vivos e seus antepassados, construída e preservada por homens e mulheres, sendo que dentro dos fundamentos do Axé do Terreiro é permitida somente a atuação aos homens. Esse ambiente religioso tem a finalidade de Culto a Egúngún, tornado-se assim clara a manifestação dos ancestrais e visíveis os espíritos ancestrais. Nesse local há uma grande presença de Axé e energia essencial, estando ligada entre o Òrun (mundo dos espíritos), e o Àiyé (a Terra ou o mundo físico). As práticas religiosas nesse local acontecem em torno de ancestrais como crenças, ritos sagrados, linguagem Yorubana, e ritmos. Conforme Roger Bastide (2001, p. 81-82),

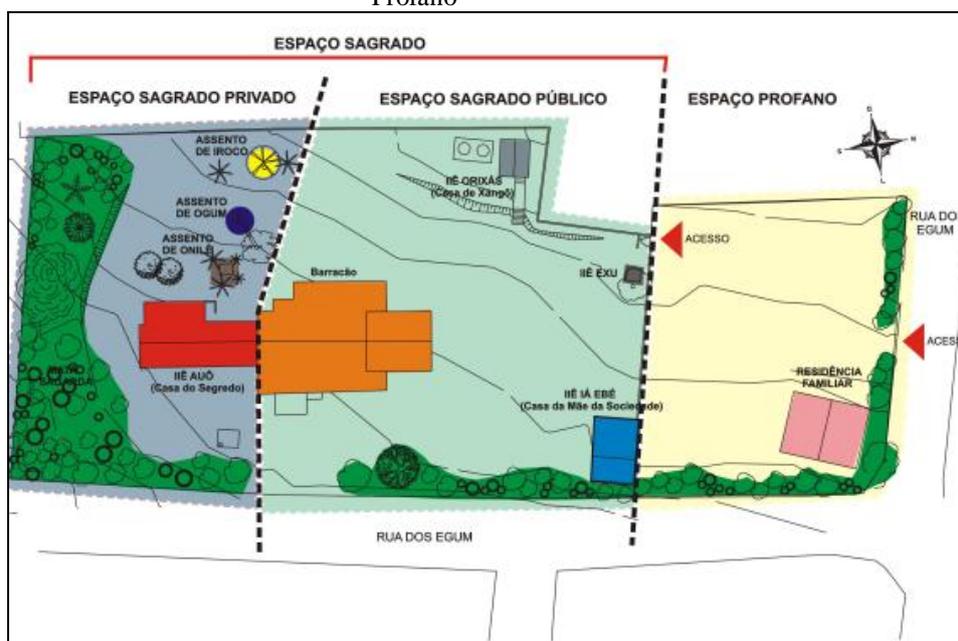
O ambiente sagrado é, pois, o ambiente fechado entre os muros ou os limites do terreiro. Todavia, fora dos candomblés existem outros lugares que os africanos também consideram sagrados. Por exemplo, no tempo de Nina Rodrigues, a "pedra de Ogun" se encontrava num município vizinho ao da capital: De forma de paralelepípedo irregular e colocada na encosta de um vale, à margem da estrada, a pedra tem a face voltada para o sul, enterrada no solo até quase o meio, mas a face norte, com mais de dois metros de altura, está toda descoberta. A pedra tem mais de três metros de comprimento e apresenta na face norte uma escavação ou entalhe natural que se estende até à face superior. Sobre esta pedra encontram-se de contínuos vestígios ou restos de sacrifícios, sangue, penas de aves, conchas

marinhas, etc. A primeira vez que fui visitá-la, fiquei surpreso de encontrar sôbre a pedra um bom punhal, dentro de uma bainha de couro. . . Os laivos de ferrugem que começavam a se formar indicavam bem que ali tinha sido deposto havia poucos dias ainda... O punhal pertencia a um negro casado que tentara assassinar com êle a própria espôsa e fôra ali colocado por ordem de Ogum, que naqueles dias se tinha manifestado à mãe do terreiro.

Nesse Ambiente Sagrado do “Omo Ilê Agboulá” temos a presença, assentamento e preservação de várias entidades ligadas ao culto da Religião de Matriz Africana. Alguns assentos de Orixás já foram apresentados anteriormente, porém anexo a planta que mostra os espaços básicos do terreiro possibilitando identificar as localizações dos referidos assentos.

O Ambiente Sagrado do “Omo Ilê Agboulá” é dividido entre “Ambiente Sagrado Público” e “Ambiente Sagrado Privado”, com várias divisões internas. Dentro do ambiente sagrado público encontra-se as seguintes divisões conforme planta em anexa de Fábio Macêdo Velame (2019, p.72):

Figura 38 - Planta com explanação do Espaço Sagrado Privado, Espaço Sagrado Público e espaço Profano



Fonte: Fábio Macêdo Velame, 2019.

Em seguida passo a apresentar diversos ambientes, para que o leitor possa perceber toda a riqueza cùltica presente no Espaço Sagrado Público e Profano.

### 3.4.1 Ilê Iyá Egbé (Casa da Mãe da Sociedade)

Ilê Iyá Egbé esse ambiente é destinado à mãe Iyá Egbé do Terreiro, que ocupa um cargo de total confiança dentro do “Omo Ilê Agboulá”, juntamente com o Alagbá. A esse cargo não compete somente recepcionar ou cuidar da ligação entre outros Axés, compete a “Iyá Egbé” a representação total da casa, a hierarquia, a postura, o conhecimento e a diplomacia do Egbé. Conforme Fábio Macêdo Velame

Enche-se de mulheres, senhoras, a maioria de idade avançada, ora alegre, conversadeiras, ao som de gargalhadas; ora quietas, com olhos distantes, compenetradas, mas sempre em volta de uma mulher que possui o respeito de todas que se calam quando ela fala, que atendem a seus chamados e realizam seus desejos.

Que casa é esta que guarda esta poderosa senhora e suas filhas, que possuem o poder de realizar o bem e o mal? (2019, p.122)

Essa mãe está à frente da ala feminina do Axé, podendo representar o Terreiro religiosamente, politicamente e socialmente. Ela tem essa incumbência de conselheira comunitária podendo realizar reuniões com as mulheres, além ser responsável por vários afazeres dentro do Axé, como orientar as filhas da casa quanto ao respeito, comportamento, vestimentas, hierarquia e tudo aquilo que faça parte da sociedade religiosa.

A pessoa que possui esse cargo deve ser uma fiel anfitriã, ter disciplina, ser cortes e possuir cultura. Quem ocupa esse cargo precisa conhecer toda a história, toda a trajetória do “Omo Ilê Agboulá”, deve possuir, ainda, toda a vivência de sua trajetória e histórico do Terreiro. Sobretudo, no que diz respeito a hierarquia do Terreiro, a humildade e tato para conversar com as mulheres e com os visitantes.

### 3.4.2 Ilê Orixá

Ilê Orixá é o nome do local onde são cultuados e permanecem os Ibás dos filhos que foram iniciados no culto ao Orixá, são divindades africanas que fazem o elo de ligação entre o homem e o sagrado, representam as forças da natureza. Há assentamentos dos Orixás Xangô, Oxalá, Obaluaiyê, Nanã, Oxum, Yemanjá. Esses assentamentos encontram-se estabelecidos num altar sagrado, pois pessoas que foram iniciadas no culto aos Orixás, ao mudarem de Axé trazem consigo seu Ibá Orixá. Mudam, pois, querem dar sequencia e uma estrutura melhor para seus Deuses.

No Terreiro do “Omo Ilê Agboulá” não se realiza o culto de iniciação, ritual e liturgia aos Orixás. Entoam-se, sim cantigas aos Orixás nos rituais festivos, quando por acaso ocorre a incorporação de alguma filha de Santo, o Egúngún que está dançando no barracão, suspende imediatamente o seu rum (dança) e só retorna quando for mandado embora o Orixá que incorporou.

Esse Orixá incorporado na filha é sempre suspenso e mandado de volta para o Òrun por uma filha de Santo da casa que possui cargo. Nas palavras de Fábio Macêdo Velame (2019,p.128),

O culto dos Egum e dos Orixás constituem dois universos distintos, embora complementares, da concepção do mundo e do sistema afro-brasileiro de origem nagô, pois possuem hierarquias, dogmas, rituais, estruturas diferentes com objetivos distintos, além do mais algumas divindades - as que estão dentro do Ilê Orixás - possuem formas de energias, de axé, diferentes, que não se anulam e não são incompatíveis com o axé dos E um. Essa relação não é de anulação, mas sim de respeito mútuo: os Egum respeitam a presença dos Orixás assim como os Orixás respeitam a presença dos Egum durante as festas e nos ambientes em que habitam [...].

Da mesma forma, nos terreiros de Orixás, há o Ilê Ibo Aku, onde estão os assentos dos Esa, masculinos e femininos do terreiro. São mortos ilustres, que se localizam bem distantes do Ilê Orixás de todas as divindades, pois ele pertence à esfera de Ikú, a morte

Por essa razão, o quarto do Ilê Orixá é distanciado do Ilê Awô do Terreiro por respeito, pois em outras áreas do terreiro temos os ambientes sagrados destinados a Egúngún. Há uma sintonia de respeito muito grande entre os Orixás e Egúngún, quando ocorre a presença de Egúngún, os Orixás não se manifestam pelo cumprimento e normas estabelecidas pelo Terreiro “Omo Ilê Agboulá”.

Ao entrevistar Balbino Daniel de Paula, Fábio Macêdo Velame colheu a seguinte informação:

Como eu falei tem os assentos de Nanã, Omolu, Oxum, Xangô, Oxalá, Yemanjá, o axé de algum deles tem que estar longe do Lessem, dos assentos de Babá, o mais longe possível, e como eles não são cultuados como num terreiro de Orixá com um quarto ou um Ilé pra cada um eles são colocados juntos no mesmo peji, e tem mais, aqui diferente de terreiro de Orixás estes santos são propriedades de pessoas, é a pessoas daqui da casa que também é feita no culto aos Orixás e tem o seu santo que trouxe e deixa aqui na casa e vem fazer os seus osé, estes santos são individuais, cada um deles tem um dono (Entrevista realizada em 12 de abril de 2006)

O Ilê Orixá no “Omo Ilê Agboulá” é também denominado “Casa de Xangô” e é mantida no local distante da localização do Ilê Awô, pois, segundo as tradições desse terreiro de culto a Egúngún, alguns Orixás devem ser mantidos distantes da circulação de Egúngún.

### 3.4.3 Barracão

Barracão de um candomblé é o ambiente onde se praticam as festas públicas, também é um espaço usado para rituais de Sassanha, rituais de Bori, outras festas e atividades internas. Sassanha (cantar a folha) é um ritual Yorubá, serve para retirar a energia vital e extrair o seu sangue (sumo), Bori é uma iniciação à religião pela qual todo o noviço passa, antes de sua raspagem.

Em alguns Terreiros de Matriz Africana quando os atos cerimoniais encerram, o espaço pode ser utilizado como um dormitório coletivo, nele muitos dormem em decisas (esteiras). O barracão é conhecido também como Ilê Axé, um local abençoado para os Candomblecistas, um ambiente que abriga uma grande parte dos visitantes e convidados.

O barracão do terreiro de Candomblé, é denominado, também, o templo sagrado da festa do orixá constituindo-se em um Xirê “dança utilizada para evocação dos Orixás”, espaço de interligação no terreiro do corpóreo e incorpóreo, do imaterial e material, do divino e humano e do oculto e não oculto.

### 3.4.4 O Barracão do Terreiro Omo Ilê Agboulá

Figura 39 - Barracão do Omo Ilê Agboulá



Fonte: Fábio Macêdo Velame, 2019.

Tem a finalidade de reunir toda a sua comunidade e sociedade Egúngún para os festejos e consagração aos seus Ancestrais. Nele ocorrem as celebrações que mantem o equilíbrio do grupo e dos familiares. Espaço onde ocorrem bênçãos, conselhos para os

seguidores; espaço de paz onde ocorrem as bençãos, rezas, cânticos sagrados e palavras geradoras de paz.

Há nesse ambiente uma cadeira “trono”, destinado a Yalorixá mais velha, a ela compete a essa toda a iniciação e abertura do “xirê”, além de afastar todos os Orixás que incorporarem nas filhas durante o período da festividade. Nas palavras de Fábio Macêdo Velame (2019, p.145):

O barracão, possui uma série de elementos simbólicos. Mostram-se partes de rituais, indumentárias, figuras hierárquicas, relações entre os Egum e os seus descendentes, ícones e insígneas vinculados ao culto aos Egum presentes em pinturas de paredes, estandartes e faixas. Estes elementos simbólicos criam um ambiente arquitetônico povoado de significados e cumprem a função de transmissão de valores e aspectos importantes do culto a serem observados. São as tradições orais materializadas, são os mitos de tijolos que migram, transferem-se e emanam para estas pinturas, presentes nas paredes ou nas próprias faixas e estandartes, são uma linguagem que ensina, às crianças, os aspectos e conhecimentos do culto e da tradição do culto aos Egum.

Além dos elementos simbólicos que possui o barracão, o terreiro ainda é enfeitado com vários galhos e folhas sagradas no período das festividades, folhas que têm o poder de carregar consigo energias e forças da natureza, pois como diz o ditado, sem folhas não existe candomblé, além do mais todas as energias negativas das pessoas presentes podem ser absorvidas pelas folhas.

Na organização das pinturas e decorações fixas no interior do barracão as crianças participam com seus atos criadores, individuais e coletivos. Elas poderão futuramente se lembrar dessa participação na construção e preservação da Religião de Matriz Africana, base familiar e raiz espiritual. Abre-se, pois, a possibilidade de uma interação cultural artística estética e comunicativa com membros da comunidade. Dinâmica confirmada por Balbino Daniel de Paula, Alagbá do Omo Ilê Agboulá, em Ponta de Areia no município de Itaparica em 12 de abril de 2006 e por Fábio Macêdo Velame (2019, p.159;160),

Tem a cozinha e a varanda aqui do lado esquerdo onde são feitas as comidas dos santos e as dos Babás pelas mulheres, na varanda e na cozinha chega a ter nas principais festas cerca de trinta mulheres, elas passam o dia todo enquanto fazem as comidas, preparando as coisas, ficam conversando sobre os seus problemas, da família, das outras casas em que elas são filhas de santo, falam uma das outras, ficam lá sentadas o dia todo, porque é muito trabalho tomando uma cervejinha, contando os casos, as histórias, focando, é além do lugar de preparar as comidas dos santos e dos Babás um lugar que elas têm para se socializar, elas pegam algumas plantas e folhas na mata, as mais velhas pegam lenha também pra fazer algumas comidas que tem que ter o fogo da madeira, o axé dela, e preparam os animais, colocam estas ervas e folhas tudo na varanda, depois a fogueira é feita aí perto, no lado da varanda, já as mais novas fazem tudo no fogão a gás porque é mais prático e dá menos trabalho, os Ojés mais velhos não gostam muito disso, mas a cozinha precisa de uma reforma tá muito necessitada [...].

A comida feita a lenha traz a expressão de cultura, relembra memória e identidade africanas e baianas e preserva tradições, sociabilidade e ritualização. Quando a lenha arde no fogo, para essa comunidade de ancestrais a lenha é originária de galhos divinizados.

#### 3.4.5 O ambiente livre e sagrado

Este ambiente encontra-se distante da porteira e do barracão, nele estão assentados os Exus da porteira e do terreiro, a Casa de Xangô “Ilê Orixá” e o Ilê Iya Egbé.

Nos momentos de festividades é proibida a ida dos participantes para esse ambiente, devido a situações incomuns que acontecem nessa área, sendo permitida somente aos Ojés a circulação. Os presentes após o início das atividades somente poderão se retirar do barracão após o término das celebrações, isso geralmente acontece ao nascer do sol.

Segundo o calendário das festividades do “Omo Ilê Agboulá”, esta área é considerada um ambiente livre e sagrado, pois em algumas datas são celebradas nela as festas de Egúngún e os Egun Aba, que circulam por esse ambiente aberto, celebrando, comemorando, saudando e abençoando os seus descendentes e comunidade local.

A estabilidade do Axé depende muito do banho de Ervas, que os fiéis fazem uso nos dias das atividades e funções espirituais. Esse banho é um processo de fortalecimento, purificação, que utiliza de elementos da natureza, sendo comum nas Religiões de Matriz Africana. Conforme Fábio Macêdo Velame.( 2019, p 167-168),

[...], conforme manda a tradição, esse processo de purificação, essa necessidade de manter o máximo de tempo possível as pessoas caminhando no ambiente livre sagrado será mantida, pois o Alabá e os Ojés pretendem criar uma barreira natural com palmeiras, plantas e arbustos sagrados, entre a porta de entrada do terreiro, O Ilê Exu, e a porta de entrada do barracão, fazendo com que as pessoas dêem a volta nesta barreira, circulando tanto quanto antes. Portanto, mudam-se as formas, os materiais e elementos, destroem-se e constroem-se os Ilê, numa arquitetura em constante fluxo e transformações, todavia, busca-se constantemente conservar e potencializar os princípios dinâmicos de funcionamento e de interação de axé. Este ambiente também é freqüentado pelos Egum Abá durante as festas do ciclo das Águas: [...], festas dedicadas às divindades Olokum, Oxum, e Yemanjá, sendo que todos os presentes dados a estas divindades são abençoados e ofertados pelos Egum Abá. Nas demais festas do calendário litúrgico, o ambiente livre sagrado, durante a noite, a madrugada e o amanhecer, que é o tempo de duração das festas, fica povoado de Aparakás, de alguns Babás Egum Abá e de espíritos dos mortos. Durante esse tempo, ninguém pode sair do barracão, só é permitido, assim mesmo, raramente, com o acompanhamento dos Ojés, sendo liberada a saída de todos depois do amanhecer. Sendo o barracão protegido pelo Mariô colocado nos acessos e nas aberturas (portas e janelas) e vigiados pelos Ojés e AmuIxã.

O Povo do Santo já conhece essas atividades que são realizadas diariamente antes de se fazer qualquer tipo de trabalho e atividade espiritual. As pessoas tomam o referido banho de ervas para limpar o corpo antes de começar as funções, muitos realizam essa atividade quando vão visitar os terreiros, tanto por segurança nas ruas e em sua caminhada até o local, como em seu retorno. No entanto, alguns visitantes não religiosos que não são filhos da casa e por serem leigos sobre a religião podem estar com alguma energia negativa. Uma vez no barracão quando o Egúngún aparece serão purificados por ele de suas cargas negativas.

#### 3.4.6 Assentamento de Ibá Orixá (assentamentos sagrados dos Orixás)

Cultuava-se Xangô em particular como a pedra do raio, Ogum era adorado com um objeto simples de ferro, conforme Juana Elbein (1986, p.37):

Todos os objetos rituais contidos no terreiro, dos que constituem os assentos até os que são utilizados de uma maneira qualquer no decorrer da atividade ritual, devem ser consagrados, isto é, ser portadores de àse. Os objetos têm uma finalidade e uma função. Expressam categorias, diferentes qualidades. Seus elementos são escolhidos de tal forma que constituam um emblema, um símbolo. Madeira, porcelana, barro, palha, couro, pedras, contas, metais, cores e formas não se combinam apenas para expressar uma representação material. Os objetos que reúnem as condições estéticas e materiais requeridas para o culto, mas que não forem preparados, carecem de fundamento, constituem uma expressão artesanal ou artística. O caráter sagrado é conferido por meio de um oro – cerimônia ritual – no decorrer do qual o àse é transmitido e armazenado temporariamente. É o àse que permite aos objetos funcionar e adquirir todo seu pleno significado. Portadores de forças mística, são ativos indutores de ação, que conformam e estimulam o processo ritual. Funcionam implantados dentro de um contexto, movimentos pela força do àse.

Sob esse ponto de vista, as ferramentas dos Orixás e os Ibás, representam para o iniciado uma enorme força de Axé e Ancestralidade Africana. Os “Otás” que é a pedra sagrada e de enorme significado para o filho, os “Cauris” búzios, as moedas, os “ides” pequenas argolas e pulseiras em prata, bronze, ouro e outros que compõem alguns Ibás, as pencas de correntes com suas várias simbologias dos Orixás são prenes de energia e significado.

#### 3.4.7 Assentamento no Ilê Ibò akú (casa de adoração aos ancestrais)

O Ilê Ibò Akú é denominado a Casa da Morada da Morte, também pode ser considerada como Casa de Adoração dos Mortos. Esse espaço é totalmente reservado e sem acesso a quem não pertença à Casa de Candomblé de Matriz Africana. É destinado as pessoas possuidoras de cargo elevado dentro da religião, possuindo título proeminente e honorífico dentro do Egbé (Casa), o espírito dessa pessoa falecida é denominado “Esá”.

“Oju Ibó” é o local onde se cultua e realiza o culto a “Esá”. Estarão presentes e fixos nesse local materiais diversos de uso do falecido durante a sua vida, conforme Juana Elbein dos Santos (1986.p.104):

A Separação que estabelece entre òrìsà e égún é tão rígida que até os égún das adósù falecidas – porque elas foram iniciadas e pertencem aos òrìsà – são venerados os locais e “assentos” diferentes dos dos outros ègún.

[...]o “terreiro” lese òrìsà contem o Ilé-ibo-akú, totalmente separado e distante dos Ilé-òrìsà; no “terreiro” lese égún, os ancestrais são invocados e cultuados no ilê-ìgbàlè[...]. É importante destacar que, nenhum caso, se deve confundir o Ilé-ibo-akú, a casa onde os mortos são adorados no “terreiro” lese òrìsà, com o ilê-ìgbàlè, casa de culto dos égún lese égún. No Ilé-ibo, são venerados os espíritos das adósù, sacerdotistas iniciadas no culto dos òrìsà. No ilê-ìgbàlè são adorados os ará-òrun em geral e os espíritos daqueles iniciados no mistério dos égún. Da mesma forma, os ritos funerários e os “assentos” dos mortos são diferentes nos dois cultos.

Nos terreiros de Egúngún, o quarto que constitui o Ilê Ibò Akú não possui janelas somente uma porta, mas a área onde se dispõe os assentamentos necessita ser ligado diretamente à terra. A própria terra em que o antepassado pisou enquanto em vida e que o hospedou de volta em seu falecimento.

O assentamento de Egúngún não é de realização simples, esse tem que ser realizado por um Ojé. Esses assentos são realizados na terra, os princípios são protegidos e preservados, os segredos e fundamentos religiosos do Ilê Ibò Akú do Terreiro “Omo Ilê Agboulá”. Citarei nesta pesquisa somente alguns materiais utilizados, quanto aos segredos nenhum outro sacerdote tem o direito de mencionar e revelar devido ao seu juramento como Ojé. Os materiais para realização dos assentamentos são alguidar de barro, pratos e porção de lamas, sendo que a lama é indispensável à vida, a partir desse momento representará a morte, onde terá toda a significação e continuação do ciclo da encarnação chamada de atunwá (reencarnação). Para Juana Elbein dos Santos (1986, p.203),

O “assento” coletivo, o ojúbo, é diretamente aberto na terra e com o Opa-Kòko surgindo dela. Como ancestrais masculinos, [...], qual era a sua relação com as árvores e as suas representações deslocadas: os òsùn. Os “assentos” individuais dos Egún são continentes de barros com larga boca que contem uma mistura de barro e àse, de folhas e outros elementos, especifica para cada Egún que enche totalmente o interior, transbordando do recipiente, formando um montículo incrustado de cauris. Esses “assentos” estão dispostos sobre um banco feito de terra, baixo e estreito,

chamado pepele. É interessante notar que também se encontra uma mistura de lama e de outros materiais no “assento” de Obálúaiyé e num certo tipo de “assento de Esù.

O orixá Obaluaiyé é o mais temido entre todos, afinal ele é o dono da terra. O Orixá Exu, como citado anteriormente para o Povo Fon, País ex-Daomé, possui o nome de Legba e, é também representado por um montículo de terra, está terra em forma de lama.

### 3.5- A festa das Águas

Em seguida apresento uma das festas importantes, a das Águas.

#### 3.5.1 Os Orixás homenageados

Em seu calendário de atividades festivas o “Omo Ilê Agboulá” celebra a Festa das Águas, realizada entre o mês de janeiro e fevereiro. As atividades têm início no dia 20 de janeiro, tendo seu ápice no dia 20 de fevereiro, quando se celebra a Festa da Ancestralidade no Terreiro.

Essa festa é em homenagem aos Orixás Yemanjá, Orixá Oxum e ao Orixá Olokun. Para conhecê-los um pouco mais, passamos a apresentá-los.

#### 3.5.2 O Orixá Olokun – O Senhor Do Mar

Figura 40 - Orixá Olokun



Retirado de:<https://aguasdeolokun.wordpress.com/2015/05/16/lenda-de-olokun/> Acesso em 29 dez 2020.

As religiões de Matriz Africana o Orixá Olokun é considerado o Senhor do Mar, portanto há pouco histórico sobre esse Orixá, que carrega vários segredos relacionados a profundidade do Oceano onde ele habita.

Em algumas casas de “Candomblé”, esse Orixá é cultuado, porém não existe iniciado dentro do Culto “Ilê Orixá” e nem homenagem, ele é lembrado e homenageado nas festas do Orixá Yemanjá.

### 3.5.3 Orixá Yemanjá

Figura 41 – Orixá Yemanjá



Fonte: Tatiana Maria Damasceno, 2015.

O Orixá Yemanjá cultuado no Brasil nas Religiões de Matriz Africana é considerada a rainha das águas salgadas, a sua origem é de um rio corrente para o mar. Orixá Yemanjá é considerada por muitos da comunidade afro-brasileira como a Rainha do Mar. Tem-se assim um dos ambientes sagrados de Culto a Yemanjá. Ela proporciona a boa pesca nos mares, onde rege os seres aquáticos, de seu reino provem também alimentos para a humanidade.

O Orixá Yemanjá que controla as marés, a ressaca das praias, e as ondas do mar e protege a vida marinha, é considerada e denominada no Candomblé Yιά Orí “Mãe de todas as cabeças”. Ela que reflete através de seus espelhos denominado “Abebé” todas as diferenças do mundo, pois a mãe de fato é sempre um exemplo para seu filho. “Abebé” tem um formato circular de um leque prateado com vários desenhos simbólicos, é uma das vestimentas de Yemanjá.

O Orixá Yemanjá é, pois, a mãe que educa, que mostra todos os caminhos, e orienta seus filhos. É um Orixá regente da inteligência humana e exerce encanto nos homens.

#### 3.5.4 O Orixá Oxum

Figura 42 – Orixá Oxum



Fonte: Gravura por Joseph Nunes, 2016.

O Orixá Oxum é consagrado para a comunidade de Matriz Africana a rainha de todos os rios e cachoeiras, é um Orixá vaidoso, sendo considerada a “Yalodê”, que significa aquela que lidera as mulheres. Responsável pela fecundidade das mulheres, é a mãe que amamenta assume a liderança com grande poder feminino. Protetora das crianças, mãe da ternura e da generosidade.

O Orixá Oxum é a deusa mais linda, atraente e sensual do Candomblé. É considerada a própria vaidade, e ama seus fiéis, é a mãe que não vê defeitos em seus filhos, para ela seus filhos são considerados as verdadeiras jóias. Por essa razão é considerada a mãe das crianças, pois são inocentes e não possuem maldades, zela por todas as crianças desde o ventre, até o momento em que a criança obtém a sua liberdade. O Orixá Oxum guarda consigo a porta da comunicação entre a ancestralidade e o nascimento, ela percebe de um lado a outro a potencialidade de renovação das gerações. Oxum e seu Abebé (espelho), este possui o poder

de realizar para a mulher tudo o que seja capaz de enxergar e desejar, sendo assim possui em suas mãos o domínio da geração, no seu ventre e no seu olhar.

Para finalizar esta apresentação passamos, agora, a festa propriamente dita.

### 3.5.5 A Festa

Antes do início de qualquer ato realiza-se o Ossé, e logo em seguida com a presença de todos os filhos fiéis aguarda-se a presença do Egúngún Babá Agboulá, para dar a permissão para a realização dos festejos.

Sendo autorizado por esse ancestral iniciam-se as atividades do festejo dentro do terreiro, são realizadas as Oferendas aos Orixás de rua, de modo que eles proporcionarão que as atividades sejam sossegadas e com muita alegria e sucesso, livrando as atividades de todas as ações negativas.

Figura 43 - Seguimento do cortejo para estender a Bandeira



Fonte: Fábio Macêdo Velame, 2019.

Iniciado o cortejo com o acompanhamento dos fiéis, da comunidade local, comunidade de Matriz Africana e diversas comunidades de outras regiões de Salvador e do Brasil, carregando a Bandeira com destino a praia de Ponta de Areia no Município de Itaparica. O cortejo realiza uma parada na frente da Capela Nossa Senhora das Candeias, e a saúda e cumprimenta essa Santidade, seguindo para a praia onde será cravado o mastro pelos Ojés, esse ato é realizado no momento em que se baixa a maré. O mastro, com a bandeira, permanecerá afixado pelo período de um mês.

Figura 44 – Início da Saudação enfrente a Capela Nossa Senhora das Candeias



Fonte: Fábio Macêdo Velame, 2019.

Essa bandeira é configurada com elementos marinhos, o mastro possui 12 metros de comprimento, sendo ornado com faixas alternadas.

Após a realização desse primeiro ato segue-se a missa e procissão, logo em seguida acontece um grande baile para as comunidades locais e visitantes. O Poder Público Regional participa das atividades com a comunidade local, realizando arrecadamentos e contributos. A comunidade local do “Omo Ilê Agboulá” mantém um relacionamento estreito com a Igreja Nossa Senhora das Candeias, preservando seus rituais e cultos, porem diferenciam os rituais e cultos, na Igreja realiza-se a missa, e as oferendas a Egúngún no Terreiro.

Os homens estão incumbidos de realizar a limpeza do barracão ao longo deste período. A eles compete a pintura interior e externa, o capinar o mato na parte exterior, e colher ervas para preparação do “amaci” (banho de erva) para a comunidade local. Realizam, ainda, toda a decoração com folhas colhidas da arvore dendezeiro, as atividades pesadas são dedicadas aos homens.

As mulheres possuem a competência da limpeza e decoração do Barracão e a limpeza e a decoração dos espaços de culto na Igreja.

No dia 31 de janeiro acontece a Procissão solene com a padiola toda ornamentada transportando a imagem de Nossa Senhora das Candeias acompanhada pela comunidade local e população de outros Municípios. A procissão é encerrada com a execução do Hino do Senhor do Bonfim. No período noturno é realizado um grande bailão, que se prolonga até altas horas, entre a população local, turistas e autoridades da região. Dentro de todo o

complexo da Ilha, todas as atividades realizadas contam com a participação de Autoridades local, conservando, assim, a cultura e festejos regionais tradicionais.

No dia 02 de fevereiro, os Ojés juntamente com a autoridade Alagbá deverão estar presentes no Lessain, onde os presentes serão organizados em cestas de palhas, balaios de vime, alguidás de barro. Preparações cuidadosas, marcadas pelos pedidos sempre positivos, são todos muito bem enfeitados e decorados com as diversas cores dos Orixás. Seu conteúdo: sabonetes, perfumes, bijuterias, muitas flores, espelhos e não poderá deixar de conter a comida dos Orixás da água, em bacia de ágata. (VELAME, 2019, p. 226)

As mulheres recebem os balaios no terreiro para serem entregues na praia. A procissão até a praia tem uma ordem ritual, primeiro as mais velhas, conforme a hierarquia sacerdotal, e os presentes carregados na cabeça de cada filha.

O Alagbá dará o início ao cortejo partindo do Alto da Boa Vista, onde se localiza o Terreiro de Egúngún. O cortejo passará com a multidão enfrente a Igreja e logo em seguida seguem para a praia, onde são aguardados pelos saveiros que apanharão as filhas do Terreiro, estando presentes alguns Ojés e convidados para realizarem esse percurso e entrega.

O local da entrega das oferendas no mar foi estabelecido previamente. A procissão é acompanhada por cantigas de rituais e muitos rojões. No momento de entrega do presente em alto mar, o Alagbá realiza as saudações aos Orixás das Águas e entrega as oferendas. Momento em que costuma ocorrer a incorporação de Orixás em algumas filhas de santo, momento muito emocionante e sentimental para todos os presentes da embarcação.

Concluída a etapa de entrega dos presentes, os saveiros voltam para a praia, onde uma multidão os aguarda com cantigas divinizadas e profunda gratidão. Todos se encaminham para frente da Igreja em procissão onde está instalada uma tenda para ser realizada uma grande festa em homenagem aos Orixás das Águas. Todos se cumprimentam e se envolvem com grande abraço. Dentro das Religiões de Matriz Africana existe esse ritual de abraços após o término de qualquer festividade.

Figura 45 – Basílica Santuário do Senhor do Bonfim



Retirado de: <http://www.santuariosenhordobonfim.com/historia>. Acesso em 29 dez 2020.

Na primeira sexta-feira, após a entrega das Oferendas aos Orixás das Águas, o Alagbá juntamente com alguns fiéis segue para Salvador para acompanhar a missa que será celebrada no sábado na Basílica Santuário do Senhor do Bonfim, padroeiro dos baianos e símbolo do sincretismo religioso da Bahia, momento em que realizam seus pedidos e agradecimentos. À tarde em seu retorno dirigem-se a praia para a retirada do mastro com a bandeira, seguindo para o barracão do “Omo Ilê Agboulá”, local onde a bandeira será cravada no solo.

Todos estes rituais são acompanhados com cânticos ritualísticos. Neste momento o Babá Agboulá se apresenta agradece a todos os presentes e abençoa todos os fiéis pela devoção e dedicação. Para José Sant’anna Sobrinho (2015,p.105), a celebração se moderniza:

Na procissão marítima, não são mais vários saveiros que acompanham o presente, e sim uma lancha que faz a travessia que liga Mar Grande a Salvador, pelo seu tamanho, cabendo todos os filhos do terreiro. A romaria a Salvador é feita por ferry-boat, no sábado, pela manhã, acontecendo no mesmo dia a festa. À noite.

Antigamente, quem comandava todo esse ritual de entrega aos Orixás da Água era o Babá Egum “Babá Bakabaka”.

Essa atividade cultural e religiosa é praticada pela comunidade “Omo Ilê Agboulá” desde o início da fundação do Terreiro, mesmo sofrendo várias perseguições, a partir dessa época onde seus sacerdotes e familiares sobreviviam de poucos recursos provenientes de atividades de pescarias. Através dessas atividades que os pais sustentavam a sua família, assim sendo com um gesto de gratidão as águas por toda essa graça alcançada, brotou assim, essa maneira de agradecimento e reconhecimento a mãe natureza, rito espiritual ligado a Fé e a Ancestralidade.

### 3.6 Sincretismo Religioso

O Sincretismo Religioso é caracterizado por várias influências religiosas e ideologias para constituir outra. O sincretismo mais concreto é o religioso, porém o sincretismo ideológico está exposto em várias áreas das ciências humanas e sociais, estando presente na religião, sendo possível figurar integrantes que determinam e influenciam uma crença. No Brasil o sincretismo é visível dentro das religiões de matriz africana que integraram elementos da igreja católica, esta mistura se procedeu de forma diferente em várias partes do país. A principal causa que justifica este fato é a maneira em que foi exercido o poder de Portugal na época da colonização, a coroa e a igreja tinham uma ligação muito grande, onde se ligava num planejamento de colonização, o convertimento ao catolicismo, impondo assim aos povos conquistados como os negros escravizados e os indígenas, sendo obrigados a praticar a doutrina católica. Os escravos capturados e trazidos para o Brasil nos navios negreiros, dentro desse trajeto já possuíam contato com a igreja católica, onde muitos já eram convertidos ao catolicismo nesse percurso.

Apavorados pelas supostas punições que seriam impostas nas circunstâncias de não concordarem com a conversão, os escravos seguiam a religião católica na aparência, porém preservava internamente o culto a seus Orixás de origem. Aos domingos eram permitidos os cantos, as danças, preces, batuques e lamentos dentro das senzalas.

Os africanos que se conduziram obrigatoriamente ao processo de conversão passaram a adquirir conhecimento com os padres, assim associando os Santos Católicos aos Orixás, obedecendo às regências e as representações de cada entidade.

Nos quilombos, os africanos e os indígenas misturam e trocam práticas e costumes, onde surge o culto de caboclos. As nações de Congo e Angola aqui no Brasil foram as que mais se misturaram com os índios, assim sendo o ritual mais forte de caboclo é praticado no Candomblé de nação Angola, segundo Sergio F. Ferretti (2007, p. 4), sobre multiculturalismo e sincretismo:

O sincretismo parece-nos evidente, no Brasil, pela própria história do país. Nossos colonizadores portugueses sempre contaram, em seu território, com a presença de povos de procedências diversas, desde os romanos, na Antiguidade e através de toda a Idade Média, com os chamados povos bárbaros, e, depois, com os árabes e judeus, até a época dos descobrimentos. Fomos formados, depois, com a contribuição das mais diversas culturas, procedentes do continente africano, que se somaram às numerosas nações indígenas encontradas em nosso vasto território. Assim o contato entre múltiplas culturas sempre foi característico de nossa sociedade, embora na maior parte do tempo, com predomínio da cultura branca dominante.

A sequência histórica do Sincretismo Religioso é ampla dentro do processo descritivo, ao longo dos séculos deixou de ser ressaltado, assim considerado como fuga nas religiões reprimidas, passando a ser idealizada como crença, determinando que os santos católicos fossem caracterizados como representação dos Orixás, relacionando com os próprios Orixás e vice-versa ou reciprocamente.

Os sacerdócios católicos portugueses que possuíam uma atuação da Igreja Católica Apostólica Romana chegaram em nosso território com objetivo de conquista das terras brasileiras, a pregação do evangelho pelo mundo e a doutrina cristã, porém não foram os únicos que vieram para o Brasil com esse objetivo de evangelizar os índios, vieram os representantes da ordem franciscana e das carmelitas.

O Brasil teve uma interpenetração de culturas, possuía originalmente e plenamente a cultura indígena, obtendo impostamente posterior traços das culturas européia e africana.

Nesse mesmo processo a Igreja Católica desfrutou uma grande contribuição nas artes brasileiras. Nas religiões de Matriz Africana originou-se o Candomblé, porém, é importante lembrar que o catolicismo sofreu muita resistência no território brasileiro, pelos povos que não concordavam em se converter.

O Candomblé possui a origem banta, esses são um grupo maior de escravizados chegado ao Brasil que são originários dos Camarões, Sudeste da Nigéria, Angola, Moçambique, o povo banto foram os mais numerosos grupos de escravos a chegarem no território brasileiro. O Candomblé mantém o seu vocabulário de origem africana dentro da cultura no Brasil, diferenciando da Umbanda que possui o seu início fortemente e sincrético combinando com o Catolicismo, incorporando o espiritismo, algumas práticas do Candomblé, práticas e crenças indígenas, é vista como uma religião brasileira com um sincretismo que combina com o Catolicismo.

O processo de sincretização sofrido pelas religiões de Matriz Africana teve seu início nos tumbeiros, os negros eram misturados de várias regiões da África com línguas e dialetos totalmente diferenciados para não provocarem rebeliões e fugas. Esses quando chegarem ao país eram impostas aos mesmos as crenças dos homens brancos, ressaltando nesta que os proprietários de fazendas mercantilizavam os negros de proveniência diferente, dificultando assim uma desunião entre esses, assim eram inseridos aos costumes e religiões impostas.

Mesmo à frente de todos esses impasses, os negros alcançavam um ambiente para continuar realizando seus costumes e suas crenças, mesmo que disfarçado e escondido. Os

negros eram batizados e recebiam os nomes cristãos, recebiam e aceitavam supostamente a religião cristã, porém os seus conceitos e as suas práticas religiosas eram escondidas e disfarçadas, principalmente nas senzalas onde eram realizados vários rituais de curas pelo seu sofrimento.

Tendo assim, os negros supostamente acolhem os Santos Católicos, não deixam de ter a sua fé em seus Orixás, podendo assim realizar as suas cerimônias sem punição, condenação e castigos. Muitos dos Santos Católicos possuem dentro da Religião de Matriz Africana representações impostas pelo catolicismo, pois os negros não podiam cultuar a sua religião de berço, o Orixá Exu é representado por Santo Antonio de Pemba ou Santo Antonio; O Orixá Ogum é representado por São Jorge; o Orixá Oxossi é representado por São Sebastião ou Santo Antonio; Orixá Ossanhê é representado por São Benedito; Orixá Omulú é representado por São Roque ou São Lázaro, Orixá Oxumarê é representado por São Bartolomeu; Orixá Logun Edé é representado por Santo Expedito; Orixá Xangô é representado por São Jerônimo ou São Pedro; Orixá Oxum é representada por Nossa Senhora Aparecida ou Nossa Senhora da Conceição; Orixá Yemanjá é representada por Nossa Senhora das Candeias, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Glória ou Nossa Senhora dos Navegantes; Orixá Iansã é representada por Santa Bárbara; Orixá Nanã Buruquê representada por Nossa Senhora Sant'ana; Orixá Ewa representada por Santa Luzia; Orixá Obá representada pela Santa Joana D'Arc ou Santa Catarina de Siena; Ibeji é representado por Cosme Damião e Doum; Orixá Oxalá é representado como Jesus Cristo ou Senhor do Bonfim.

Os rituais afro-brasileiros sempre foram impedidos antes da abolição da escravidão pelas autoridades policiais, e não foi inalterado as suas perseguições contra as casas de Matrizes Africanas e rituais afro mesmo após a abolição da escravatura os negros disfarçavam para exercer os seus ritos com outras demonstrações artísticas como em São Luiz do Maranhão que é realizada a festa do Divino Espírito Santo, sendo predominante nos Terreiro de Matriz Africana da nação Jeje e Nagô, denominados Tambor de Mina; bumba meu boi envolvendo o povo negro e indígena; o maracatu que surge no estado de Pernambuco; o carimbo do Pará que foi trazido ao Brasil pelos escravos africanos, sendo incorporada com influências indígenas entre outras. Segundo Sergio F. Ferretti (2007, p. 7):

A Festa do Divino é uma tradição do Catolicismo e da cultura popular, muito encontrada em várias regiões do país, com características próprias em cada lugar. Em São Luís do Maranhão, é organizada principalmente por afro-descendentes, em Terreiros de Tambor de Mina, e nela se destacam os toques das caixeiras. É uma

festa com organização minuciosa e complexa, com uma seqüência barroca de rituais, que não podem deixar de ser executados.

A festa do Divino realizada nos terreiros de Tambor de Mina constitui-se um dos principais elementos que evidenciam a presença do sincretismo religioso nas religiões afro-maranhenses. O ritualismo barroco e minucioso, evidenciado nos cânticos lentos e demorados das caixeiros e nas longas cerimônias da festa do Divino nos terreiros é, também, encontrado em outros rituais do Tambor de Mina, lembrando o Te Deum e as Missas Solenes da Igreja Católica. O exagero barroco de rituais em contraste com a sóbria discricção dos participantes constitui característica desta e de outras festas populares no Maranhão.

Assim sendo, podemos compreender que o Sincretismo Religioso possui um desenvolvimento verdadeiramente profundo, onde sucedeu uma enorme cultura e que, representa a vida, a raiz e a história de uma nação que influiu de uma maneira profunda nas religiões presentes, porém ressalto que as religiões de Matriz Africanas foram as mais influências nesse processo de Sincretização pela igreja católica.

Breve, tendo presente a noção de espaço e espaço sagrada, organizou-se o capítulo. Num primeiro momento apresentou-se os espaços destinados aos Orixás da Casa, seguido da apresentação do culto a Egúngún, momento ritual da maior importância para a vida do Terreiro. Retornamos aos espaços internos e externos para novas e complementares afirmações, dado ser o espaço o elo entre vivos e mortos. Apresentamos a dinâmica da festa mais antiga do Terreiro, a Festas das Águas, atividade presente desde os primórdios na vida religiosa e cultural do Terreiro Omo Ilê Agboulá. Para finalizar, falamos acerca do sincretismo religioso, de como ele é caracterizado por várias influências e ideologias religiosas, especialmente as de matrizes africanas.

## CONCLUSÃO

Na preparação prévia deste trabalho, realizei um longo e demorado estudo priorizando a temática da Ancestralidade Afro-brasileira, tendo como objetivo entender melhor o que ocorreu com a religião/religiosidade dos escravizados ao longo do tráfico negreiro. Uma questão retornava com frequência, como foi possível preservar os cultos aos deuses africanos, especialmente pelo Terreiro “Omo Ilê Agboulá”. Esse Terreiro preserva com zelo até hoje a memória dos Ancestrais trazidos pelos africanos.

Início meu percurso redacional convidando os leitores a revisitarem a Ilha de Gorée, de onde partiam os escravizados para a travessia do meio, empilhados nos porões dos navios negros, ou tumbeiros. Sem saberem o destino e o percurso. Muitas eram as mortes ao longo da travessia, morte de diversos tipos, por doenças, suicídio e rebeliões, que eram frequentes ao longo da travessia. A superlotação dos tumbeiros e a pouca alimentação acabavam contribuindo para que mortes ocorressem com frequência.

Assim que chegavam ao Brasil, eram levados em embarcações pequenas para a alfândega, aí se pagava uma taxa, os doentes eram separados e o restante dos escravizados eram levados para instalações mercantis onde seria realizado todo o comércio de vendas de escravos. O destino após a venda era em geral os plantéis, onde trabalhariam do nascer ao por do sol, uma minoria permanecia na cidade.

Os escravizados eram explorados como mão de obra açucareira nos campos ou nos canaviais em tarefas exigiam força, além de ser um trabalho muito cansativo, eram utilizados, também, nos cortes de lenhas e nas casas de seus senhores nas manutenções diárias. No trabalho não ficaram coarctados aos canaviais, com o passar do tempo foram solicitados a trabalharem nas minas e mais tarde nos grandes cafezais nas províncias do Rio de Janeiro e São Paulo.

Os Africanos e Africanas ao longo da escravidão procuraram das maneiras mais diversas, reconstruírem suas identidades e tecerem novos laços sociais, tanto na cidade como no campo. Uma das estratégias foi a do compadrio e a criação de irmandades, especialmente, nas cidades. As irmandades se constituíram como espaços de solidariedade e auxílio mútuo, e importante, tudo longe dos olhares dos senhores. Num país que se organizava em todos os âmbitos as irmandades contribuíram tanto no aspecto religioso como social na construção da

sociedade brasileira. O mesmo se pode dizer dos primeiros terreiros constituídos no Brasil. Terreiros de candomblé Ketu e angola.

Nosso foco de pesquisa estava colocado no surgimento e na expansão dos terreiros de Egúngún em Salvador, que sobreviveram apesar das perseguições policiais, em particular o “Omo Ilê Agboulá” na Ilha de Itaparica, com seus sacerdotes e seus líderes dos terreiros.

Apresentamos os Ojés, figuras masculinas com cargo dentro dos terreiros de Egúngún, são eles os zeladores de nossos ancestrais, possuem a competência de evocar e fazer surgir essa entidade, estabelecendo assim um contato direto entre os vivos e os mortos. Deixamos claro sua importância e práticas realizadas no terreiro

Relembramos que o Orixá Ikú é o único que incorpora em toda a cabeça humana, teve por Olódumarè a permissão e a benção de acompanhar a fase da geração. Esse Orixá possui a incumbência de caminhar todos os dias ao Àiyé para decidir quais homens e mulheres serão conduzidas ao Òrum, removendo o emi (sopro da vida), impondo assim a repetição da existência, sendo assim, a doença pode ser curada, a morte não pode ser remediada.

Ocupou um bom tempo de nossa pesquisa, os atos fúnebres de Axexê, que é um Cerimonial fúnebre de um iniciado com cargo nas religiões de Matriz Africana. É a última obrigação do sacerdote, pois nesse ato se libera o Orixá protetor e de feitura do iniciado. Temos nesse cerimonial uma diferença entre os terreiros de Lessé Orixá, nos quais a cerimônia pode ser realizada por um Ogã, um Babálorixá ou Yalorixá com exceções e o Lessé Egúngún, onde todos os atos são realizados pelos Ojés, e o ritual totalmente em segredo.

Um ponto significativo da pesquisa foi a apresentação do espaço destinado aos Orixás do Terreiro “Omo Ilê Agboulá”, iniciando pelo Orixá Xangô patrono do Terreiro, fundador do culto a Egúngún. Esse Orixá teve três mulheres sendo elas Orixá Oxum, Orixá Obá e Orixá Oyá – Iansã; porém a sua grande paixão foi o Orixá Oyá- Iansã com quem teve nove filhos, sendo um desses originou-se Egúngún. O assentamento do Orixá Oyá – Iansã nesse Terreiro é localizado no Lessén na casa dos segredos.

Em seguida demos uma passagem de olhos pelo panteão africano, apresentando traços do perfil dos orixás. O Orixá Exu é um das maiores divindade do Candomblé, é um mensageiro, realiza uma ponte entre o Orixá e o humano, sendo esse muito fiel e justo. Nas

casas de Matriz Africana Exu é o sentinela e protetor, sem esse Orixá não se realiza nenhum ato dentro das casas de Matriz Africana, é o primeiro a ser tratado.

O Orixá Ossanhê é o senhor que possui o total domínio sobre as plantas milagrosas e sagradas, através das plantas possui o poder de extrair as curas e todos os males. Dentro das Casas de Matriz Africana não se realiza nenhum ato sem a presença das ervas desse Orixá.

O Orixá Onilê é a Terra-Mãe, representa tanto na vida como na morte para a Religião de Matriz Africana, em alguns terreiros de Candomblé, o assentamento pode ser observado no centro do barracão. No Terreiro Omo Ilê Agboulá encontra-se num montículo de terra. Em algumas práticas Onilê é caracterizada como a mãe que acolhe os ancestrais Egúngún.

Orixá Irôko é o Orixá que mora na árvore sagrada que representa o tempo e a Ancestralidade. Akôko é uma árvore cujas folhas têm ligação com todos os Orixás, sua folha tem ligação com a realeza, à mesma é de origem africana.

Convidamos em seguida nossos futuros leitores a conhecerem de perto e nos seus pormenores o importante culto a Egúngún, culto de muito pouco conhecimento, mesmo por estudiosos das religiões afro.

Culto de Origem africana que foi trazido juntamente pelos escravizados. Na atualidade é realizado no Terreiro localizado em Ilha de Itaparica, Salvador, Bahia, sendo denominado “Omo Ilê Agboulá”. O terreiro preserva com muito cuidado desde a época da escravidão até os dias de hoje as suas tradições de Ancestralidade, mesmo com toda a perseguição e preconceito sofrido durante todo esse tempo. Esse ritual é de total responsabilidade masculina, não cabendo as mulheres a participação nos atos secretos. O espaço sagrado do barracão e sua divisão; a roupagem e vestimentas de Egúngún totalmente sagrada denominada “opa”, a comunicação de Egúngún com seus parentes e familiares e sua sagração, as suas festividades, a importância e o fundamento do Ixã que é o instrumento de guia dos Ojés e AmuIxãs onde utilizam para guiar Babá Egum, foram os pontos que exploramos na apresentação.

Demais ambientes sagrados e públicos, não foram esquecidos em nossa pesquisa, como a casa Ilê Iyá Egbé, que é dedicada a acolhimento e reuniões da ala feminina. Essa casa é dedicada a mãe Iyá Egbé do Terreiro e o Ilê Orixá é o espaço onde permanecem os ibás dos filhos, que tiveram iniciação no culto aos Orixás. O espaço do Barracão tem a finalidade de

agregar e unir todos da comunidade e sociedade Egúngún para realização das festividades e celebrar o culto aos seus ancestrais no ambiente livre e sagrado. O assentamento no Ilê Ibò akú é denominado a casa da adoração dos mortos.

Já concluindo nossa pesquisa, mostramos a bela festividade das Águas e os Orixás homenageados, Orixá Olokun, Orixá Yemanjá, Orixá Oxum; o cortejo da bandeira para ser hasteada na praia que dá início as festividades, com seus balaios e oferendas a serem entregues na praia no dia 02 de fevereiro.

Entre as muitas conclusões podemos enumerar que: o Sincretismo Religioso no Brasil entre as Religiões de Matriz Africana que incorporaram elementos do catolicismo e indígenas, sendo essa mistura processada de maneira diferente em várias regiões do Brasil é um fato presente no Terreiro Omo Ilê Agboulá

E, ainda que, o culto a Egúngún é a preservação da vida comunitária, é o culto da Ancestralidade, é o renascer do princípio da vida individual e onde se guardam as raízes de parentescos entre familiares. Egúngún cuida, protege, preserva o equilíbrio, sendo representante de uma família, para que ela possa se lembrar dele como princípio da existência. Nas Religiões de Matriz Africana e no Terreiro “Omo Ilê Agboulá”, a vida não finaliza com a morte, a morte é uma continuação divina de seguimento da vida.

Demos conta de nossa hipótese de trabalho “os africanos mantiveram cultos religiosos através de sincretismo impostos pela igreja católica, sendo chamado de sincretismo religioso”. Essa relação entre os santos católicos e as entidades do candomblé mostra a inserção profunda na nova realidade na qual estavam inseridos. Mostra também, que em suas expressões religiosas encontraram forma para reconstruírem suas identidades

Ao longo do percurso respondemos gradualmente as questões que levantamos, tendo consciência de que não demos conta de toda a riqueza dessa experiência religiosa. Deixamos o convite para que outros pesquisadores possam avançar ainda mais nessas veredas. Terminamos, com a certeza, de ter dado a conhecer um pouco mais o culto a Egúngún, tão pouco conhecido entre nós e ter mostrado como o culto aos Egun propicia relações sociais regidos pela ancestralidade afro brasileira.

## REFERÊNCIAS

- BASTIDE**, Roger. O Candomblé da Bahia: Rito Nagô. São Paulo: Cia. Das Letras, 2001.
- BRAGA**, Julio. Ancestralidade afro-brasileira: o culto a Babá-egun, Salvador: CEAO: Ianamá, 1992.
- KABENGELE**, Munanga. Origens Africanas do Brasil Contemporâneo. Gaudi Editorial. 2012.
- LOPES**, Nei. História e cultura africana e afro-brasileira. São Paulo: Balsa Planeta, 2008.
- REIS**, João José. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- SANT'ANNA**, Sobrinho José. Terreiros Egúngún: um culto ancestral afrobrasileiro. Salvador: EDUFBA, 2015.
- SANTOS**, Juana Elbein dos. Os Nàgô e a morte: Pàde, Àsèsè e o culto Égun na Bahia; traduzido pela Universidade Federal da Bahia. Petrópolis: Vozes, 2008.
- VERGER**, Pierre Fatumbi. Noção de Pessoa e Linhagem Familiar entre os Iorubás. In: Colóquio Internacional para A Noção de Pessoa na África Negra, 1971. Centre National de la Recherche Scientifique. Paris: Ed. n° 544, 1981.
- VELAME**, Fabio Macedo. Arquitetura da ancestralidade afro-brasileira: O Omo Ilê Agboulá: um templo do culto aos Egum no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2019.
- SCHWARCZ**, Lilia Moritz; **GOMES**, Flávio dos Santos. Dicionário da Escravidão e Liberdade. 50 Textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- REDIKER**, Marcus. O navio negreiro: uma história humana. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, 456 p. A escravidão negra.
- SILVÉRIO**, Valter Roberto; Síntese da coleção História Geral da África Pré-história ao século XVI. Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013.
- PEREIRA**, Júlio César Medeiros da Silva; À Flor da Terra - o Cemitério Dos Pretos Novos No Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond: IPHAN, 2014.
- MONTEIRO**, John Manuel. Negros da terra - índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Cia. das Letras, 1994, 300pp. Fernanda Peixoto.
- SANTOS**, N. O. dos; Orixás no divã: uma análise psicanalítica dos mitos de Nanã Buruku, Obaluaê, Oxumarê e Euá. In \_\_\_\_ Revista África e Africanidades - Ano 3 - n. 9, maio, 2010 - ISSN 1983-2354.
- BANDEIRA**, L. C. C. A morte e o culto aos ancestrais nas religiões afro-brasileiras. In \_\_\_\_ Último Andar [19] – 2º semestre de 2010.

**CARMO**, A. S. T. Viver a Morte: ritos funerários e permanência do culto da memória no Japão contemporâneo – estudos de caso das zonas de Okazaki, Osaka e Maizuru Alexandra Sofia Tocha Carmo. (Dissertação). Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.

**RIBEIRO**, R. I. De boca perfumada a ouvidos dóceis e limpos. Ancestralidades Africanas, Tradição Oral e Cultura Brasileira. In \_\_\_\_\_. Itinerários, Araraquara, n.13, 1998.

**OLIVEIRA**, Ricardo Moreira. Rituais aos mortos da tradição do batuque e do candomblé. In \_\_\_\_\_ GOIÂNIA, v. 10, n.2, p. 259-270, jul./dez. 2012.

**FERRETI**, Sergio F. Multiculturalismo e Sincretismo. Conferência apresentada no I Congresso Internacional em Ciências da Religião, do PPGCR da Universidade Católica de Goiás, Goiânia 03 a 05/09/2007. Publicado In: MOREIRA, A S e OLIVEIRA, I D. O futuro das religiões na sociedade global. Uma perspectiva multicultural. São Paulo: Paulinas/UCG, 2008, p 37-50.

## REFERÊNCIAS DE FIGURAS

**ELAINE**, Robin. Casa dos escravos Ilha de Gorée. Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Casa\\_dos\\_Escravos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Casa_dos_Escravos). Acesso em 20 jan 2021. Figura: 1.

**RUGENDAS**, Johan Moritz. Escravos no Navio Negreiro. Obra: O navio negreiro (1835).  
Figura: 2, 3.

Escravos sendo jogados ao mar. Retirado de:

<https://historiaprimeiroanoblasallessp.wordpress.com/2016/11/27/viagens-negreiras/>. Acesso em 20 jan 2021. Figura: 4.

**A METAMORFOSE**. Rebelião de Escravos. Retirado de:

<http://ametamorfose1984.blogspot.com/2014/04/rebeliao-escrava-no-brasil-historia-do.html?m=1>. Acesso em 20 jan 2021. Figura: 5.

**O AUTOR**. Xirê de Candomblé. Figura: 6.

**MINHA UMBANDA**. Árvore da Ancestralidade. Retirado de:

<http://www.minhaumbanda.com.br/oracao-aos-antepassados/>. Acesso em 20 jan 2021. Figura: 7.

**MEUORIXA**. Babá Egun. Retirado de: <https://meuorixa.wordpress.com/2012/08/08/oriki-e-agdura-de-egungun/>. Acesso em 20 jan 2021. Figura: 8.

**IPHAN**. Terreiro Omo Ilê Agboulá 01. Retirado de:

<http://portal.iphan.gov.br/ba/noticias/detalhes/5274/reforma-do-terreiro-ile-omo-agboula-e-concluida-em-itaparica-ba>. Acesso em 20 jan 2021. Figura: 9.

**VERGER**, Pierre Fatumbi. Maria Bibiana do Espírito Santo. Figura: 10, 36.

**IBGE**. Mapa de Localização do Terreiro Omo Ilê Agboulá. Fonte: Base Cartográfica IBGE 2000. Figura:11.

**ARRUNDEGY**. Festa de homenagem a Babá Egun Terreiro Omo Ilê Agboulá. Retirado de:

[http://arrundegy.blogspot.com/2009/06/Babá-egun\\_26.html](http://arrundegy.blogspot.com/2009/06/Babá-egun_26.html). Acesso em 28 dez. 2020.  
Figura:12.

**COELHO**, Jamile; **MARIA**, Cintia. Orun Aiyê – ligação entre o Céu e a Terra. Orun Aiyê, curta feito em stop motion e que de maneira delicada e cuidadosa narra a criação do mundo a partir do Orixá. Direção: Jamile Coelho e Cintia Maria. (Foto: Divulgação). Figura:13.

**SOLUÇÕES PARA CIDADES** . Arvore Amoreira com frutos. Retirado de:

<https://www.solucoesparacidades.com.br/> Acesso em 28 dez 2020. Figura:14.

**MIR**, Alex. Orixás em quadrinhos, 2019. Orixá Ikú a morte. Figura:15.

**PORTAL ESPIRITUALL**. Emi – sopro da vida. Retirado de: <http://portalespirituall.blogspot.com/>

Acesso em 28 dez 2020. Figura:16.

**MARINHO**, Arisson. Cortejo Fúnebre de um iniciado no Candomblé com cargo. Jornal Correio24Horas. Figura:17.

**CARYBÉ**. Início do Ritual do Axexê. s/d. Figura:18, 34.

**WIKIMEDIA**. Oferenda Ritual de Axexê. Retirado de: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ad/Ritual\\_de\\_Axexê.JPG](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ad/Ritual_de_Axexê.JPG) Acesso em 28 dez 2020. Figura:19.

**SUAMIDOSUN**. Padê de Exu. Retirado de: <http://suamidosun.blogspot.com/2010/10/falando-sobre-o-ipade.html>. Acesso em 28 dez 2020. Figura:20.

**LÔBO**, Rodrigo. Ritual na casa do falecido. Acervo JC Imagem. Figura:21.

**EXTRA**. Orixá Xangô. Retirado de: <https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/pai-paulo-de-oxala/o-rei-dos-orixas-ajudara-em-justica-estudos-5304377.html>. Acesso em 28 dez 2020. Figura:22,25,31.

**VELAME**, Fábio Macêdo. Arquiteturas da Ancestralidade Afro-brasileira: O Omo Ilê Agboulá um templo do culto aos Egum no Brasil, 2019. Figuras: 23, 26, 28, 32, 35, 37, 38, 39,43, 44,

**A MAGIA DO AXÉ**. Orixá Oyá – Inhasã. Retirado de: <http://amagiadoaxe.blogspot.com/2012/09/lendas-Oyá-ygbale-iansa-do-bale.html>. Acesso em 28 dez 2020. Figura: 24.

**ÁGUAS DE ARUANDA**. Orixá Ogum. Retirado de: <https://www.aguasdearuanda.org.br/post/2018/04/22/dia-23-de-abril-dia-do-orix%C3%A1-ogum>. Acesso em 28 dez 2020. Figura: 27.

**CENTRO CULTURAL RAIOS DE LUZ**. Orixá Ossanha. Retirado de: <http://www.centroculturalraiodeluz.com.br/2017/05/orixa-na-cultura-yoruba-ossain.html>. Acesso em 28 dez 2020. Figura: 29.

**GUARDIÃO GUERREIRO**. Orixá Onilé. Retirado de: <http://guardiaoguerreiro.blogspot.com/2016/03/onile-mae-terra.html>. Acesso em 28 dez 2020. Figura: 30.

**OMIDEWA**. Folha de Akôko. Retirado de: [http://omidewa.com.br/public\\_html/arquivos/736](http://omidewa.com.br/public_html/arquivos/736) Acesso em 28 dez 2020. Figura: 33.

**ÁGUAS DE OLOKUN**. Orixá Olokun. Retirado de: <https://aguasdeolokun.wordpress.com/2015/05/16/lenda-de-olokun/> Acesso em 29 dez 2020. Figura: 40.

**DAMASCENO**, Tatiana Maria. Orixá Yemanjá. 2015. Figura: 41.

**NUNES**, Joseph. Figura 42 - Orixá Oxum. 2016. Figura: 42.

**SANTUÁRIO SENHOR DO BONFIM**. Basílica Santuário do Senhor do Bonfim. Retirado de: <http://www.santuariosenhordobonfim.com/historia>. Acesso em 29 dez 2020. Figura: 45.